MARÍLIA GABRIELLA MACHADO

CONSELHOS DE FÁBRICA E DEMOCRACIA OPERÁRIA EM GRAMSCI (1919-1920)

FFC- UNESP/Marília
2020

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

MARÍLIA GABRIELLA MACHADO

CONSELHOS DE FÁBRICA E DEMOCRACIA OPERÁRIA EM GRAMSCI (1919-1920)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília – UNESP – como exigência para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, com orientação do prof. Dr. Marcos Del Roio, da linha de pesquisa Determinações do Mundo do Trabalho.

FFC- UNESP/Marília
2020

M149c

Machado, Marília Gabriella
Conselhos de Fábrica e Democracia Operária em Gramsci (1919-1920) / Marília Gabriella Machado. -- Marília, 2020
158 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
Orientador: Marcos Del Roio

1. Gramsci. 2. Conselhos de Fábrica. 3. Democracia Operária. 4. Itália. 5. Fordismo. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Marília

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE MARÍLIA GABRIELLA BORGES MACHADO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS, DA FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS - CÂMPUS DE MARÍLIA.

Aos 14 dias do mês de setembro do ano de 2020, às 14:30 horas, no(a) Via sistemas de videoconferência e outras ferramentas de comunicação a distância, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof(a). Dr(a). MARCOS TADEU DEL ROIO - Orientador(a) do(a) Departamento de Ciências Políticas e Econômicas / Unesp, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, Prof(a). Dr(a). LEANDRO DE OLIVEIRA GALASTRI do(a) Departamento de Ciências Políticas e Econômicas / Unesp, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, Prof(a). Dr(a). GIOVANNI FRESU do(a) Programa de Pós-Graduação em Filosofia / Universidade Federal de Uberlândia, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de MARÍLIA GABRIELLA BORGES MACHADO, intitulada **CONSELHOS DE FÁBRICA E DEMOCRACIA EM GRAMSCI (1919-1920)**. Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Prof(a). Dr(a). MARCOS TADEU DEL ROIO

Prof(a). Dr(a). LEANDRO DE OLIVEIRA GALASTRI

Prof(a). Dr(a). GIOVANNI FRESU

Na banca de defesa, houve modificação do título da Dissertação de Mestrado de "Conselhos de Fábrica e Democracia em Gramsci (1919-1920)" para "Conselhos de Fábrica e Democracia Operária em Gramsci (1919-1920)".

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

O bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

Manuel Bandeira,

Rio 25-02-1947.

MACHADO, Marília Gabriella. **Conselhos de Fábrica e Democracia Operária em Gramsci (1919-1926)**. 2020. 158 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ciências Sociais). – Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, Universidade Estadual "Júlio de Mesquita Filho", Marília, 2020.

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa teórica que empreende uma abordagem dialética que busca compreender a teoria gramsciana a partir do que o autor efetivamente expressou. O objetivo central desse estudo é o de seguir a apreensão teórica / prática de Antonio Gramsci relativa à experiência dos Conselhos de Fábrica como o fundamento de uma nova democracia, como órgão a partir do qual se organiza a produção e o poder operário. A hipótese de trabalho é que a experiência conselhista italiana -- na visão de Gramsci -- prefigurava um americanismo de novo tipo e um fordismo com controle operário, momento de expansão ético-política da cultura operária socialista de construção de um novo Estado e de uma nova ordem. As fontes utilizadas são os textos de Antonio Gramsci, alguns de seus interlocutores e reflexões de importantes autores que discutem a teoria gramsciana, a fim de obter compreensão do cenário político e teórico que Gramsci se encontrava.

PALAVRAS CHAVE: Gramsci. Conselhos de Fábrica. Democracia Operária. Itália. Fordismo.

MACHADO, Marília Gabriella. **Councils of Factory and Workers Democracy in Gramsci (1919-1926)**. 2020. 160 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ciências Sociais). – Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, Universidade Estadual "Júlio de Mesquita Filho", Marília, 2020.

ABSTRACT

It is a theoretical research that undertakes a dialectical approach that seeks to understand grammar from what is actually expressed. The basics of this study are as follows: an academic pre-training course by Antônio Gramsci, a production organization and a decision-making power. The working hypothesis is an Italian conscious experience - in the Graphics view - prefiguring a new type of Americanism and a forensic worker's control, a moment of ethical-political expansion of the socialist working culture of a new state and a new order. The sources used are the texts of Antonio Gramsci, some of his interlocutors and reflections of great importance, authors of the literature of foundation, a course of more detailed and theoretical understanding that the Graphic was.

KEYWORDS: Gramsci. Councils of Factory. Democracy. Italy. Fordism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 8
CAPÍTULO I: GRAMSCI E OS CONSELHOS DE FÁBRICA 17
1.1 Gramsci e a intransigência 17
1.2 Os limites do Partido Socialista Italiano e do Sindicato 24
1.3 O internacionalismo dos Conselhos de Fábrica 29
1.4 L'Ordine Nuovo e os Conselhos de Fábrica 37
1.5 O Partido Socialista Italiano, o Sindicato e os Conselhos de Fábrica 54
CAPÍTULO II: AMERICANISMO OPERÁRIO E FORDISMO REVERSO 62
2.1 O proletariado de Turim no protagonismo da revolução 62
2.1 Organização e emancipação do trabalho 72
2.3 Trabalho e política nos Conselhos de Fábrica 84
2.4 Americanismo e fordismo: horizonte vermelho 93
CAPÍTULO III: CONSELHOS DE FÁBRICA E DEMOCRACIA OPERÁRIA ... 104
3. A democracia operária 104
3.2 *L'Ordine Nuovo* e a construção do Estado operário 119
3.3 O Estado operário – uma discussão gramsciana 124
3.4 O Partido revolucionário e a escola do trabalho no *devir* 130
3.5 A derrota 135
CONSIDERAÇÕES FINAIS 138
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 145
OUTRAS FONTES 152

"O socialismo é uma visão íntegra da vida: tem uma filosofia, uma mística, uma moral."

Gramsci, 1917.

INTRODUÇÃO

O Conselho de Fábrica se desenvolve como embrião do Estado operário por ser constituído essencialmente pela democracia operária. Por meio da autogestão da produção, da autoeducação e da autodisciplina, desenvolvem uma visão íntegra da vida ao transformar o proletariado organizado e ao possibilitar a transformação da sociedade para o socialismo. Por assim serem, os Conselhos podem representar ainda hoje uma forma de luta organizada das classes que se compreendem antagônicas ao capital e que desejam a transformação radical da sociedade.

Segundo Gramsci, os Conselhos de Fábrica poderiam ser o embrião de um novo modo de pensar e agir, diferentes dos Partidos e dos Sindicatos, mas, quando unificados na luta criariam uma reforma intelectual e moral. Independente das singularidades na organização operária e das diferenças em cada país, os Conselhos – em nível internacional -- surgiram como um meio para o desenvolvimento do poder da classe trabalhadora, sendo uma organização da qual o proletariado se apoiou para adquirir o controle e o poder operário.

Quando organizados nos Conselhos, o proletariado criou uma nova psicologia operária que possibilitou a elaboração de uma cultura crítica e de um novo modo de produzir. Quando a produção foi autogerida por operários mais conscientes e qualificados, com objetivo de substituir o Estado burguês, a classe operária de Turim se tornou protagonista e criadora de sua própria história. Dessa maneira, os Conselhos, segundo análise histórica, mas com finalidade política, podem ser analisados como uma nova forma de cultura, de organização da economia, de ação política, de controle das fábricas e de organização da sociedade.

***

O interesse pelo objeto *Conselhos de Fábrica e Democracia em Gramsci (1919-1920)* [1] surgiu de inúmeros debates com o Dr. Marcos Del Roio, meu orientador, sobre a importância de uma organização política/cultural e econômica criada pelos trabalhadores. Um organismo distinto do Sindicato e dos Partidos, que atuam de maneira contratualista e no âmbito burguês, mas que possua relação direta com a capacidade de organização dos trabalhadores para uma ruptura com o capital.

Mostrou-se necessário que essa organização tivesse como fundamento principal uma nova forma de democracia e de *práxis*. Foi nesse percurso que os Conselhos surgiram prontamente dentro do debate de Gramsci, como a organização que objetiva o poder da classe operária, mas sem perder de vista a importância da democracia de novo tipo, da tomada de decisões planejadas e fundamentadas na história e na análise concreta da realidade.

***

Em 1911, chegava da Sardenha, rumo ao Norte italiano, um jovem que mais tarde se tornaria um dos dirigentes do Partido Comunista da Itália (PCd'I) e futuro prisioneiro da ditadura fascista.

Gramsci trouxe para Turim muitas de suas reflexões sobre o Sul. Em seu trajeto político-intelectual, o jovem trazia a importância do campesinato para a realização de uma transformação estrutural da sociedade. Ao instalar-se na região mais industrializada do Norte italiano, conhece e reconhece o proletariado como o protagonista da revolução comunista sem deixar de pensar a importância do campesinato.

[1] Os Conselhos de Fábrica surgiram para a minha pesquisa, ainda de Iniciação Científica, como essa forma de organização política, econômica e social dos trabalhadores. Uma pesquisa foi iniciada durante a minha graduação em Ciências Sociais, na UNESP de Marília-SP, e teve como problema principal desenvolver uma análise dos Escritos Políticos de Antonio Gramsci, pois são textos pouco conhecidos pela academia e pelos meios políticos. Principalmente nas Universidades e no senso comum, Gramsci ainda é mal visto e, de certa maneira, há um ostracismo em torno do pré-1926. Iniciei a pesquisa a partir do meu segundo ano de graduação e a questão dos Conselhos tornou-se de grande importância para fundamentar as questões que levaram Gramsci a desenvolver as categorias de hegemonia, bloco histórico, Partido revolucionário, entre outras. Principalmente a questão da hegemonia, foi algo que aguçou a minha curiosidade e me fez permanecer nos estudos gramscianos, pois eu gostaria de compreender a questão do poder político, não somente, mas um poder alternativo ao burguês e à economia capitalista -- que ultrapassa a questão econômica e age diretamente na política, na cultura, na educação, nas Igrejas e na consciência das classes sociais --.

A formação intelectual de Gramsci foi realizada nas salas de aula da Universidade de Turim e contou com os estímulos de seus professores. Desenvolveu-se dentro da perspectiva revisionista e se fundamentou no neoidealismo italiano, com a forte presença de Benedetto Croce e Giovanni Gentile. Conforme conhecia o movimento operário, travava inúmeros debates sobre a questão da cultura operária e a importância do proletariado em conhecer seu papel histórico e direcionar a revolução socialista. Claro que para isso, foram de grande importância questões históricas nacionais e internacionais que estavam em vigor, além do afastamento do neoidealismo e a aproximação com a teoria de Georges Sorel, Rosa Luxemburg e Lenin.

Por meio de Sorel e Rosa Luxemburg, Gramsci identificou os problemas do movimento operário e iniciou seu caminho mais à esquerda. A aproximação de Gramsci com Sorel desencadeou a perspectiva de que os trabalhadores deveriam se armar com o espírito de cisão para fazer oposição ao capital; de Rosa Luxemburg estiveram presentes as questões sobre os Conselhos e os Sindicatos.

Gramsci estabeleceu relações com ambientes de organização juvenil socialista, período do qual sua orientação política se desenvolvia. O primeiro contato de Gramsci foi com o movimento operário e somente depois estreitou laços com o Partido Socialista Italiano (PSI). Não existe data comprovada, mas a bibliografia compreende que possivelmente Gramsci se filiou ao PSI em meados de 1913. Desde então, travou muitas batalhas no campo das ideias com o positivismo e com o reformismo que o Partido apresentava em suas ações. A falta de um programa máximo revolucionário, além da ausência de concretude nas ações do Partido foram pontos significantes para, mais tarde, Gramsci compreender a necessidade de formação de um Partido Revolucionário que absorvesse e representasse o proletariado e o campesinato.

Durante anos participou e protagonizou as convulsões sociais dos italianos. Analisou e muito escreveu sobre os acontecimentos, de forma que nos deixou com uma imensidão de artigos e textos para compreendermos a grande importância da Itália durante os dias revolucionários e reacionários do século XX. Para Gramsci, os revolucionários entendem a história como criação própria e preparam as condições para a revolução. Nesse sentido, é possível notar que Gramsci absorvera as lutas do proletariado, sendo uma de suas principais fases de desenvolvimento o encontro com a

Revolução Bolchevique, que demarca o nexo entre política, cultura, revolução e socialismo em toda sua obra.

No final da Guerra Imperialista, a Rússia começa a desenvolver a possibilidade de uma revolução de cunho popular que destruiria o poder burguês instalado no país desde 1905. Gramsci se mostrou muito entusiasmado com a revolução que estava em curso, o que o fez aprimorar e melhor desenvolver suas reflexões, retirando da experiência russa "indicações úteis para dar realidade concreta a propósitos e a aspirações até então situados no plano ideal.". (RAPONE, 2014, p.107).

Os *Soviets* de Petrogrado (1917) [2] surgem após o desencadeamento de greves gerais que se instauraram em grandes centros urbanos do país. Ao analisar a experiência russa, Gramsci enxerga os *Soviets* como um órgão de direção central do proletariado que tem como objetivo direcionar essa classe para o poder do Estado e para a liberdade comunista. Enxergou na revolução proletária mais do que a destruição do Estado e do poder capitalista, pois os *Soviets* criavam novos elementos de cultura, de economia e de política. Ao se tornar possível a criação de uma nova autonomia e sociabilidade, Gramsci passou a compreender a possibilidade de ocorrer uma revolução semelhante em seu país.

São entre as limitações do Partido Socialista Italiano e da *Confederazione Generale del Lavoro* (CGL), agregado à Revolução Bolchevique, que Gramsci começa a enxergar nos *Soviets* a possibilidade de uma nova organização do proletariado. Os Conselhos significavam a possibilidade de o proletariado fabril estar organizado politicamente e economicamente em um órgão autônomo de democracia operária para a realização da revolução socialista. Mas, já existiam na Itália as Comissões Internas que atuavam nas fábricas. Essas Comissões surgiram como frente ao Sindicato e ao Partido, certamente esboçavam a possibilidade de se transformarem em Conselhos.

Durante a Revolução de Outubro, um dos temas mais importantes, e que estava na ordem do dia, foi a respeito do mundo do trabalho na transição socialista e das

[2] Os *Soviets* da Revolução Russa se tornaram o centro do processo revolucionário burguês "eram constituídos pelos delegados de todas as fábricas, quer estas estivessem em greve, quer se encontrassem em normal funcionamento." Em 1917, o modelo dos *soviets* é readaptado e reformulado, "constituíram-se através de todo o país e foram à verdadeira força motriz da revolução.". (PANNEKOEK, 1975, p.11).

transformações tecnológicas que resultariam no desenvolvimento da consciência dos operários. Segundo Linhart (1983, p.21), a questão também foi colocada no campo, mas poucas foram as transformações durante o período revolucionário.

Como ficaria a organização do trabalho durante o socialismo que o proletariado russo lutava para instaurar?

Lenin seguia o exemplo de um taylorismo[3] com o objetivo de aumentar a produção e diminuir o tempo de trabalho socialmente necessário. A taylorização nas fábricas russas muito colaborou no desenvolvimento dos *Soviets* na autogestão da produtividade. Para tanto, a taylorização, de tipo operário, gerida pelo *Soviet* esteve voltada para a disciplina do trabalho e o aumento da produtividade com elementos novos e tecnológicos. Dessa maneira, o modo de produção taylorista marcaria o sistema soviético até a sua queda, pois se tratava de uma nova forma de organização do trabalho planejado, tornando possível uma apropriação consciente do fruto de seu trabalho pelo operário, além de vencer a distância entre a escola e a fábrica.

O debate claramente chegou à Itália e os Conselhos de Fábricas assumiram a função de organizar o trabalho nas indústrias. Para além da organização do trabalho e do trabalhador, os Conselhos se tornaram um órgão de poder político que operava para realizar a revolução socialista italiana. A partir do controle operário, trabalhavam com o objetivo de construir uma democracia operária para que o controle da produção e da cultura estivesse diretamente ligado à classe proletária. A função do proletariado tornava-se cada vez mais séria e demarcada: a autoeducação para compreender sua função histórica e também os próximos passos para o direcionamento de uma ação política eficaz.

***

Parto da premissa que em cada período histórico o ser humano se adapta de acordo à realidade determinada e possui determinado perfil no ambiente de trabalho. No período feudal há o servo da gleba, no capitalismo existe o trabalhador assalariado que pode se sindicalizar ou até mesmo se filiar em algum partido, ambos por ações

[3] Para melhor aprofundamento no tema, buscar a seguinte referência: LINHART, Robert. **Lenin, os camponeses, Taylor.** Marco Zero, 1983.

voluntárias e contratualistas -- quando compreendidos a partir de um contexto mais crítico --. O operário busca por melhorias nas condições de trabalho e nas condições salariais, para tanto, busca o sindicato e o partido político para lidar com essas situações.

Contudo, em uma sociedade emancipada o fundamento do trabalho é outro. É o fundamento de um trabalho livre e de trabalhadores livres, autodisciplinados e autoeducados. E é exatamente isto que pretendo demonstrar neste texto: como os operários de Turim criaram um americanismo e fordismo reverso capaz de transformar a política, a economia e a cultura da fábrica. Não há a pretensão de projetar o presente no passado, mas de compreender o passado e captar indicativos positivos daquela experiência que podem, ainda hoje, servir de contribuição para pensar e organizar as classes subalternas. Desta forma, o que mais interessa é compreender a possibilidade de transformação da consciência de classe dos trabalhadores quando auto-organizados, autoeducados e autogeridos.

O texto foi dividido em três capítulos, mas observa-se a importância de ser lido na íntegra para compreender o desenvolvimento temporal e categórico de Gramsci, pois as questões que envolvem o Partido e o Sindicato; trabalho e democracia operária; bem como americanismo e fordismo, são temas essenciais para a reflexão do todo.

No primeiro capítulo, o ponto central discutido é a relação de Gramsci, do semanário *L'Ordine Nuovo*, do PSI e da CGL com os Conselhos de Fábrica. Não é apenas o ambiente histórico da época e não deve ser visto apenas como contextualização do período estudado, pois essas questões são vistas como o ponto máximo de desenvolvimento marxista na obra gramsciana.

Sendo assim, em primeiro momento há uma reflexão sobre a intransigência, estratégia de luta que perfaz a obra de Gramsci desde 1915 e que é vitoriosa no Partido Socialista apenas em meados de 1918. A discussão se desenvolve em torno das problemáticas e limites do PSI e da CGL, limites próprios desses institutos devido às questões nacionais e reformistas presentes na linha majoritária dessas duas instituições.

O surgimento dos Conselhos de Fábrica e do *L'Ordine Nuovo* demarcam outro ponto de desenvolvimento na obra gramsciana, onde o autor estabelece conexão ainda

maior no campo marxista e se aproxima efetivamente do movimento conselhista italiano, não deixando de lado as experiências internacionais.

Em último momento, e não menos importante, os limites do PSI e da CGL são trazidos à luz de reflexão na relação com os Conselhos. Devido à ausência desses institutos em direcionar o proletariado para a revolução socialista, Gramsci discute em seus textos questões que deveriam ser inerentes na prática política dessas instituições, coloca-se ao lado dos Conselhos e dos operários e, aos poucos, se distancia do Partido e do Sindicato, mesmo acreditando na possibilidade de auto-renovação e transformação de ambos.

No capítulo dois, o objetivo de perscrutar, nos textos de Gramsci e de companheiros do *L'Ordine Nuovo*, como foi a organização do trabalho nas fábricas e qual era o funcionamento dos Conselhos em relação ao poder e ao controle operário se mostrou altamente positivo. O segundo objetivo, mas dialeticamente ligado ao primeiro, foi demonstrar que os operários conselhistas de Turim foram capazes de elaborar um americanismo e um fordismo reverso, que transforma o perfil do operário, que cria um operário de tipo comunista fundado na democracia operária.

Reverso possui significado importante para denominar o período dos Conselhos de Fábrica quando se é observado o movimento da história por meio do prisma gramsciano: com formulações que investigavam a profundidade dos acontecimentos, concentradas nas contradições do cotidiano do movimento operário e da nova organização do proletariado turinês. É com o objetivo de compreender a experiência de Turim como a "Petrogrado da Itália" que este capítulo debruça suas reflexões nos artigos de *L'Ordine Nuovo*, com a finalidade de explicar, por meio dos escritos de Gramsci e de operários, o movimento para além das aparências, suas contradições e suas formas materiais que apenas podem ser encontradas a partir do verso e reverso da vida fabril que proporciona ao operário a capacidade de pensar para além de seu trabalho e elaborar uma nova cultura e novas formas organizativas.

O esforço de Gramsci ao analisar os dois anos vermelhos é o de dar forma política ao antagonismo espontâneo das massas, compreender teoricamente qual o direcionamento da classe operária -- que já possuía um antagonismo de classes e um

enfrentamento ao capital -- para a produção livre nas fábricas e à construção de um novo modo de vida.

O terceiro capítulo teve como objetivo refletir sobre questões voltadas à democracia operária/ditadura do proletário e construção do Estado operário: debate presente nos artigos jornalísticos de Gramsci e nas publicações do semanário socialista. Tornou-se pontual discutir a concepção de democracia operária para Gramsci e escritores do *L'Ordine Nuovo*, como também para Rosa Luxemburg. Ao compreender que a construção do Estado operário precisa, necessariamente, estar relacionado com os institutos da massa, o debate se desenvolve na lógica do *devir* e de como deveriam agir o Partido e o Sindicato na prefiguração de Gramsci.

No ano de 1921 há a fundação, dirigida por Amadeo Bordiga, do Partito Comunista d'Itália (PCd'I). Gramsci participa da fundação do partido, órgão operário do qual elaborou críticas e formulações teórico-práticas, tanto para o desenvolvimento da revolução, como para a luta antifascista. Contudo, nunca abandonou a fórmula organizativa do *Biennio Rosso*, notável em seus textos, cartas e cadernos escritos no cárcere.

A Itália dos anos seguintes viveria a ditadura fascista de Benito Mussolini. Os Conselhos de Fábrica foram derrotados, bem como o proletariado foi derrotado em nível nacional e internacional... Basta encontrar, com base na história, e na análise concreta da realidade concreta, as novas formas de luta.

***

Questões metodológicas

Os três momentos históricos, anteriores ao cárcere, mais importantes na obra gramsciana são: o processo da Revolução Bolchevique (1917), o *Biennio Rosso* italiano (1919-1920) e o primeiro antifascismo (1919-1926). Essenciais para uma leitura gramsciana, os *Quaderni del Carcere* podem ser lidos como um desenvolvimento das categorias e reflexões do autor na esfera compreensiva de criação de um projeto político revolucionário que era esboçado desde a juventude. Além da bibliografia complementar, que se perfaz em livros de intelectuais gramscianos brasileiros e italianos, este trabalho conta de maneira significante com a leitura e análise de inúmeros textos de Gramsci.

Os textos referenciados como (GRAMSCI, 1973) foram lidos/citados do livro *Scriti Politici*, organizados na íntegra por Paolo Spriano.

Os textos referenciados como (GRAMSCI, 1977) foram retirados dos *Quaderni del Carcere*, organizados por Valentino Gerratana.

Os mais utilizados e referenciados como (GRAMSCI, 1954) fazem parte do livro *Opere di Antonio Gramsci*: *L'Ordine Nuovo: 1919-1920*, organizados e publicados pela Editora Einaud, na Itália.

Não menos importantes, há alguns textos do Semanário *L'Ordine Nuovo* que datam 1919 e 1920, estes foram lidos na íntegra, em publicação original e compartilhada em formato PDF pela IGS-Itália.

Portanto, a base teórica deste trabalho é a obra de Gramsci e a análise busca contemplar o que o próprio autor escreveu, sendo a bibliografia complementar base fundante e essencial para a explanação do texto. Dentre as diferentes visões da obra gramsciana, deve-se observar que não se extingue nenhuma visão que esteja no campo de um Gramsci leninista/marxista, mas que refuta qualquer análise de um Gramsci não lido na íntegra e de uma interpretação desonesta, como tem acontecido por maus leitores e oportunistas/demagogos/gurus, que colocam Gramsci num lugar onde o autor nunca pertenceu.

Todos os textos de Gramsci e de *L'Ordine Nuovo*, como alguns comentadores, foram lidos na língua italiana. A tradução, assim como o texto completo, é de plena e total responsabilidade da autora.

CAPÍTULO I: GRAMSCI E OS CONSELHOS DE FÁBRICA

> *"A perda das forças não esgota a vontade. Crer é apenas a segunda potência; a primeira é querer; as montanhas proverbiais que a fé transporta nada valem ao lado do que a vontade produz."*
>
> *Victor Hugo, 1866.*

1.1 Gramsci e a intransigência

Encabeçada por operários e camponeses com o objetivo principal de substituir o poder burguês pelo poder do povo, de fato, a Revolução Bolchevique (1917) abalou o mundo. Na Itália, as notícias chegaram tardiamente e a maioria eram trazidas pela mídia socialista – não notícias integrais – ou então pelas mídias burguesas que tratavam do assunto de forma distorcida e ideológica. Mesmo com dificuldades, a imprensa socialista teve acesso ao fundamento da revolução: o poder na Rússia agora pertencia aos povos que foram oprimidos.

Antonio Gramsci muito se entusiasmou com os fatos e estudou a Revolução, apoiou-a e buscou compreender se a Itália também seria palco de uma transformação radical. Desde abril de 1917, Gramsci publicava no jornal *Il grido del popolo* alguns artigos sobre os acontecimentos na Rússia.[4] Estes textos mostram o grande entusiasmo de Gramsci com a Revolução e demarcam na linha teórica uma aproximação cada vez maior com o marxismo e com o proletariado internacional.

Tanto a Revolução, como a entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial, foi fundamental para inserir Gramsci no campo do marxismo revolucionário. Desde que chegou a Turim para cursar a Universidade (1911),[5] o jovem neoidealista se colocou ao lado do proletariado, e desde que se filiou ao PSI começou a tecer inúmeras críticas ao

[4] No texto *A situação política na Rússia*, publicado no Jornal *Avanti!* do dia 24 de novembro de 1917, Gramsci escreve que não há notícias precisas sobre os acontecimentos da revolução, mas que assim como a Revolução Burguesa na França demorou para encontrar a figura representativa de Napoleão, na Rússia poderia não ser diferente.

[5] Gramsci chega a Turim em outubro de 1911. Nesse período, a Sardenha vivia sob a ligação histórica com o Piemonte. Segundo Rapone (2014, p.52), um dos traços mais marcantes de Gramsci é seu amadurecimento relacionado à desprovincianização que é caracterizado pela superação de um modo de viver e de pensar não mais regional e paroquial. A visão de Gramsci se transformara com o caráter natural e de acordo com necessidades culturais e correntes europeias.

revisionismo positivista do Partido. Gramsci possuía certo entusiasmo em aprender sobre o pensamento italiano e europeu. A presença de Croce e Giovanni Gentile foi muito importante para o autor interpretar o real e fornecer as categorias necessárias. Segundo Rapone (2014, p.60), Gramsci conheceu Marx por meio das leituras que fizera das obras de Croce e de Gentile. Por meio de Sorel, Gramsci identificava as contradições do movimento operário e dos institutos da classe operária italiana, o Partido e o Sindicato. Aos poucos, caminhava para a corrente *massimalista* de Amadeo Bordiga sem passar pelas vulgarizações que predominavam no PSI.

Em Turim, o revolucionário sardo estabeleceu relações com ambientes da organização juvenil socialista, período do qual sua orientação política se desenvolvia. Segundo Gramsci, a revolução socialista ocorreria não como produto inevitável do estado de coisas, não de determinismo, mas de vontade organizada e ação política efetiva. Vivia no meio operário e participava da fase de adesão ao PSI às greves de operários das fábricas de automóveis nos anos de 1912 e 1913, greves essas que tiveram a predominância de trabalhadores turineses. (RAPONE, 2014, p.74). A compreensão de Gramsci sobre tais conflitos contribuiu para um caminho de compreensão sobre a psicologia das classes subalternas e da luta operária antagônica ao capital.

O jovem escrevia no célebre artigo *A revolução contra O Capital*, publicado em 24 de dezembro de 1917, que é apenas por meio da luta de classe que a burguesia e o proletariado criam história, momento do qual o proletariado sente a miséria e luta para melhorar suas condições de trabalho e de bem estar, além de compreender a capacidade de autogovernar-se e desenvolver a consciência de classes. Segundo Gramsci, o momento que a Rússia vivia era único porque os socialistas viviam realmente o pensamento de Marx, se aproximavam de outros operários, desenvolviam entre si a vontade social e coletiva, compreendiam o ambiente de trabalho e a política para que essa fosse o motor da transformação da vontade em ato, para a construção de uma nova sociedade. (GRAMSCI *in* Org. SPRIANO, 1973, pp.130-134).

Gramsci desenvolve a reflexão sobre partido desde seus primeiros artigos jornalísticos até os *Quaderni del Carcere*. Em linhas gerais, entende o partido como uma instituição formada por determinada classe que pretende se afirmar no Estado. O partido, identificado pela classe e idêntico à classe, seria um representante desse setor,

de forma que se torna uma organização estruturada na massa. Os partidos surgem na sociedade capitalista, demarcam o campo das relações de força na medida em que organiza, consolida e leva a classe ao poder.

No caso italiano, os partidos modernos não se desenvolveram completamente, o que seria uma das consequências da revolução passiva durante o *Risorgimento*. O Estado agia na função dirigente e diretiva como um Estado-governo que, além de se colocar acima dos Partidos, agia como Partido na organização dos interesses nacionais e das elites devido à massa italiana não ser completamente agregada e organizada.

O Partido Socialista Italiano surge em 1892, no congresso de Gênova, em um momento de industrialização do país, com o propósito de aglutinar as massas desagregadas e transformar a sociedade italiana que se desenvolvia junto ao desenvolvimento econômico e trabalhista. Aos poucos, o Partido começa a atuar no movimento das massas, mas sem direcioná-la para alguma atuação política. O PSI se dividia em duas frações: a fração reformista e a fração revolucionária. Gramsci fez parte da fração *massimalista*/revolucionária que defendia a proposta de um programa máximo e do dever de o Partido criar um programa de revolução que, na realidade e por conta das condições da Itália, deveria agir e tomar forma como programa mínimo, já que morfologicamente o Partido era socialista.

O Partido teve momentos de prestígio entre a massa, mas, mesmo com grande número de operários filiados não conseguiu criar os organismos necessários que agrupassem, educassem e disciplinassem o proletariado. Gramsci enxergava os limites do Partido e realizava as críticas necessárias sobre o posicionamento reformista dos companheiros, defendendo uma linha de intransigência na prática política e de tolerância no debate das ideias. O desenvolvimento da teoria de partido gramsciana é fundamentado na análise do envolvimento e das ações políticas do PSI e, posteriormente, no envolvimento e nas ações revolucionárias do PCd'I, fruto da Segunda Refundação Comunista que segue a linha da Terceira Internacional.

Para Gramsci, o Partido deveria ser entendido como uma instituição contratualista, oriunda do capitalismo que atua no Estado burguês, assim como o Sindicato. O Partido, em primeiro momento, é uma organização mais restrita das classes

subalternas, sendo uma instituição que realiza a participação na vida política e administrativa do Estado. Age também de maneira mais ampla como uma definição da organização de classe em conjunto. Será em fins de 1917 e começo de 1918, que a visão de partido, para Gramsci, "assume assim fisionomia mais precisa", tanto na natureza, como nas funções e tarefas, "não tanto da organização de classe em geral quanto da organização política (...).". (RAPONE, 2014, p.349).

Nesses anos, influenciado pela Revolução Bolchevique e descontente com a política do PSI, o revolucionário italiano escreve sobre as tarefas e funções do Partido com a classe operária. Aos poucos, começa a desenvolver uma teoria de Partido voltada para a participação com a classe de origem, de forma que o Partido se torna um sujeito político e histórico que atua para determinado fim.

A intransigência de Gramsci se torna cada vez mais nítida, pois em sua teoria, no momento em que há uma identificação do Partido com a classe, o espírito de cisão é fundamental para a criação de uma nova cultura, de um americanismo de tipo operário. Dessa forma, a intransigência estaria diretamente relacionada com a questão da cisão das classes, do espírito de cisão para elaboração do americanismo de tipo operário, pois o espírito de cisão do proletariado agiria para criar uma nova cultura, uma nova política e uma nova economia. Fator fundamental é a intransigência nesse cenário, porque recusa práticas com as classes dominantes – entre partidos, cultura, política e economia -. Portanto,

> o socialismo de Gramsci, pela orientação política geral, pertence desde o início ao campo do socialismo intransigente e revolucionário, não há dúvida de que, pelo conceito de educação das consciências, pela insistência nas premissas intelectuais da ação política, tratava-se de algo muito diferente de um revolucionarismo feito, sobretudo de afirmações intransigentes e contraposições esquemáticas, segundo o hábito mental típico da extrema esquerda turinense, da qual diversos expoentes deviam considerar a índole de Gramsci até mesmo excêntrica. (RAPONE, 2014, p.86).

A intransigência era debate na Itália, mas já estava presente como método de luta na obra de Gramsci muito antes de o PSI avaliar e tornar a intransigência método de

ação política – nesse caso, teórica, pois as ações do Partido mostravam o reformismo --. A intransigência é uma das características mais marcantes na obra de Gramsci, delimita também a visão de socialismo para o autor. Avaliada como necessária para a construção de caráter e fundamental para a vontade coletiva que exige que cada parte seja coerente com a totalidade, a intransigência está relacionada com a consolidação de princípios preestabelecidos e para que seja, no caso um organismo revolucionário, dever-se-ia ter a disciplina como um dos princípios essenciais para uma meta alcançável. Segundo Gramsci, a intransigência deveria ser baseada em discussões antes de tomadas as deliberações das ações políticas. A questão do consenso é de suma importância nesse momento de deliberações, consenso conquistado por meio da democracia operária e de discussões para que se forme um acordo. A ação revolucionária deve ser intransigente, mas o debate para chegar à ação deve ser tolerante e democrático, pois ambos devem estabelecer o espírito de cisão.

O espírito de cisão, categoria ainda não utilizada por Gramsci no pré-1926, pode nos auxiliar para compreendermos sua visão de Partido e principalmente as críticas que tecia ao PSI. É possível compreender a relação do espírito de cisão com a estratégia da intransigência e com a cisão[6] quando entendemos que, nesse momento, essas categorias significam estratégias para o desenvolvimento da consciência de classe, sendo uma das estratégias a criação de intelectuais, ou seja, quando a classe subalterna forja seus próprios intelectuais e cria uma classe autônoma capaz de criar sua própria história.

No artigo *A intransigência de classe e a história italiana*, publicado no *Il grido del popolo* em 18 de maio de 1918, Gramsci realiza inúmeras críticas ao posicionamento geral do Partido, deixa visível a possibilidade e preocupação de o Partido disputar as eleições para chegar ao poder do Estado e se transformar em um segmento político alienado ao proletariado. Mesmo com as críticas, acreditava no poder e na capacidade de o PSI em substituir um Estado por outro e não era contrário às

[6] Já a cisão com os reformistas, em termos práticos, ocorreu apenas em 1921 com a formação do PCd'I, mas já era uma premissa defendida pela fração *massimalista* que se organizava em torno de Bordiga desde 1918 e se apresentava como estratégia para a ação política revolucionária. Contudo, o Partido Socialista não deixava de se alinhar junto aos reformistas e Gramsci era contrário a esse colaboracionismo/conciliação com outros partidos ou segmentos burgueses que já estivessem no Parlamento.

eleições. Para Gramsci, o Partido Socialista deveria agir como um disciplinador e educador da classe operária, pois

> O Partido socialista não conquista o Estado, o substitui; substitui o regime, abole o governo de partidos, substitui a livre concorrência pela organização da produção e das trocas. (GRAMSCI *in* Org. SPRIANO, 1973, p.180).

Para se tornar o órgão de poder operário que substitui o Estado burguês pelo Estado operário, o Partido deveria se utilizar do método da intransigência e realizar a cisão com outros partidos. Os outros partidos deveriam adquirir um perfil econômico e também defender os interesses das classes que representam, pois isso os diferenciaria dos outros. Dessa forma, existiria a possibilidade de o proletariado "sólido e compacto" acelerar "sua ascensão e sua evolução". (GRAMSCI *in* Org. SPRIANO, 1973, p.185).

A intransigência deveria adquirir um valor inestimável enquanto método de ação do PSI, pois quando relacionada como único método da luta de classes leva o proletariado a compreender sua função histórica e desenvolver a consciência de classes voltada para a ruptura. Ainda no artigo de 18 de maio de 1918, Gramsci, ao confrontar o jornal *La Stampa*, define a categoria de intransigência relacionada com a consciência de classes.

> A intransigência é inércia, não é? Mas o movimento não é unicamente ato físico, é também intelectual, antes de ato físico é sempre intelectual, exceto para as marionetes. Tirar do proletariado sua consciência de classes faz com que seja um movimento de marionetes! (GRAMSCI *in* Org. SPRIANO, 1973, p.186).

A classe operária e a consciência de classes deveriam ser organizadas pelo Partido Socialista e esse deveria trabalhar em função da autoeducação do proletariado, criar uma nova cultura e transformar, com auxilio do Sindicato, o trabalho nas fábricas. O Partido Socialista deveria organizar a disciplina do proletariado que estava disperso para tornar imprescindível a questão da cisão com os reformistas e estabelecer o espírito de cisão, de rompimento com a ideologia pequeno-burguesa. Contata-se, portanto, que a

categoria de espírito de cisão já é antes elaborada por Gramsci, enquanto intransigência. Mais do que categorias, se apresentam como essenciais na luta de classes, tanto no âmbito cultural, como político.

A questão da educação do proletariado, mencionada por Gramsci em inúmeros artigos de 1914 até os anos posteriores, demonstra a importância de uma cultura operária crítica que atinja as consciências e que as desenvolva. Segundo Rapone (2014, p.110-114), a educação política e moral relacionada com a disciplina intelectual é o nexo de pensamento e ação que deve ser expandida e exteriorizada e que é parte essencial do socialismo gramsciano.

Segundo Gramsci, o dever de organização do socialismo deve ser relacionado com a educação operária para compreender a força do proletariado, que é energia histórica, em atuar na realidade nacional e internacional. Quando organizados e disciplinados no Partido, a ação prática e política devem estar direcionadas para a construção de um novo Estado. Para tanto, estabelecer o nexo entre cultura e política são, para Gramsci, uma das tarefas mais importantes do PSI, pois o dever do Partido é o de direcionar o proletariado ao socialismo, que conflui na renovação do pensamento no campo do desenvolvimento da consciência de classes e que possibilita colocar o homem no centro do processo revolucionário.

Sendo assim, a orientação de socialismo de Gramsci avança em caminho ao leninismo e passa pela orientação política/filosófica da época, o neoidealismo enquanto filosofia e a questão política voltada para a cisão. Quando influenciado pela Revolução Bolchevique, adquire o caráter de socialismo intransigente e revolucionário. A educação das consciências, a insistência pela disciplina e o valor do Partido como articulador do proletariado e educador da classe, difere do discurso dos companheiros de Turim e da prática do PSI, de forma que leva o autor a acreditar e elaborar a renovação do Partido, mas que posteriormente o faz compreender a necessidade do surgimento de um instituto revolucionário oriundo das classes subalternas.

1.2 Os limites do Partido Socialista Italiano e do Sindicato

Por mais que Gramsci e a linha *massimalista* do PSI lutassem pela ação intransigente há um bom tempo, foram apenas entre os dias 1° e 05 de setembro de 1918 que o Congresso Nacional do Partido Socialista Italiano teve como triunfo as pautas para um movimento intransigente revolucionário. A vitória significava para Gramsci um dos marcos mais importantes na luta pelo socialismo italiano.

No Congresso, a maioria filiada ao Partido demonstrou maior consciência social e política, por assim ser, decidiram em grande maioria que o partido definiria "uma rígida disciplina de ação", tendo como ação principal "a organização da atividade política". (GRAMSCI *in* Org. SPRIANO, 1973, p.215). Gramsci acreditava que devido à intransigência se tornar o novo fundamento da disciplina de ação e da organização das novas atividades políticas, os socialistas se tornariam capazes de assumir a nova organização da sociedade.

Para Gramsci, o Congresso foi muito importante ao direcionar os socialistas italianos, esses poderiam assumir a tarefa de analisar antecipadamente o momento de convulsão social que o movimento operário vivia. A intransigência esboçava as primeiras ações políticas do Partido e a possibilidade de um novo modo de pensar e fazer dos socialistas. O momento tinha como necessidade "destruir o espírito colaboracionista e reformista", difundir e penetrar nas consciências "que o Estado socialista, ou seja, a organização da coletividade, após abolir a propriedade privada, não é uma continuação do Estado capitalista", o Estado operário seria o desenvolvimento da organização do proletariado. (GRAMSCI *in* Org. SPRIANO, 1973, p.217).

O texto *Dopo il Congresso*, publicado em 14 de setembro de 1918 no *Il grido del popolo*, demarca as limitações do Sindicato e do Partido. Gramsci compreendia a realidade de seu país e entendia as dificuldades que o Partido enfrentaria, de forma que as tarefas do PSI deveriam ser vistas como novas responsabilidades assumidas para a organização do proletariado. O Partido teria a grande responsabilidade de ser o educador das classes subalternas e deveria agir com maior eficiência no âmbito da cultura e da educação. O Sindicato deveria estar descentralizado do Estado burguês para ampliar a autonomia local, já que esse sempre foi um órgão de regulamentação do trabalho e das leis trabalhistas.

Ainda em setembro de 1918, o Partido Socialista e a CGL firmaram um Pacto de Aliança[7] jurídica que evitaria atritos entre a classe operária durante a realização de greves e agitações políticas ordenadas pelo Partido. O Sindicato não deveria impedir as ações políticas do PSI e o Partido deveria se alinhar às greves e as agitações de caráter econômico que continuariam sendo dirigidas pela Confederação do Trabalho.

Contudo, ainda que entusiasmado com as mudanças, Gramsci enxergava que os limites do Partido e do Sindicato ocorriam por serem instituições fundadas na democracia liberal que representavam os interesses políticos dos trabalhadores na legalidade burguesa. Para uma mudança efetiva, o Sindicato e o Partido deveriam buscar a autorrenovação permanente para que os limites fossem rompidos e resultassem na modificação do caráter da luta operária e camponesa.

O Pacto de Aliança poderia demonstrar bons resultados, pois correspondia ao início de uma nova relação entre a economia e a política. No entanto, o operário mantinha-se na organização individual e na vontade individual. No momento urgente para deliberação de alguma decisão, o pacto provavelmente seria dissolvido automaticamente, mas permaneceriam as polêmicas prejudiciais ao movimento operário. (GRAMSCI *in* Org. SPRIANO, 1973, p.219).

Para que esses problemas não afetassem ainda mais o proletariado, uma das tarefas urgentes da organização seria ultrapassar os limites do organismo criado no Estado burguês. Os camaradas deveriam lutar para que o Sindicato se autorrenovasse como um organismo de classe, cooperar com o Partido, e em solidariedade – não apenas jurídica- ao proletariado associado deveriam intensificar o desenvolvimento das consciências nas fábricas, nas Federações e nas Câmaras de Trabalho.

Haveria a possibilidade de solidificar democraticamente a atividade política para o maior número de associados tornando "necessário intensificar a propaganda individual (a mais eficaz), pois adquirem uma consciência e uma educação socialista adequada às tarefas que devem desempenhar e a responsabilidade que devem assumir.". (GRAMSCI *in* Org. SPRIANO, 1973, p.220).

[7] Menção ao artigo *Pacto de aliança*, publicado em 12 de outubro de 1918 no jornal *Il grido del popolo*, sobre o pacto realizado entre o PSI e a CGL em setembro de 1918.

Nesse percurso, o proletariado deveria ser forte[8], pois o momento era o de responsabilidade para o imenso trabalho de organização operária e campesina, já que essas classes reconheciam o Partido e o Sindicato como organismos necessários para o desenvolvimento disciplinado e consciente da luta de classes. Deveriam ao mesmo tempo em que educados pelo Partido e organizados no Sindicato, educarem o Partido e transformarem o caráter do Sindicato.

O Sindicato e o Partido deveriam reunir em seu núcleo todos os operários e os camponeses, somente assim se tornariam as instituições de aliança operária e camponesa que se propunham. A aliança-operário e camponesa deveria concordar com o programa político e colaborar na disseminação e na realização das ações revolucionárias, pois os camponeses eram muito numerosos e importantes para a revolução. Outro limite apontado por Gramsci estava relacionado ao número de operários e camponeses organizados nessas instituições. O Partido contava com 30 mil aderentes, e, para Gramsci, esse número representava

> o índice da nossa preguiça, da nossa insuficiência em difundir e penetrar nos cérebros os princípios da doutrina socialista. Números que são o documento mais retumbante da nossa fraqueza quando está em confronto com o Estado burguês, que queremos subverter e substituir pela ditadura do proletariado. (GRAMSCI *in* Org. SPRIANO, 1973, p.222).

O baixo número[9] de associados demonstrava as limitações do PSI e do Sindicato ao organizar as energias do país ao conquistar novos operários e camponeses. Gramsci compreende que um dos motivos dessa limitação estava além do Partido e do Sindicato e poderia ser encontrado na história da Itália. Por ser um país que predominava a agricultura patriarcal, o artesanato e as pequenas fábricas, não se formava/formou o caráter de um processo histórico normal, de uma revolução burguesa clássica e de uma democracia burguesa.

---

[8] Menção ao artigo *O dever de sermos fortes*, publicado em 25 de novembro de 1918, no *Avanti!*

[9] O Partido Socialista deveria contar com pelo menos 250 mil sócios e o Sindicato com ao menos dois milhões de aderentes. O *Avanti*! deveria ser difundido entre centenas e milhares de leitores. (GRAMSCI *in* Org. SPRIANO, 1973, p.223).

Por vezes, a Itália se tornava palco de rebeliões devido à ação opressora do Estado sobre as iniciativas individuais e coletivas. O ambiente se transformava em ambiente de luta de classes, mas de luta indefinida com o proletariado e o campesinato sem consciência desenvolvida e sem objetivo político revolucionário. Outro limite do Partido Socialista e da Confederação do Trabalho era o de não reconhecer as iniciativas espontâneas das massas[10], pois "o Partido Socialista teve momentos de enorme prestígio político sobre as massas, mas fracassou (e não pode fracassar) em despertar os organismos que reuniram permanentemente as grandes massas.". (GRAMSCI in Org. SPRIANO, 1973, p.222). Para Gramsci, tornava-se fundamental que o Partido e o Sindicato novamente obtivessem prestígios, aglutinassem e direcionassem o movimento operário que tinha a função de absorver a massa para discipliná-la e "ajudá-la a se conscientizar de suas necessidades materiais e espirituais". Deveria

> educar os indivíduos que o compõem a se solidarizar permanentemente e organicamente entre eles, deve difundir na consciência individual a persuasão necessária e racionalmente conquistada que, somente na organização política e econômica, é o caminho da vida individual e social. São a disciplina e a solidariedade, nos limites do Partido Socialista e da Confederação Geral do Trabalho, os deveres imprescindíveis daqueles que se dizem defensores da democracia socialista. (GRAMSCI *in* Org. SPRIANO, 1973, p.223).

Gramsci (1973, p.222) notava que, dentre os limites e deficiências, o Partido e o Sindicato se especializaram num ramo da linguagem socialista, o Partido na política e o Sindicato na economia. Separar as duas esferas tão significativas ao proletariado segregava cada vez mais o movimento e, aos poucos, as duas instituições tornavam-se insuficientes. Os sindicalistas acabaram cristalizados na organização profissional e não realizavam boa política e nem boa economia. O mesmo ocorreu com os reformistas do Partido que acabaram por se fixar nas atividades parlamentares e faziam insuficientes políticas econômicas.

São por essas questões, que o socialismo revolucionário conquistava um espaço indispensável na obra de Gramsci. Tal direcionamento político-econômico e cultural

[10] Assim como fez no movimento dos Conselhos de Fábrica.

que o tornaria grande defensor e apoiador dos Conselhos de Fábrica. Gramsci não era contra o Partido e o Sindicato, ao contrário, entendia as limitações para além dos problemas da época a partir da análise histórica da Itália que influenciava a vida das classes subalternas. Aos poucos desenvolvia uma teoria de Partido, ainda que acreditasse e lutasse pela renovação do PSI, voltada para a ação das massas. Esperava que o socialismo revolucionário do Partido Socialista fosse capaz de direcionar as massas para a revolução[11], já que o proletariado se esforçava

> em fazer politica e economia sem adjetivos: ou seja, um socialismo revolucionário que ajuda no desenvolvimento e na conquista de consciência das energias proletárias e capitalistas espontâneas, livres, historicamente necessárias, porque é do antagonismo entre elas que surgem as sínteses provisórias cada vez mais completas e perfeitas que devem culminar no ato e no fato último que contenha todas elas, sem resíduos de privilégios e explorações. (GRAMSCI *in* Org. SPRIANO, 1973, p.155).

Isso deveria criar um Estado que não fosse corporativo -- sonhado pelos sindicalistas --, ou então que monopolizasse a produção e a distribuição -- algo desejado pelos reformistas--, pois culminaria em um Estado operário, fundamentado

> na organização da liberdade de todos e por todos, que não possui nenhum caráter estável ou definido, mas que é uma contínua busca por novas formas, de novas relações, que se adeque para a necessidade dos homens e dos grupos, onde todas as iniciativas são respeitadas e onde todas as liberdades são garantidas. (GRAMSCI *in* Org. SPRIANO, 1973, p.155).

Em primeiro momento, o grande entusiasmo de Gramsci com a Revolução Bolchevique estava na condição de liberdade que o proletariado e o campesinato se encontravam. Com o desenvolvimento da revolução em outros países, existia a possiblidade de fazer semelhante na Itália: criar e desenvolver a liberdade comunista. O tema do trabalho é central na obra de Gramsci dos anos 1919-1920 para compreender a

[11] Contudo, o Partido Socialista Italiano, mesmo que alinhado à Internacional Comunista, não foi capaz de realizar o direcionamento da classe operária para a revolução.

questão, pois a liberdade comunista está ligada organicamente com a produção e com as decisões políticas que o proletariado deveria tomar quando fundamentados na democracia operária – não apenas no Estado operário, mas na fábrica, nas questões políticas e culturais - e na intransigência. Portanto, a transformação da produção, gerida pelos operários organizados nos Conselhos, seria capaz de criar uma nova forma democrática de cultura, de trabalho, de política e de economia desde que fundamentados na autodisciplina e na autoeducação.

1.3 O internacionalismo dos Conselhos de Fábrica

A partir de 1917, inúmeras revoluções socialistas se expandiram do Oriente ao Ocidente. As organizações conselhistas surgiam em nível internacional durante a primeira metade do século XX e transformavam o modo de organização do proletariado. Com o exemplo da Rússia, Gramsci compreende que para construir uma sociedade comunista a luta de classes precisa conduzir à criação de organismos proletários que darão a nova forma para a sociedade. Um dos pontos essenciais de influência política da revolução para outros países foram várias greves de massas que ocorreram praticamente em toda a Europa. O cenário internacional, de greves e de luta, direcionava as massas na reconstrução e na autorrenovação de suas organizações, bem como na construção de novos organismos para um embate mais acirrado da luta de classes.

Em 1905, os *soviets* surgem na Rússia como uma organização criada pelos operários para participarem de assembleias gerais, discutirem questões sobre a organização, escolher delegados e realizar aconselhamento às massas. Os *soviets* da Revolução Russa se tornaram o centro do processo revolucionário, pois “eram constituídos pelos delegados de todas as fábricas, quer estas estivessem em greve, quer se encontrassem em normal funcionamento.”. Em 1917, o modelo dos *soviets* é readaptado e reformulado, “constituíram-se através de todo o país e foram à verdadeira força motriz da revolução.”. (PANNEKOEK, 1976, p.11). Os *soviets* de Petrogrado (1917) surgem na Rússia após o desencadeamento de greves gerais que se instauraram em grandes centros urbanos do país. A revolução proletária tornava-se mais do que destruir o Estado e o poder capitalista, se estabelecia no fundamento de criação do novo e na criação de novos elementos de cultura, de economia e de política. Os *soviets*

tornaram-se o novo organismo de direcionamento do proletariado. Nas *Teses de abril* (1917), Lenin definia a importância do poder dos *soviets* para a ação revolucionária permanente e construtora do socialismo. O poder soviético se tornava o novo embrião do Estado Operário. A República dos *Soviets* seria a única maneira de garantir a transição menos dolorosa para o socialismo, pois, por meio dos Conselhos, o Estado seria capaz de lidar com os problemas sociais e de estrutura estatal. Para Lenin, os Conselhos deveriam agir como um meio de democracia direta e se conectarem com o poder operário contra os privilégios das classes burguesas e contra qualquer surgimento de ameaça de novos privilégios.

Com o objetivo de internacionalizar a revolução, a Terceira Internacional foi responsável por organizar Partidos Comunistas em todos os países, o objetivo era o de instituir governos operários em todo o mundo, pois "todo o movimento proletário e socialista mundial" se orientava "decisivamente pela Internacional Comunista." (GRAMSCI, 1954, p.230). Os Partidos Comunistas deveriam ter o máximo de disciplina para aumentar a solidariedade e a organização do proletariado em nível internacional. (GRAMSCI, 1954, p.353). Com a Internacional sendo a nova unidade proletária, a luta de classes se tornou assunto "em todos os países da Europa e do mundo, com um caráter bruscamente revolucionário.". Para Gramsci (1954, p.40), essa luta deveria seguir na direção da ditadura do proletariado e na superação da ideologia liberal. Portanto, o papel da III Internacional foi muito importante na luta revolucionária que cada vez mais ganhava um caráter internacionalista com o direcionamento da ditadura proletária em diversos países.

Em 15 de maio de 1919, Gramsci publica o artigo *A força da Revolução* e analisa -- com as informações disponíveis -- a onda revolucionária[12] de operários e camponeses que se organizavam em Conselhos nas variadas regiões do planeta, o que

[12]A Alemanha, com a Liga Spartakus; a Rússia com o Partido Bolchevique em que os líderes eram os Comissários do Povo da Republica Federativa dos Soviets Russos; a Hungria com a liderança de Bela Kun; na Polônia com o Partido Comunista; na Finlândia com o Partido Comunista Finlandês; o Partido Comunista da Estônia, cujos lideres são Comissários do povo da Republica Soviética da Estônia; no Partido Comunista da Letônia e da Lituania; no Partido Comunista Ucraniano que aliado à Rússia representava a região dos Bálcãs; na Bulgária, os comunistas criavam um movimento revolucionário, na região da Iugoslávia, na Bósnia e na Sérvia os operários se organizariam em um próximo Congresso. A revolução também se espalhava pela Noruega, Dinamarca, Holanda, Bélgica, França, Suíça, Espanha, Portugal, Inglaterra, Estados Unidos, Austrália e Japão. (GRAMSCI, 1954, p. 223-224).

comprovara o alcance das ideias socialistas e a grande influência da Revolução Bolchevique. Demonstra que "as condições do comunismo internacional foram plenamente implantadas", a psicologia operária mostrava transformações e o proletariado internacional desejava o controle dos meios de produção e uma unidade de classes, o comunismo se tornava "o próximo amanhã na história dos homens" com a adesão autônoma das nações. (GRAMSCI, 1954, p.228). Devido à necessidade das massas se organizarem e se autogovernarem, a experiência dos *soviets* [13] chegava aos inúmeros países da Europa. A Alemanha, a Hungria e a Itália tiveram movimentos mais expressivos e duradouros – além de documentos e textos mais conhecidos para o estudo científico--.

Praticamente um ano após a Revolução Bolchevique, durante a queda das velhas estruturas institucionais alemãs e após a desagregação do exército, foi desencadeado na Alemanha o movimento de Novembro de 1918[14]. As correntes políticas[15] indicavam estratégias diversas. Eram formados os primeiros Conselhos de Operários e de Soldados, semelhantes aos *soviets*. A diferença pontual estava no fato de serem eleitos os velhos dirigentes do Partido e do Sindicato. Ao liderarem com ideias reformistas, rompiam com o ideal dos Conselhos enquanto organização revolucionária.

Rosa Luxemburg[16] declarava a importância da difusão dos Conselhos devido à "capacidade de assumir as tarefas de gestão da produção e da coisa pública" (DEL ROIO, 2018, p.28), pois, isso permitiria a constituição de um processo revolucionário e a conquista do poder operário. Rosa enxergava a necessidade de formar/educar as massas e tornar os Conselhos de Operários e Soldados os "portadores de todas as necessidades políticas e econômicas", para que as massas se aglutinassem nos Conselhos e se construíssem como o novo "órgão de poder da classe operária"

[13]No caso da Rússia, os sindicatos se desenvolveram de acordo com o próprio povo, e acabaram por se desenvolverem junto aos *Soviets*. Na Hungria, os Sindicatos prejudicaram e corroeram o poder dos operários, na Alemanha, gerou a morte de muitos operários e de importantes militantes, e na Itália, mais tarde seria parte importante para a derrota dos Conselhos.

[14] Sobre a Revolução Alemã ver: LOUREIRO, I. **Rosa Luxemburg: os dilemas da ação revolucionária**. São Paulo: Editora Unesp, 1995.

[15] Dentre essas correntes partidárias, havia o Partido Social Democrata, o Partido Social Democrata Independente e a Liga Spartakus.

[16]Rosa Luxemburg foi de grande importância para formação política e prática de Gramsci que se alinhava cada vez mais à esquerda comunista e criticava fortemente o Partido Socialista, "Em uma palavra, o Conselhismo, que foi a marca do período revolucionário, apresentava-se como a concretização do soreliano "espírito de cisão"." (DEL ROIO, 2017, p.45).

(LUXEMBURG, 1991, p.15), pois os sindicatos se revelaram como uma organização de caráter burguês e de dominação capitalista.

> Assim, da cúpula do Estado à menor comunidade, a massa proletária precisa substituir os órgãos herdados da dominação burguesa – Conselho Federal [*Bundestrat*], parlamentos, conselhos municipais – por seus próprios órgãos de classe, os Conselhos de Trabalhadores e Soldados. Precisa ocupar todos os postos, controlar todas as funções, aferir todas as necessidades do Estado pelos próprios interesses de classe e pelas tarefas socialistas. E só por uma influência recíproca constante, viva, entre as massas populares e seus organismos, os Conselhos de Trabalhadores e Soldados, é que a atividade das massas pode insuflar no Estado um espírito socialista. (LUXEMBURG, 2011, p.290).

Portanto, para Rosa, o socialismo implica em uma mudança radical e transformadora, muito além da questão econômica, que resulta na mudança radical do Estado, de suas instituições e da sociedade, pois o "socialismo significava autogoverno dos trabalhadores no plano político e econômico, isto é, República conselhista.". (LOUREIRO, 1975, p.151).

> Para Gramsci, assim como para Rosa Luxemburg, o Estado socialista é radicalmente democrático, até porque encontra os seus fundamentos na autogestão do processo produtivo, de modo a não separar o econômico do político. É um Estado que surge da conquista da autonomia da classe operária no processo de luta pelo autogoverno, em antagonismo irreconciliável com o capital e que se prepara para substituir o Estado burguês. O processo produtivo fabril é o fundamento do Estado democrático operário. (DEL ROIO, 2018, p.30).

O socialismo seria criado pela atividade e pela experiência do proletariado que deveria orientar seus objetivos, princípios e valores. Os Conselhos se assumiam como uma forma de organização do proletariado, de autoeducação e de autogestão do processo de produção de mercadorias, além de serem órgãos de luta e de poder, capazes de transformar a psicologia operária. Semelhante com a linha reflexiva gramsciana, para Rosa Luxemburg, a revolução ocorre no campo de produção, na fábrica. Os conselhos seriam o embrião para a substituição do Estado burguês pelo Estado operário, para

tanto, nascia o poder e o controle operário das instituições e das fábricas que exerciam a democracia operária.

Em outubro de 1919, estava claro que, mesmo com experiências derrotadas, a luta de classes tornava-se internacional e o proletariado criava seus próprios organismos de luta para substituir o Estado burguês. A Rússia e a Hungria instauraram o governo dos operários e, por mais que o assassinato de Rosa Luxemburg marcava um triste episódio na luta operária alemã, a revolução socialista internacional tornava-se capaz de persistir sendo direcionada pelo novo organismo do proletariado. A luta pelo socialismo se tornava internacional e em diversos países a relação dos *soviets* com o Sindicato e com o Partido ganhava amplo espaço de debate para as ações revolucionárias.

Em 1919 foi proclamada a República Soviética Húngara. Com pouca durabilidade e com suas especificidades, a revolução socialista na Hungria também demonstrava o potencial da expansão internacional dos Conselhos. A onda revolucionária atingia praticamente toda a Europa, o Leste Europeu e a região dos Bálcãs. A revolução de fevereiro na Rússia foi o que colaborou para o fervor revolucionário húngaro, já em 1917, os operários manifestaram-se para derrubar o governo monárquico e, no começo de 1918, poderia ser visto em Budapeste uma onda de greves que abriria espaço para o surgimento de Conselhos de Operários. Os *soviets* húngaros possuíam características diferentes dos Conselhos na Alemanha e na Itália, eram mais nacionais e dedicavam

> a maior parte de sua energia para resolver os problemas de conflitos territoriais e, por isso, não poderia e não teve tempo para criar sua organização estatal e criar uma psicologia comunista, concreta entre os operários e os camponeses. (GRAMSCI, 1954, p.268).

Segundo Gramsci (1954, p.40), uma das causas da derrota do poder soviético na Hungria foi o conflito acirrado entre os Sindicatos e os Conselhos. O conflito envolvia a questão da psicologia operária e da educação das massas, função até então designada aos sindicatos que deveriam agir como uma escola do trabalho para criar condições objetivas e psicológicas para a revolução, pois dois organismos da luta de classes não deveriam entrar em conflito ao pretenderem a mesma a coisa. Os sindicalistas lutavam

por um Estado que beneficiasse seus desejos e necessidades, mas acabaram por destruir o poder dos Conselhos, bem como a organização das fábricas que lutavam pelo sufrágio universal e pelo controle operário.

Apesar de a Itália ter se tornado um país industrializado, o campo da produção e o desenvolvimento das técnicas produtivas estavam muito atrasados e o campo não estava em situação diferente. O atraso no país esboçava um proletariado que buscava se organizar, mas que se manifestava, muitas vezes, com caráter de banditismo, de violência e de destruição de lojas e de cidades. O campesinato manifestava sua luta nas ocupações de terras, principalmente na região mais atrasada, o Sul. As manifestações de 1919 ocorriam principalmente por consequência do alto custo de vida na Ligúria e na Toscana, espalhava-se pelo restante da Itália, nas regiões industrializadas do Norte, nos centros urbanos e no campo. É neste contexto de luta de classes, de revolução socialista e de formação de um proletariado mais consciente, que os primeiros Conselhos surgiam nas fábricas da Fiat, com o objetivo de seguir o exemplo dos *Soviets* russos. (GALASTRI, 2014, p.52),

> A experiência revolucionária dos Conselhos de Fábrica identificava-se largamente com outras similares na Rússia, Alemanha, Áustria, Hungria e Inglaterra. Parecia nitidamente estar em marcha uma luta de auto emancipação das massas operárias. (DEL ROIO, 2005, p.176).

Os Conselhos de Fábrica surgiam da organização do proletariado nas Comissões Internas, como um movimento espontâneo da classe operária de Turim. Seriam as Comissões Internas ou os Conselhos de Fábrica movidos pela espontaneidade das massas? [17] Gramsci enxerga a espontaneidade como algo essencial para a organização das classes subalternas. A espontaneidade está relacionada com o momento embrionário da consciência política "que pode conter ou não um elemento imediatamente criativo e antagônico" (DEL ROIO, 2017, p.256) característico das classes subalternas.

[17] Dentre a bibliografia estudada, não foi possível encontrar nenhum texto que date o surgimento das Comissões Internas ou dos Conselhos de Fábrica. O verão italiano começa em 21 de junho e segue até agosto. O primeiro texto publicado no *L'Ordine Nuovo*, que não é assinado, denominado de *A Itália e a Rússia*, encontrado na coluna *A semana política*, esboça algumas questões importantes que se voltam à importância da ação do proletariado e o dever de se fazer como na Rússia -- controlar as fábricas por meio do controle operário--.

> Assim, a espontaneidade das classes subalternas acomoda também elementos dispersos de direção consciente, incapazes de conduzir à unificação e indicar o caminho da superação da situação de subalternidade, permanecendo nessa condição. (DEL ROIO, 2017, p.256)

As Comissões Internas são o resultado do momento embrionário das classes operárias, surgiram quando a classe operária estava organizada e representada principalmente no PSI e na CGL, mas não possuía uma direção política que caminhasse para a ação efetiva revolucionária que limitasse o poder do capitalista na fábrica e atingisse as instituições e o Estado.

Para tanto, a questão da espontaneidade e da consciência deveriam estar relacionadas e ser trabalhadas junto à disciplina revolucionária e à cultura crítica. Nos escritos de Gramsci podemos observar a questão da disciplina para a organização da produção como um tipo de disciplina diferente da qual é imposta pelo patrão nos padrões tayloristas, fordistas ou toyotistas. A disciplina referida é aquela que o próprio operário irá adquirir direto do trabalho. O trabalho volta à condição sócio-metabólica do homem, pois é o trabalho com finalidade produtiva e não alienado, portanto é autodisciplina. Conforme o movimento ganha força e direção política, a questão da espontaneidade é esclarecida e o problema da direção consciente é resolvido junto à questão da disciplina.

Para Gramsci, "a questão da espontaneidade é disciplinada por uma ação consciente que visa a criar um novo conformismo (uma nova hegemonia).". (DEL ROIO, 2017, p.257). Portanto, a autodisciplina está relacionada com a cultura e com a organização política da classe operária. As Comissões Internas tinham a função de serem o árbitro e o disciplinador[18] da classe operária para substituírem "o capitalista em todas as suas funções úteis de direção e de administração.". (GRAMSCI, 1954, p.12).

Por mais que as Comissões Internas e os círculos socialistas exercessem a função de centralidade da vida proletária, esses organismos se demonstravam insuficientes ao fazer frente ao poder capitalista. Gramsci enxerga nas Comissões Internas a possibilidade de se transformarem em organizações mais ativas – os

[18] Segundo Gramsci (1954, p.12), a palavra de ordem durante as eleições de delegados de fábrica era "Todo poder ao Comissário da Fábrica, todo poder do Estado ao Conselho e ao Camponês!."

Conselhos -- do proletariado, capazes de direcionar a luta operária para uma revolução socialista que começaria quando, "por impulso corajoso, consciente e capaz, o organismo social tem a tarefa de adquirir uma nova forma.". (GRAMSCI, 1954, p.63).

Os Conselhos de Fábrica se tornavam a tradução da vontade coletiva no antagonismo de classe e no enfrentamento ao Capital já que demonstravam a capacidade de direção política e de gestão/administração[19] das fábricas. Seria a solução para o problema da espontaneidade e das massas desorganizadas. Haveria de ter conselhos urbanos, conselhos de bairro, conselhos de camponeses e conselhos municipais. Para a criação dos conselhos urbanos, mostrava-se necessário que os círculos de cultura socialista, as seções do Partido, as corporações sindicais e as associações proletárias se modificassem. O campesinato, quando organizado em Conselhos de camponeses, também seria capaz de criar novas formas de subsistência e de transformação técnica por meio da base comum no campo somado à criação de elementos revolucionários capazes de afirmar a vontade coletiva de forma contínua e concreta. (GRAMSCI, 1954, p.60-66).

O exercício do poder e do controle operário não ocorreria apenas nos grandes centros urbanos, o objetivo principal dessas instituições políticas deveria ser o de exercer o poder das massas como órgãos de poder operário e de democracia direta que transformam as classes subalternas em classes que coordenam e controlam a autogestão do processo da produção e da vida social. Os círculos socialistas, espalhados em todas as regiões italianas, exerciam o vínculo entre a organização política e a cultura. Esses novos órgãos conectavam as classes subalternas e operárias para um hábito intelectual com a necessidade de criar novos órgãos de formação cultural que superassem o campo economista.

[19] Os Conselhos de Fábrica se tornaram um órgão de poder operário e, no segundo semestre de 1920, a organização proletária mais importante das fábricas ocupadas.

1.4 L'Ordine Nuovo e os Conselhos de Fábrica

A questão da cultura e da formação do proletariado é algo que aparece já nos primeiros textos de Gramsci, sendo possível notar o nexo entre cultura e socialismo nos primeiros artigos do autor. O jovem revolucionário diferencia a cultura dos saberes enciclopédicos, enfatiza a necessidade de formação do proletariado e do campesinato ao refletir sobre a questão escolar do ensino técnico com o saber humanista, pois "essa seria uma chave para que os trabalhadores pudessem perseguir a sua autonomia e desenvolver uma nova cultura, antagônica àquela da burguesia.". (DEL ROIO, 2018, p.118).

A cultura aparece como organização e disciplina do sujeito, como formação da consciência para que o indivíduo compreenda seu próprio valor histórico na sociedade. O desenvolvimento e a transformação das consciências podem ser vistos como parte importante, na fraseologia da época, da psicologia operária. A psicologia operária, também relacionada com a cultura e com o novo modo de ser, só poderia ser desenvolvida – e não conquistada -- por meio da reflexão sobre os fatos e as formas necessárias para transformá-los. Como observado ao longo do texto, a cultura e a política formam um nexo no pensamento de Gramsci e se formam como parte indispensável para o socialismo. Portanto, a política é um ato de cultura que transforma as relações humanas, mas que tem a necessidade de se fundamentar, em termos organizacionais, em uma instituição de classe.

A relação cultura-socialismo-partido político pode ser observada ao pensarmos que a relação de recusa e antagonismo do proletariado com a ideologia burguesa é um dos fatores mais importantes para a construção do processo revolucionário que se origina no mundo do trabalho e se desenvolve na relação e na solidariedade coletiva entre os trabalhadores. Em Gramsci, essa relação pode ser observada antes de 1926 e demonstra seu interesse mais sistematizado sobre a política do cotidiano e do movimento operário, sobre o verso e reverso da vida fabril e das relações sociais: o contraditório e o que apenas pode ser enxergado a partir do negativo, do contraditório, do que é presente na essência e não apenas na aparência.

O Sindicato e o Partido Socialista Italiano não mais representavam o proletariado de Turim e o PSI não era o Partido Revolucionário do qual se esperava. Por

mais que na Itália as condições para que a revolução estivesse em desenvolvimento e, mesmo com a adesão do Partido (1919) na Internacional Comunista, as relações de força entre as frações do Partido tendiam para a ala reformista, nada se tinha de intransigência. O Partido sequer havia elaborado alguma ação para os operários que voltavam dizimados da guerra e os reformistas nada faziam para a o desenvolvimento do processo revolucionário que ocorria na Itália.

O jornal *Avanti!* do Partido Socialista possuía duas seções, a seção nacional e a seção de Turim, um pouco mais resumida e com algumas matérias locais. Para Gramsci, o *Avanti!* deveria ser um meio de formação do proletariado e do campesinato, contudo não acompanhava solidariamente as transformações do proletariado local. Durante esse período, a teoria gramsciana se desenvolve com "uma sensibilidade nova e particular para os temas do presente, uma visão original do nexo cultura-política e das formas de organização do mundo operário.". (RAPONE, 2014, p.117). Havia a necessidade de elaborar outro meio de cultura e de formação socialista que auxiliaria nas ações intransigentes e no desenvolvimento do espírito de cisão do proletariado turinês que começava a se organizar nas Comissões Internas e que esboçava a capacidade de se organizar para a revolução.

> Aquilo que acontecia "no seio das massas operárias", de perguntar se na Itália existia instituições comparáveis aos *Soviets*, de levar a cabo uma investigação sobre a organização das Comissões Internas de Fábrica, porque ali, na Itália e em Turim, podia-se encontrar o germe de uma forma nacional de "autogoverno operário". (RAPONE, 2014, p.118).

A partir da metade de 1919, Gramsci vislumbrava a possibilidade bem sucedida de uma revolução de caráter soviético na Itália e contava com os institutos da classe operária para a educação política e econômica dos operários, no entanto,

> Não participava mais tão profundamente da vida da fração política interna do PSI. Seu interesse era sobre a educação da classe operária e a elaboração de uma base cultural para uma sociedade futura. (COMMETTI, 1974, p.100).

As condições materiais o guiavam para o desenvolvimento de uma revolução na Itália por meio da criação de instituições socialistas de educação política e econômica do proletariado e para o proletariado. No entanto,

> mesmo depois da eclosão da Revolução Russa e da enorme efervescência cultural que tomou conta das fábricas e do espaço público, com a formação de inúmeros grupos de estudo e de pequenas publicações, a solução para o problema da educação autônoma do trabalho ainda não se deixara perceber. Tanto que *L'Ordine Nuovo* começou as suas atividades como uma resenha de cultura socialista, como um transmissor de certa cultura já acumulada, mas subalterna. (DEL ROIO, 2018, p.118).

No contexto de uma cidade operária e socialista que não mais se sentia representada pelo Partido Socialista e pelo Sindicato, a relação de Gramsci com os companheiros de Turim e com o movimento operário se estreitava. Em 1° de maio de 1919, Gramsci, Palmiro Togliatti, Angelo Tasca e Umberto Terracini, em homenagem ao dia internacional dos trabalhadores, inauguravam o primeiro número do semanário *L'Ordine Nuovo – Rassegna settimanale di cultura socialista.*

> A revista nasce como uma tentativa particular de impostar -- sem o dever de assumir uma representatividade ou uma responsabilidade específica de corrente política -- um discurso ideal que só quer mobilizar a inteligência e a vontade socialista, uma revista, também, que seria impulso e reflexão, incitamento à ação e ao pensamento. (DUBLA, 1986, p.67).

L'Ordine Nuovo foi uma revista de cultura socialista que publicava artigos sobre literatura, história e eventos importantes da luta de classes nacional e internacional. Contava com publicação semanal para debater e direcionar a vontade socialista. Trazer os clássicos do socialismo para as energias revolucionárias de Turim, com a finalidade de compreender e transformar coletivamente os problemas de construção do socialismo -- as questões organizacionais, culturais, políticas e econômicas –, se tornava o maior objetivo do *L'Ordine Nuovo* e um enorme passo na luta para o socialismo. (RAPONE, 2014, p.116).

De acordo com o artigo denominado *L'Ordine Nuovo*, publicado no dia 25 de abril de 1919, no jornal *Avanti!* e republicado no primeiro número da revista de Turim, "*L'Ordine Nuovo* é o título de um semanário de cultura que um grupo de camaradas turineses irá lançar no dia primeiro de maio.". Tem a proposta de discutir "sobre as razões fundamentais da sociedade comunista e da organização prática" para traduzir a teoria em prática "para elaboração de um programa máximo do Estado socialista, que satisfaça as necessidades da situação nacional e internacional.". (*L'ORDINE NUOVO, 1919, p.02).*

No decorrer do artigo, é possível compreender o caráter cultural da revista no sentido de formar a psicologia da classe operária acerca dos acontecimentos nacionais e internacionais, ou seja, da maré revolucionária que atingia praticamente toda a Europa e o Leste Europeu.

> Na revista os camaradas encontrarão também notas biográficas escritas por especialistas de acordo com os vários argumentos, notas que, na intenção dos autores, devem estabelecer uma revisão, se não completa, mas sempre abundante na literatura italiana, de natureza política e social. (*L'ORDINE NUOVO*, 1919, p.02).

O texto reforça que a proposta é trazer artigos importantes sobre "o problema da organização socialista, da história do Partido Socialista e do movimento sindical.". Para isso, haveria de serem publicados textos de "Marx, Bakunin, Proudhon, Benedetto Malon, Turati" e também textos que refletissem sobre o "sindicalismo, socialismo integral, materialismo histórico, problema da escola, etc.". (*L'ORDINE NUOVO*, 1919, p.02).

Cada número da revista custava cerca de mil liras e os *ordinovistas* ressaltavam a importância de, em poucos meses, conquistarem pelo menos seis mil assinantes para manter a regularidade e independência da revista, o que era indispensável. Poderiam ser realizadas assinaturas anuais, semestrais e trimestrais feitas a partir de qualquer número. Também eram oferecidos descontos, no valor de dez por cento, para os círculos socialistas que adquirissem cada cem exemplares. As assinaturas deveriam ser endereçadas para Antonio Gramsci, no escritório editorial de Turim, do *Avanti!*, na rua

Venti Setembre, 19. (*L'ORDINE NUOVO*, 1919, p.02). Além dos descontos fornecidos aos círculos socialistas, o que priorizava a democratização do debate sobre as mudanças nacionais e internacionais na esfera da luta de classe, a revista abria espaço para a reflexão sobre novas práticas. Em momento algum os artigos da revista se mostram apenas teóricos, pois todos contém a importância de direcionar a luta operária e campesina para a fundação de um novo Estado, além de retratarem o cotidiano da vida operária. Sobre a democratização da cultura e a questão política,

> A revista se coloca à disposição de todos os jovens – e também daqueles que não são jovens – que querem lidar com determinada questão social, ou até mesmo que querem formar uma cultura em geral e uma cultura política em espécie: sempre responderá publicamente ou privadamente a todos aqueles que recorrem a ela para obter conselhos, orientações, esclarecimentos. (*L'ORDINE NUOVO, 1919, p.02).*

A postura democrática dos quatro jovens, ao abrir o diálogo com operários e diversos autores, ressaltava a questão da tolerância gramsciana, pois o debate tolerante e democrático se tornava cada vez mais fundamental para a formação da psicologia operária. Mas, qual é essa cultura que os quatro jovens ressaltam ser tão importante na luta de classe? Seria cultura em nível intelectual, de conhecimento e saberes enciclopédicos? Ou seria uma cultura crítica voltada para a formação e transformação das classes subalternas para que essas, tão atrasadas devido a grande influência católica, pudessem conceber uma vontade coletiva e direcioná-la junto ao espírito de cisão para a fundação de um novo Estado?

Nos primeiros números de *L'Ordine Nuovo* muito se falava sobre as tradições italianas, a história da classe operária, a cultura socialista, a Revolução Russa e a situação política do país. Contudo, já no primeiro número da revista, o artigo *Programma di Lavoro* (1919, p.02), assinado com o nome de *L'Ordine Nuovo*, ressalta que o objetivo da revista era o de elaborar a discussão sobre a sociedade comunista e sua organização prática.

> Este número sai para lançar um grito de contribuição, para nos conhecermos, para sentirmos o primeiro contato frutífero com o ar livre, as primeiras vibrações de almas unidas na mesma fé. É uma proclamação para a mobilização da inteligencia e das vontades socialistas para a determinação e a valorização do programa do Estado socialista. (*L'ORDINE NUOVO,* 1919, p.02).

Pode ser possível que nem todos os quatro jovens *ordinovistas* pensassem com unanimidade ao que diz respeito à construção do Estado operário – e essas diferenças podem ser vistas em textos e artigos de cada um dos autores --, mas o excerto acima nos mostra que o interesse e objetivo da revista eram o de auxiliar no desenvolvimento do processo revolucionário que se impunha na Itália, de compreender o descontentamento das massas com os Partidos existentes, principalmente com o Partido Socialista e com o Sindicato.

Tasca sempre esteve mais envolvido com a questão cultural. Segundo Gramsci (1920, p.95), o escritor de Moretta fazia parte da linha mais pacífica e conformista do socialismo italiano, pois Tasca não desejava que fosse iniciada "nenhuma propaganda diretamente entre as massas trabalhadoras, ele queria um acordo com os secretários das Federações e dos Sindicatos" para uma "ação oficial" já que partia de uma cultura abstrata, acreditando que a massa italiana era inculta.

O pensamento do jovem sardo difere exatamente nesse ponto, pois concebia a capacidade de o proletariado em se fazer Estado, o que concerne sua visão a respeito do Partido da classe e para a classe, além de seu trajeto intelectual sempre direcionado para o proletariado como centro e sujeito revolucionário. Não cabe discutir exatamente qual seria o socialismo de cada um dos jovens fundadores de *L'Ordine Nuovo*, mas prosseguir na linha de reflexão gramsciana sobre a cultura ser humanista e técnica – transformação do trabalhador no modo de produzir e de atuar – que é capaz de gerar um novo homem. Sendo assim, será possível notar ao longo do texto, por maiores que fossem as diferenças entre os quatro jovens, que a construção de uma nova sociedade sempre estivera presente nos números de *L'Ordine Nuovo*.

Os temas da revista auxiliariam no desenvolvimento da consciência da classe operária e na elaboração de um programa revolucionário para a criação do Estado socialista. A colaboração dos operários seria inevitável para que a revista se tornasse o

porta-voz da classe operária e, já no primeiro número, os jovens anunciavam a possibilidade de os operários publicarem artigos que examinassem a questão política e psicológica italiana, além dos problemas relacionados à produção: a matéria prima, consumo e consumidores, a defesa armada da República socialista e a questão da escola.

Com o passar dos números, a revista se tornava o intelectual orgânico das classes operárias de Turim. Com páginas escritas por operários de todos os setores, os jovens de Turim construíam uma democracia operária e despertavam a solidariedade das massas. Por assim ser, o grupo de *L'Ordine Nuovo* fundava uma revista democrática e operária, com uma metodologia inédita, de batalhas no campo das ideias e no campo político, com ampla participação intelectual e autoeducação das classes subalternas.

No primeiro número a revista publicou na coluna *Uno Stadista dell'Ordine Nuovo* um artigo de Max Eastman que versa sobre a vida operária e sobre a importância da ação política. No começo do texto há uma breve explicação do autor, com referência a Platão, sobre quem seria o estadista da nova ordem. O estadista deveria ter em si os princípios da disciplina, da aplicação técnica das ciências econômicas, da ciência política e da psicologia operária. Deve ser "um homem capaz de pensar na situação concreta", não deve ser um idealista ou um professor, mas uma pessoa disciplinada "que atue nas conclusões do seu pensamento com desejo férreo" de estabelecer o poder operário. (EASTMAN, 1919, p.03).

> Se eu posso estabelecer que, de fato, este homem existe, não serei acusado de ênfase jornalística se eu afirmar que ele é um dos maiores estadistas do mundo. Para estabelecer esta existência, basta demonstrar que Nicola Lenin sabe pensar em uma situação concreta; todo o restante inteiro de sua atividade pertence à história. (EASTMAN, 1919, p.03).

O texto é dividido em duas partes: *Agir e pensar* e *A vida moral do proletariado*. No decorrer do artigo, o nome de Lenin aparece inúmeras vezes para desenvolver a tese de Eastman que o bolchevique é um estadista preparado para assumir o governo operário. A obra de Lenin é retratada como uma das mais importantes para compreender a ciência política que se desenvolve com o proletariado no poder, além das questões que

o revolucionário se propõe a resolver sobre o problema do reformismo e da cultura operária.

A vida moral do proletariado trata sobre um artigo escrito por Lenin que reflete questões voltadas aos líderes socialistas como um estímulo para a ação concreta revolucionária. A questão do trabalho aparece como um problema a ser resolvido na Rússia, enquanto problema central e principal, pois diz respeito ao proletariado, pois "essa preocupação pela vida moral do povo é condição necessária para o triunfo do socialismo.". (EASTMAN, 1919, p.03).

Segundo Lenin *apud* EASTMAN (1919, p.03), "a atuação do poder dos *Soviets*, com seus métodos próprios e suas próprias leis, é necessário e suficiente para a vitória final do socialismo.". É interessante notar que esse é o primeiro artigo em *L'Ordine Nuovo* que trata sobre o poder operário relacionado aos *Soviets* – por mais que seja uma citação de Lenin --, e reflete a importância da revista enquanto mídia democrática e pró revolucionária que estabelece o marxismo como ciência transformadora, capaz de colocar o homem no centro da vida social e como agente transformador, "capaz de dominar a força histórica.". Eastman concebe Lenin como um "idôneo depositário da potência da nova classe internacional, que é destinada a revolucionar a parte social e política da fábrica no mundo.".

O tema sobre a revolução russa esteve presente desde o primeiro número da revista com a publicação de Palmiro Togliatti do artigo *Parole oneste sulla Russia*. O artigo do jovem *ordinovista* retrata a revolução na Rússia como "um movimento original" e "de nosso tempo" que, conforme a prática e a ideologia, "expressa de seu peito aos homens que dirigem" e que "formam os institutos nos quais realizam seu próprio ideal.". (TOGLIATTI, 1919, p.06).

Para Togliatti, a revolução na Rússia estava relacionada com o momento da guerra imperialista que teve como objetivo principal acelerar o desenvolvimento do regime imperialista e burocrático, pois

> A grande vitória da Revolução Socialista de Outubro de 1917 brotara das contradições objetivas do mundo capitalista, contradições que continuavam a existir e a se desenvolver. Mas elas atuavam de outro

> modo, na medida em que estava em ato o esforço burguês de restauração reformista, e a classe operária, consolidado o seu poder no Estado Soviético, tendia – com uma ação múltipla – a afirmar sua própria hegemonia numa competição que já era de alcance mundial. (TOGLIATTI, 1980, p. 167).

Os bolcheviques realizavam a tarefa de sabotar a guerra e se formar em um novo Estado para encontrar a racionalidade do movimento

> em suas origens teóricas e o valor prático da grande maré que é o movimento operário revolucionário das últimas décadas, e ver como ele vem a confluir com as necessidades e com as aspirações de um povo como o russo. (TOGLIATTI, 1919, p.06).

O artigo de Togliatti demonstra que a revolução socialista realmente fazia parte da vida do proletariado italiano, o qual discutia e refletia sobre o assunto. A cultura também esteve relacionada com a questão operária desde o início do semanário e é possível notar, mesmo que em passos lentos, o desenvolvimento da reflexão político-intelectual de *L'Ordine Nuovo* enquanto revista de cultura socialista para ação política de "fazer como na Rússia".

Os operários e camponeses, ao se organizarem internacionalmente, se mostravam como a nova esperança da transformação humana e, ao se assumirem como unidade de potência, a revolução socialista se tornava cada vez mais próxima e possível. "A ação revolucionária crítica" faz parte de um realismo construtivo onde a "dialética histórica gera a síntese do novo tipo de Estado, um sistema de Conselhos de operários e camponeses" que é capaz de, por meio do triunfo do comunismo, integrar permanentemente a humanidade em uma nova história. (NÃO ASSINADO, 1919, p.07).

A psicologia operária surgiu nas primeiras páginas de *L'Ordine Nuovo* voltada para a questão da educação -- que forma e transforma -- da cultura do proletariado, quando a *práxis* é fundamentada nos Conselhos. Sendo assim, "a organização em *Soviets*" deve ocorrer em todas as esferas elementares da vida. A "organização política e administrativa" deve ser formada pelos Conselhos de Fábrica e pelas Comissões

Internas para que ampliem “a esfera de ação do partido socialista revolucionário” nos círculos de cultura, “nos Congressos legislativos nacionais, regionais e provinciais”, enquanto assumem a “preparação do exercício de poder por parte da classe operária.”. (NÃO ASSINADO, 1919, p.07).

É importante frisar que grande parte da bibliografia gramsciana compreende que a revista *L’Ordine Nuovo* se tornou ‘porta voz’ dos Conselhos de Fábrica apenas com a publicação do artigo *Democrazia Operaia* (junho de 1919). No entanto, a partir da leitura integral do semanário, ressalto que a necessidade de organização dos operários e dos camponeses, em Conselhos de Fábricas, estivera presente a partir da primeira publicação do semanário, no artigo *Uno sfacelo ed una genesi*. No texto, não assinado – que foi citado algumas vezes --, os Conselhos aparecem como

> uma escola de vida, na qual se educa e conquista uma consciência responsável, para a nova classe que dirige o destino da humanidade, por identificar-se, em um processo rapidíssimo, com toda a humanidade.”. (NÃO ASSINADO, 1919, p.07).

Ainda de maneira primordial, os jovens fundadores do semanário socialista inauguravam um novo debate na Itália e compreendiam o novíssimo modo de fazer política e de se auto-organizar. A partir da análise dos primeiros números da revista, *L’Ordine Nuovo* pode ser visto além de um meio de comunicação que discutiu cultura socialista, mas, que, ao realizar o debate sobre a vida italiana e internacional, se estabelecia no campo da organização do proletariado. A cultura crítica cumpria sua função de transformação da psicologia das massas fundamentada na *práxis* revolucionária. O caráter cultural dos primeiros números de *L’Ordine Nuovo* está presente em grande parte da bibliografia comentada. No entanto, ao analisar integralmente a revista, nota-se a questão cultural em evidência, mas este trabalho não a compreende como uma revista de cultura abstrata – quando estava ‘nas mãos de Tasca’ --, como exposto por Gramsci em de agosto de 1920.

De fato, o trajeto em direção à *práxis* ocorreu após a publicação de *Democrazia Operaia*, mas, durante os números anteriores, a revista foi trouxe à luz da reflexão

problemas essenciais do proletariado italiano. A cultura na obra gramsciana deve ser vista relacionada diretamente com a política. Dessa forma, cultura para Gramsci não é intelectualismo ou abstração teórica, é cultura crítica. Ou seja, é cultura marxista que, consequentemente, deve estar organicamente relacionada com a *práxis* revolucionária. A questão levantada é que *Democrazia Operaia* não precisa, necessariamente, ser visto como um artigo divisor de águas na obra gramsciana, pois o artigo constitui uma das fases de desenvolvimento do trajeto político-intelectual de Gramsci, mas não desqualifica os artigos publicados anteriormente pelo autor e por outros autores que transformavam, com o publicar das novas edições, o caráter da revista.

Cronache dell' Ordine Nuovo foi um pequeno espaço na revista em que os redatores utilizavam para ressaltar os objetivos do número publicado e da reflexão do semanário sobre temas que envolviam o socialismo e a atualidade, pois compreendiam como centrais e essenciais para a análise do desenvolvimento histórico. Os jovens *ordinovistas* publicavam:

> A nossa revista busca esclarecer, sempre de forma mais concreta, que a revolução socialista será executada e se cumprirá com a elaboração e com a instituição de um tipo novo de Estado que reflita a forma da progressiva transformação econômica. Acreditamos fazer parte da máxima concretização da obra de cultura, ou seja, de educação revolucionária. (*CRONACHE DELL'ORDINE NUOVO*, 1919, p.09).

Os jornalistas publicavam o segundo número da revista com o objetivo de reunir operários e jovens de Turim para aumentar o contato dos operários com a esperança "de renovação do mundo". (*CRONACHE DELL'ORDINE NUOVO*, 1919, p.09). O semanário se tornava cada vez mais importante na história do movimento operário italiano, pois representava o vínculo principal do projeto de Gramsci para a organização da Itália e do *Soviet* – do Conselho de Fábrica - que se tornava tema fundamental durante os anos que estavam por vir. (COMMETTI, 1974, p.103).

No segundo número de *L'Ordine Nuovo*, Gramsci publicava, na coluna *Vita Politica Internazionale*, três textos denominados de *Le forze della rivoluzione*, *La controrivoluzione* e *L'Unità del mondo*. Os três artigos – que já tiveram algumas partes citadas – discutem a influência da revolução bolchevique ao redor do mundo. Isto

contribui na tese do internacionalismo gramsciano, iniciado em meados de 1917, mas que se desenvolvia em consonância aos acontecimentos nacionais e internacionais.

Os três artigos demonstram que o objetivo da revolução socialista era o de "instaurar nas nações a República Federativa dos Conselhos de operários e camponeses.". Os artigos versam sobre o processo de levante conservador e reacionário nos países que se armavam para a revolução e também sobre a revolução socialista fundamentada no *Soviet*. Na análise gramsciana, a revolução proletária de 1919 constituiu uma coalisão reacionária em vários países da Europa, mas isso não afetou as perspectivas de Gramsci, cada vez mais acentuadas, sobre a "adesão orgânica das nações" na revolução socialista. (A.G., 1919, p.13).

O terceiro número de *L'Ordine Nuovo*, publicado no dia 24 de maio de 1919, contou com o *Documenti della Rivoluzione*, escrito no natal de 1918 por Clara Zetkin, Rosa Luxemburg, Karl Liebknecht e Franz Mehring. Segundo os *ordinovistas*, esse foi o "documento mais significativo do novo espírito revolucionário que foi despertado no movimento socialista e proletário internacional.". (*L'ORDINE NUOVO*, 1919, p.18). O documento é uma convocação aos operários e camponeses para se auto-organizarem, pois, "em toda parte são constituídos Conselhos de operários e de camponeses", sendo o documento um apelo não só aos operários alemães, mas ao "proletariado do mundo inteiro.". O apelo à organização dos trabalhadores em Conselhos teve como princípio o fim do capitalismo "e a transformação mediante a revolução socialista.". (ZETKIN *et al*, 1919, p.19).

Para o desenvolvimento da revolução e organização do proletariado, a Internacional Comunista aparecia nas páginas do documento do grupo *Spartakus* e nas páginas seguintes do semanário como uma unidade de organização e orientação do movimento operário socialista. A Rússia, a Ucrânia e a Hungria se tornavam a "célula de uma nova sociedade que" realizava "todas as aspirações e a esperança dos oprimidos do mundo.". Seria necessário "estimular as energias revolucionárias das massas" e "organizar uma ação energética e simultânea dos partidos socialistas" para que esses não se tornassem forças contrarrevolucionárias. (A.G., 1919, p.21). O proletariado italiano provava

> ser o guardião vigilante dos interesses vitais e permanentes da nação, de ser o único bastião das liberdades essenciais da nação. Mas, a ação do proletariado não pode ser somente e meramente política: a demonstração política (que o proletariado representa a maioria da nação) deve ser incorporada à ação social para ser realizada com os métodos e táticas próprios da classe trabalhadora explorada. (NÃO ASSINADO, 1919, p.40).

A ação política deveria estar relacionada com a questão da vontade coletiva para que o proletariado e o campesinato se tornassem o centro da revolução e da construção de uma nova sociedade. Os métodos e táticas deveriam ser próprios da classe operária, assim como os intelectuais deveriam estar/ser organicamente ligados à classe e ao Partido. Dessa forma, o Partido e o Sindicato deveriam ser parte do movimento de organização proletária, pois quando somados com a cultura e com a análise política do proletariado, a ação social se tornaria mais exata e capaz de direcionar as classes subalternas para a substituição do Estado. Gramsci entendia que as táticas e os métodos da luta de classes demandariam sacrifícios das massas, além de ser necessária uma concentração de poder e de controle operário para um governo mais intervencionista – por parte do Partido e do Sindicato --, capaz de realizar maior pressão e a desagregação interna na burguesia. Para Gramsci, a política se torna ciência quando têm seus fundamentos na análise concreta das relações objetivas nos diversos níveis estruturais da sociedade. O conteúdo dessas relações é revelado nas ações e na luta de classes na disputa pelo poder. Neste caso, a análise da realidade concreta faz parte do conteúdo político e cultural das classes subalternas para a construção de uma nova sociedade. Isto faria com que o proletariado se tornasse o centro do processo transformador e construísse um compromisso histórico e político, capaz de envolver as classes subalternas. No momento em que a ação política esteve incorporada com a ação social, o proletariado e o campesinato italiano demonstraram a capacidade de se organizarem como os *Soviets*.

Em 21 de junho de 1919, o semanário publicou o seu sétimo número com o artigo *Democrazia Operaia*, que marca, possivelmente, a formação dos primeiros Conselhos de Fábrica turineses. Não há dúvidas que o artigo em questão é um dos textos mais importantes de Gramsci, mas, como já observado, o debate sobre os Conselhos não se inicia com esse artigo, pois nos números anteriores de *L'Ordine*

Nuovo a reflexão sobre a revolução socialista esteve pautada e fundamentada na prática dos *Soviets*. Não menos importante, o artigo, de 21 de junho, ressalta que o tema dos Conselhos de Fábrica viria a se tornar parte fundamental e essencial nas próximas páginas da revista socialista. Em suma,

> O núcleo do artigo refere-se ao presente e ao futuro das Comissões Internas, instituto que fizera a primeira aparição nas fábricas italianas no início do século, que no correr dos anos desempenhara funções diferentes segundo as situações e os momentos do choque de classes – do controle operário sobre as condições do trabalho e do disciplinamento, por conta da organização sindical, da conflitualidade espontânea até a obra de conciliação entre operários e patrões – e a que um acordo[20] estipulado em 20 de fevereiro de 1919, entre a Federação dos Operários Metalúrgicos e a Associação Nacional dos Industriais Mecânicos (o mesmo acordo que também acolhia a tradicional reivindicação de oito horas de trabalho) dera contornos mais preciosos, reconhecendo a Comissão Interna como representante na fábrica da organização sindical nas relações com a direção do estabelecimento. (RAPONE, 2014, p.118).

O artigo retrata as contradições da sociedade italiana, além de estabelecer os novos paradigmas para o proletariado. O autor demonstra no artigo, mesmo que implicitamente, inúmeras categorias que mais tarde irá desenvolver nos *Quaderni del Carcere* ou que estavam em desenvolvimento desde seus primeiros anos em Turim. Quando Gramsci reflete sobre as forças sociais desencadeadas pela guerra, fica ainda mais evidente a importância do Partido na organização da classe operária e camponesa italiana. Contudo, a direção e a autodisciplina são permanentemente fundamentais para que as forças sociais italianas integrassem os organismos operários e se tornassem a espinha dorsal do Estado operário.

A autoeducação também ganhou as linhas do artigo. Segundo Gramsci, o texto era um "convite aos melhores e aos mais conscientes operários, para que reflitam" e "colaborem na solução do problema, fazendo convergir para ele a atenção dos seus

[20] O acordo de fevereiro de 1919, que dá enquadramento definido ao instituto das Comissões Internas e abre caminho para sua transformação em componente estável do mundo operário, o que constitui pressuposto para que se possa estudar estes organismos a fim de verificar sua funcionalidade em relação ao programa de edificação de novas estruturas de poder como base do Estado Socialista. (RAPONE, 2014, p.121).

camaradas e de suas associações", pois, é "somente através de um trabalho comum e sólido de esclarecimento, de persuasão e de educação recíproca" que "nascerá a ação concreta de construção" do socialismo. (GRAMSCI, 1954, p.10).

A necessidade de anexar os institutos da classe operária pode ser visto nesse texto. Para o autor, quando os institutos do proletariado estão conectados entre si é que ocorre a democracia operária. Como o Partido e a Confederação do Trabalho não mais exerciam o dever de organizar o direcionamento das massas -- permaneciam como controladores dos operários --, o terreno da luta de classes estava aberto para a transformação das Comissões Internas em Conselhos de Fábrica. O texto representou um ponto muito importante no desenvolvimento intelectual e político de Gramsci e pode ser visto como o "produto mais típico da sua adesão ao comunismo e da sua interpretação do significado histórico da Revolução Russa." (RAPONE, 2014, p.118). *L'Ordine Nuovo*, por sua vez, representava cada vez mais o movimento de autoeducação das massas e conquistava o papel de porta voz e agente da auto-organização da classe operária formando, em conjunto com os operários, uma frente de luta na revolução internacional.

Segundo Del Roio (2018, p.120), é importante compreender que "o movimento de autoeducação das massas, o predomínio do espaço público são característicos de um momento revolucionário.". "O movimento dos Conselhos que eclodia em Turim" era, de fato, "uma frente da revolução socialista internacional", "em outra situação, de indiscutível dominação burguesa, é mais provável que continuasse sendo uma resenha de cultura socialista.". Mas, a "guinada na orientação editorial e política da revista foi ela mesma o produto da educação ministrada pela classe operária aos seus educadores.".

No ano II de *L'Ordine Nuovo*, especificamente no número 12, em 14 de agosto de 1920, Gramsci publica – como de costume – na coluna *Il programma dell'Ordine Nuovo*[21]. O texto é um tanto polêmico por se tratar de críticas dirigidas diretamente a Tasca e por Gramsci afirmar que ele e Togliatti realizaram "um golpe de estado redacional" na revista com a publicação de *Democrazia Operaia*. Há, de fato, um

[21] Esta citação pode ser encontrada em diversos comentadores gramscianos para fundamentar o argumento de transformação do caráter da revista. Quando lido na íntegra e compreendido com a análise que parte de todas as publicações de *L'Ordine Nuovo*, é possível afirmar que o artigo *Democracia Operária* foi de suma importância, além da maior aproximação de Gramsci com o marxismo, para a instauração dos Conselhos de Fábrica na Itália.

descontentamento em Gramsci no que diz respeito aos posicionamentos políticos de Tasca, como também dos primeiros números de *L'Ordine Nuovo*. Tal descontentamento está relacionado com o caráter essencialmente cultural de algumas publicações que enfatizavam a visão cultural, conformista e pacifista de Tasca, de desejar estudar as questões técnicas das fábricas, de compreender a psicologia operária apenas como uma maneira de moldar o proletariado, mas, principalmente, por não reconhecer as Comissões Internas como uma força social energética capaz de se tornar os *Soviets*.

Gramsci afirma que

> O único sentimento que uniu nossas reuniões foi despertado por uma vaga paixão de uma cultura proletária vaga; nós queríamos fazer, fazer, fazer; nós nos preocupamos muito, sem orientação e mergulhados na vida contundente daqueles meses depois do armistício, quando o cataclismo da sociedade italiana parecia imediato. Ai de mim! A única palavra nova falada nessas reuniões foi sufocada. (GRAMSCI, 1920, p.95).

Além das críticas sobre o posicionamento de Tasca, que fundamentam a necessidade de 'um golpe de estado redacional', Gramsci enfatiza a falta de orientação por parte dos membros das Comissões Internas que concebiam a prática como aliada ao sindicato e se negavam, assim como Tasca, de enxergar as Comissões como institutos semelhantes aos *Soviets*. Para Gramsci, "existe na Itália, em Turim, um germe de governo operário, um germe do *Soviet*" que "é a Comissão Interna.". Portanto, é necessário estudar "a fábrica capitalista, mas não como organização da produção material" e sim para elaborar "uma cultura especializada que não temos; estudamos a fábrica capitalista como uma forma necessária da classe operária, como organismo político, como território nacional do autogoverno operário.". No entanto, "esta palavra era nova e foi rejeitada pelo próprio companheiro Tasca.". Para tanto, foi necessário "um golpe de estado redacional" "para que o problema da Comissão Interna ficasse explícito". Na noite anterior à publicação do artigo, Gramsci e Togliatti se reuniram com Terracini para apresentar a linha política do artigo, e "Terracini expressara sua total compreensão teórica e prática; o artigo, com o consentimento de Terracini e com a

colaboração de Togliatti, foi publicado.”. Posteriormente, os três foram convidados para ser parte orgânica do movimento operário de Turim. (GRAMSCI, 1920, p.95).

Portanto, *Democrazia Operaia* fundamentou a necessidade da prática aliada à teoria, abrindo espaço para que Gramsci, Terracini e Togliatti fizessem parte dos círculos educacionais, das assembleias de fábrica e que fossem convidados pelas Comissões Internas para discutirem a revolução socialista. O artigo colaborou na visibilidade da revista e na atuação política dos jovens, tornando-os intelectuais organicamente ligados à classe operária. Consequentemente,

> o problema do desenvolvimento das Comissões Internas tornou-se o problema central, tornou-se a ideia do *L'Ordine Nuovo*; foi colocado como o problema fundamental da revolução operária, o problema da liberdade proletária. (GRAMSCI, 1920, p.95).

L'Ordine Nuovo se tornava, para os escritores e para os leitores, a revista dos Conselhos de Fábrica dos operários, pois nos artigos publicados era possível “encontrar parte de si mesmo, a melhor parte de si mesmo” que eram espelhos das instigações e das necessidades dos operários: a liberdade e como se tornar livre, a questão do auto conhecimento -- enquanto operário qualificado que escreve na revista e que exerce, a cada dia, o espírito de cisão. (GRAMSCI, 1920, p.95). Os artigos de *L'Ordine Nuovo* expressavam as

> vontades, verdadeiras paixões da classe trabalhadora de Turim, que haviam sido testadas e provocadas por nós, porque os artigos de *L'Ordine Nuovo* eram quase um ato de eventos reais, vistos como momentos de um processo de libertação íntima e expressão de si mesma pela classe operária. (GRAMSCI, 1920, p.95).

Formava-se, então, uma nova *práxis* em Turim. Contudo, a organização dos operários em Conselhos e o importante/fundamental papel que *L'Ordine Nuovo* exercia não fazia parte da pauta do Partido Socialista e do Sindicato. O debate sobre a intransigência e a necessidade do Partido Socialista se engajar na luta com a Internacional não poderia ser mais importante do que agora. O Partido e o Sindicato

deveriam se reconstruir e atuar junto com os Conselhos de Fábrica, pois Gramsci sabia que as condições para a revolução não dependiam apenas dos Conselhos. Os Conselhos de Turim deveriam se espalhar para outras cidades italianas na tentativa de estabelecer um laço de solidariedade com o PSI e com a CGL, pois a relação com essas instituições poderia prover uma unidade proletária fundamental para a construção do Estado operário, o que era indispensável na luta pelo socialismo.

1.5 O Partido Socialista Italiano, o Sindicato e os Conselhos de Fábrica

Em março de 1919, o PSI decidiu aderir à Internacional. No entanto, a ala reformista do Partido permaneceu com a visão de progresso e de renovação democrática (RAPONE, 2014, p.115). Aderir a Internacional significava aderir ao Estado soviético e criar uma frente antagônica ao capital. Para a criação de uma unidade proletária internacional, a luta deveria ter uma pauta em comum: a abolição do Estado burguês. Para isso, a Internacional Comunista exercia o papel de "consciência histórica da massa" focada "no proletariado internacional". (GRAMSCI, 1954, p.20). A tarefa da fração revolucionária, quando aderiu a Internacional, deveria ser a de promover o desenvolvimento da instituição proletária da fábrica, coordenar localmente e nacionalmente para desenvolver a função de "sistematizar nacionalmente e internacionalmente os organismos proletários que surgiram durante a guerra", sendo necessário "organizar um Novo Estado.". (GRAMSCI, 1954, p.20).

A possibilidade de o PSI aderir efetivamente às pautas da Internacional Comunista levou o autor a compreender a necessidade de autorrenovar o Partido. Gramsci traçava caminhos e tarefas necessárias ao Partido, seria, portanto, necessário que o PSI direcionasse as massas "ao movimento de libertação", "um senso diretivo e vital que correspondesse, em linhas gerais, ao processo de desenvolvimento da sociedade humana." (GRAMSCI, 1954, p.15).

O movimento operário, representado pela Confederação Geral do trabalho, se formava como expressão do proletariado e do campesinato. Da mesma forma que os Sindicatos se encontravam em crise de poder e soberania, a classe operária não se diferenciava, mas buscava resolver a crise com a consciência de necessidade de

transformação radical do Estado. A crise de poder e soberania que o Partido e o Sindicato criaram, delimitava o poder do proletariado e do campesinato. Para Gramsci, o problema deveria ser resolvido no processo de revolução socialista encabeçado pelos trabalhadores organizados nos Conselhos de Fábrica e associados no Sindicato.

Por conta de o Sindicato se tornar uma instituição gigantesca que obedecia a suas próprias leis e, em seu desenvolvimento, deixava de ser o representante dos trabalhadores, Gramsci enxergou a necessidade de liquidação da instituição. Fundamentado no fato de a CGL incorporar os sindicatos, um grande número de operários entendeu que a burocratização e a ausência de compreensão da psicologia das massas -- quando somada com a falta de sabedoria dos líderes para lidar com a crise --, afetava severamente a organização proletária. O Sindicato acabava por não conduzir o proletariado a um caminho de transformação e permanecia na legalidade burguesa. Gramsci concebia que a "natureza essencial do sindicato" era "concorrentista" e não "comunista.". (GRAMSCI, 1954, p.36). De tal maneira, não serviria como base do proletariado, por ser uma organização/instituição burocrática e braço do Estado.

Em meados de outubro de 1919, com o desenvolvimento da Revolução Bolchevique e com o desencadeamento da onda revolucionária em outros países, Gramsci passou a entender que os sistemas de sindicatos, da forma que estavam inseridos no movimento operário, prejudicavam a construção da ditadura do proletariado. Entendia que diferente dos *Soviets*, as organizações do trabalho na Itália não seriam a base do proletariado italiano e, apenas, serviriam para especializar os operários nas questões da produção.

Em fins de 1920, ao observar a situação dos Sindicatos na Rússia, Gramsci parte da hipótese dialética de transformação e superação do instituto. Os conselhistas precisariam fazer parte do Sindicato, pois auxiliaria na renovação que deveria ser imediata. Assim sendo, o Sindicato seria capaz de se assumir como figura histórica específica "quando as forças operárias e a vontade que a constituem lhe dão esta direção e põem à sua ação a finalidade que afirmavam na definição" (GRAMSCI, 1954, p.132) própria do movimento operário. No caso da Rússia, essa transformação ocorreu, pois a existência dos *Soviets* capacitava o proletariado organizado nos sindicatos de indústria e nos Conselhos a melhorar o trabalho, instaurar a autodisciplina e novas técnicas de

trabalho. Os Conselhos deveriam ser constituídos de comissários eleitos por mestres de cada repartição do trabalho. Em níveis mais altos de hierarquia, os conselhistas deveriam ser associados ao Sindicato, isso possibilitaria que os membros pudessem transformar o Sindicato por dentro e colaborariam na atuação do Conselho na produção, na cultura e na política. A nova organização da classe operária se mostrava capaz de atuar na finalidade produtiva e distributiva da acumulação social de riqueza produzida pelos operários, pois

> A existência do Conselho dá ao operário a direta responsabilidade da produção, conduz a melhora do trabalho, instaura uma disciplina consciente e voluntária, cria a psicologia do produtor, de criador da história. (GRAMSCI, 1954, p.38).

Ante o exposto, para Gramsci, a função do Sindicato, ao se relacionar com os Conselhos, era a de "se dedicar a elaborar a forma de vida econômica e de técnica profissional que é própria da civilização comunista", porque, para criar um fordismo reverso e desenvolver a liberdade comunista seria necessário "que os operários voltem toda a sua vontade e a sua fé para a consolidação e difusão dos Conselhos, para a unificação orgânica da classe trabalhadora.". (GRAMSCI, 1954, p.38- 39).

A questão da vontade surgia como princípios reguladores que deveriam ser aprimorados pela autodisciplina desenvolvida nos Conselhos e no Sindicato renovado. Quando relacionados ao Partido -- com método de luta a tolerância-intransigência --, a democracia operária surge no sentido de anunciar os deveres do proletariado. O resultado seria/foi a auto-organização no trabalho para uma produção que estabelecesse/estabeleceu o direito ao pensamento livre na fábrica. A autodisciplina operária deveria ser algo sólido para o ordenamento do movimento socialista e agiria como o desenvolvimento da autonomia e da organização espontânea da classe operária. A autodisciplina, portanto, não se configura como submissão ao patrão e ao capitalismo, ao contrário, a autodisciplina comporta a auto-organização e a autogestão do processo de trabalho e age como um

> reconhecimento das necessidades de "atuar segundo uma linha de conduta que nós mesmos contribuímos para traçar e para manter com rigorosa coerência"; neste sentido, também é uma prática de liberdade, porque, fora da organização, pode existir certamente o impulso individual, mas só na ação sistemática em direção a um fim a autonomia do sujeito pode realmente se expressar. (RAPONE, 2014, p.352).

O Sindicato deveria criar junto aos Conselhos um organismo de "controle operário e da gestão comunista da produção, realizando efetivamente a superação da atual fase da luta pelos salários e pelos horários.". (GRAMSCI, 1954, p.15). A função principal do Sindicato seria o de ser uma escola do trabalho que estabelecesse a autodisciplina constante e metódica ao auxiliar na transformação do operário. No entanto, com a ausência do Sindicato no processo revolucionário, os Conselhos assumiram o papel e a função de organizar o trabalho e os operários nas fábricas. De acordo com Gramsci, os Conselhos possuíam algo específico que não se encontrava no Partido Socialista ou no Sindicato. De fato, os Conselhos demonstravam um grau mais acentuado na maturidade do proletariado ao levar a luta de classe para a construção da revolução. Demonstrava o desenvolvimento da consciência na organização da fábrica e na construção da democracia operária.

Portanto, "o Conselho de Fábrica é a primeira célula desta organização" (GRAMSCI, 1954, p.36) estatal, pois vai além da luta por melhores salários e adquire a função de transformar o trabalhador em um operário qualificado que se torna produtor e proprietário do que produz,

> Porque no Conselho todas as especializações do trabalho estão representadas, proporcionalmente a contribuição que cada mestre e cada especialização do trabalho dão para a elaboração do objeto que a fábrica produz para a comunidade, a instituição é de classe, é social. (GRAMSCI, 1954, p.36).

Portanto, os Conselhos de Fábrica são "um órgão de educação recíproca e de desenvolvimento do novo espírito social", que criam uma nova "comunidade de trabalho" e que se enquadram como uma organização homogênea capaz de englobar a

classe produtora por dar coesão à vida social ao relacionar cultura, política e economia em um único órgão. (GRAMSCI, 1954, p.37). Como novo órgão de poder da classe operária, os Conselhos podem ser analisados como o resultado do desenvolvimento da revolução proletária (1917), oriundos das Comissões Internas – espontâneas --, que criam um novo processo de produção e uma nova disciplina que tende a elaborar um novo projeto de sociedade.

A análise de Gramsci sobre o Sindicato e o Partido tem como base a compreensão da função objetiva que o centro industrial italiano, em Turim, exercia sobre a transformação do proletariado nacional. O momento de convulsão e agitação política tornava os trabalhadores metalúrgicos seus próprios representantes. A vanguarda do proletariado nacional deveria, com o auxílio do PSI e da CGL, ser formada em novas regiões do país. Provavelmente mudaria o caráter das classes subalternas, pois mudaria "da agitação corporativa para a agitação política.". Contudo, a prática era diversa. Gramsci se questionava sobre "como o Partido, pode, e poderia permanecer estranho, ajudando como um mero espectador da agitação?". (GRAMSCI, 1954, p.405). As mudanças nas ações do Partido e do Sindicato não eram realizadas e isso demonstrava uma vontade diferente da vontade coletiva que se organizava em outros países.

Para Gramsci (1954, p.68), o PSI se tornava um aparelho de democracia operária quando visto pela fantasia tática. O processo revolucionário que a Itália vivia deveria ser visto como um momento espontâneo da massa trabalhadora que estava/compreendera no/o ápice das contradições da sociedade capitalista, das contradições das relações sociais e da convivência humana na determinada formação histórica. A atuação do Sindicato e do Partido, junto aos conselhos, era necessária para o desenvolvimento da consciência histórica que atuava diretamente no processo produtivo das riquezas e na formação de uma nova sociedade. Para que o processo revolucionário se realizasse, os organismos de luta do proletariado deveriam atuar violentamente durante seu desenvolvimento. Já que o Conselho era o esboço de uma nova formação histórica social, nascido da vontade de substituir o aparato produtivo, traçava-se a necessidade cada vez maior do método intransigente nas ações do Partido para provocar o domínio de atuação política no setor do Sindicato, no campo econômico. A necessidade de o

Partido e de o Sindicato se identificarem com os Conselhos estava na ordem do dia. O Partido deveria atuar na consciência individual "e determinar novas configurações sociais", concentrar os novos "dispositivos embrionários de poder, nos quais a massa atua seu governo" para que as classes subalternas pudessem adquirir a "consciência de sua responsabilidade histórica e de sua missão precisa, para criar as condições do comunismo regenerativo.". (GRAMSCI, 1954, p.69).

A mudança de caráter do Partido e a possibilidade de transformação do Sindicato deveriam encaminhar novas ações intransigentes com a luta dos Conselhos, de forma que a solidariedade comunista se estabeleceria. Gramsci acreditava na possibilidade de o Partido conquistar a figura "de partido parlamentar pequeno-burguês", enquanto "deveria se tornar o partido do proletariado revolucionário.". Deveria ser um "partido homogêneo, coeso, com sua própria doutrina, com sua tática" e com "uma disciplina rígida e implacável.". (GRAMSCI, 1954, p.94). Devido às condições peculiares do movimento operário italiano e a questão da produção se tornar essencial na obra gramsciana, a existência de um Partido revolucionário se mostrava como fundamental para dar concretude ao movimento que lutava para criar um Estado operário. Para tanto, O PSI deveria se tornar um Partido de Comunistas, coeso e disciplinado

> que através do seu núcleo na fábrica, do sindicato e da cooperativa, coordena e centraliza toda ação revolucionária do proletariado em seu comitê executivo central, é a condição indispensável para se tentar qualquer experimento Soviético. (GRAMSCI, 1954, p.122).

Para fazer como na Rússia, a direção do PSI deveria estudar e difundir um programa de governo revolucionário e apresentar uma solução real ao proletariado. Dessa forma seria possível eliminar também a profunda crise que o Sindicato passava, pois o proletariado organizado e formado no Partido possuía a experiência dos problemas que o Partido discutiria e resolveria. Essa seria, de fato, a unidade proletária que Gramsci sugere quando estabelece a relação que o PSI, a CGL e os Conselhos de fábricas deveriam ter. Essa seria a fase de demonstração do proletariado que conquistou sua consciência e que sabe expressá-la de forma correta.

A vanguarda que se organizava no PSI deveria compreender que é parte essencial para a resolução dos problemas e das contradições do movimento operário. No entanto, "é claro que a solução efetiva só pode ser implantada pela própria massa e, somente, através dos Conselhos de Fábrica" (GRAMSCI, 1954, p.100) é que estaria resolvida a dificuldade da construção de um proletariado ligado organicamente ao Partido. A vanguarda de operários organizados no Partido Socialista, na Confederação do Trabalho –transformada-- e nos Conselhos de Fábrica, possibilitaria a expansão do movimento para outras cidades italianas. Na análise de Gramsci, além dos centros industriais, o problema da construção do Estado operário passaria também pela função democrática do Partido que seria a de garantir uma tendência e um conjunto de ações intransigentes.

No ano de 1919, a população italiana foi bem representada no Congresso pelos deputados socialistas e conquistaram a maioria nas eleições. A Liga de Camponeses e a Câmara do trabalho possuíam grande propagação em toda Itália, principalmente nas ilhas e na Itália meridional. No entanto, não possuíam uma direção política e organizacional, o caráter individualista persistia, mesmo com a necessidade de direcionar o movimento que se mostrava caótico e desordenado. A essencialidade de uma aliança-operário camponesa novamente estava em pauta, pois não ocorreria uma revolução sem ocorrer uma revolução agrária e os camponeses representavam uma das tendências anticapitalistas de luta pela liberdade e pela conquista de autonomia. O PSI deveria ser capaz de possibilitar a entrada dos camponeses no Partido, pois eram parte do organismo de poder industrial e político que se formava. (GRAMSCI, 1954, p.59).

A Itália teve uma das experiências revolucionárias mais expressivas por conta de suas particularidades com as ocupações das fábricas e a relação dos Conselhos com o Sindicato e com o Partido. Um dos erros do PSI e da CGL foi o de não atuar na educação do proletariado para a revolução e, nesse caso, não ser parte do movimento dos Conselhos de Fábricas. Aos poucos, o movimento dos Conselhos se organizava com a finalidade de negar e combater o Estado burguês e suas instituições, consequentemente, o PSI e a CGL. A direção do movimento operário nascia novamente, mas, com as necessidades vislumbradas a partir da organização do trabalho e do proletariado. Os Conselhos de Fábrica decidiram que o Sindicato deveria cuidar das

contratações, regulamentações de horários e de salários conforme as necessidades dos operários. O Partido deveria exercer seu apoio e direcionar a classe operária ao caminho da revolução socialista.

Nascia um novo proletariado mais consciente e decidido a agir na construção de um novo trabalho, de uma nova fábrica e de uma nova sociedade. A crítica deixava de ser abstrata e passava a ser fundamenta na ação prática do Conselho de Fábrica que criava um novo operário. Contudo, não deixara de ser importante compreender o capitalismo, a fabrica, a psicologia das massas, e, principalmente, como desenvolver o controle e o poder operário.

CAPÍTULO II: AMERICANISMO OPERÁRIO E FORDISMO REVERSO

"Chega sempre a hora em que não basta apenas protestar: após a filosofia, a ação é indispensável."

Victor Hugo, 1862.

2.1 O proletariado de Turim no protagonismo da revolução

No Estado burguês os laços de solidariedade são dissolvidos "pelo rápido aperfeiçoamento de todos os instrumentos de produção, pelas comunicações infinitamente facilitadas", de tal modo, "a burguesia arrasta todas as nações, mesmo as mais bárbaras, para a civilização.". (MARX, 1987, p.38). No entanto, essa nova civilização é fundamentada a partir da convivência humana com o princípio de indivíduo-cidadão, do cidadão que luta e conquista seus direitos na esfera reformista, mas que é visto como um inimigo permanente do Estado. Consequentemente, o Estado coloca homem contra homem e fundamenta suas ações nos princípios da legalidade jurídica.

No entanto, "as armas com que a burguesia derrubou o feudalismo viram-se agora contra a própria burguesia" que "não forjou apenas as armas que lhe trazem a morte; também gerou os homens que vão usar essas armas – os operários modernos, os proletários.". (MARX, 1987, p.40). O proletariado "nasce como protesto do devir histórico contra todo enrijecimento e apodrecimento do dinamismo social" capitalista. (GRAMSCI, 1954, p.04). A classe trabalhadora apenas consegue sobreviver enquanto tem trabalho e "só têm trabalho enquanto o seu trabalho aumenta o capital", portanto, a classe trabalhadora é "uma mercadoria como qualquer outro artigo de comércio, e estão, por isso, igualmente expostos a todas as vicissitudes da concorrência, a todas as flutuações do mercado.". Com a divisão do trabalho e a expansão de novas tecnologias, o trabalho perdeu seu caráter autônomo e "todos os atractivos para os operários". O operário, formado pelo capitalista, não passa de "um mero acessório da máquina ao qual se exige apenas o manejo mais simples, mais monótono, mais fácil de aprender.". No capitalismo, "as massas de operários", quando reunidos na fábrica, "são organizadas

como exércitos" e vivem "sob a vigilância de uma hierarquia completa de sargentos e oficiais.". (MARX, 1987, p.40).

Os operários são beneficiados pelo capitalismo na lógica jurídica e "conquistam o direito de ir e vir e de vender em melhores condições sua força de trabalho.". Contudo, "essa liberdade logo se volta contra o proletariado: o trabalhador torna-se mercadoria submetida a todas as oscilações do mercado, sem garantias, sem segurança para sua vida, para seu futuro", pois "as condições do assalariado tornam-se piores do que aquelas do servo da gleba. Sua fome, seu desemprego, o perigo que corre de morrer de inanição tornam-se outras tantas cifras no jogo da concorrência capitalista", enquanto as classes dominantes "se empanturram com o sangue dos trabalhadores.". (GRAMSCI, 1954, p.04).

A situação do proletariado passa por diversas etapas de desenvolvimento, lutam na esfera individual, depois se organizam em fábricas locais e começam a compreender a lógica da luta de classes. Aos poucos, o movimento operário se torna "a reação da sociedade que quer se recompor num organismo harmônico solidário.". No entanto, para a luta ter algum êxito, é necessário que a organização proletária esteja unida com o campesinato e que busquem direcionamento à ação revolucionária. (GRAMSCI, 1954, p.05).

Marx e Gramsci pensaram a sociedade de acordo com a realidade que vivenciavam e a crítica à Economia Política se fazia necessária para compreender a lógica capitalista, a organização das fábricas e o mundo do trabalho. Assim, assinalava a possibilidade de formação de um novo operário. Os dois anos vermelhos que se inauguravam na Itália assinalaram a comprovação prática da teoria marxiana: um novo proletariado surgia para fazer a revolução e criar uma nova sociabilidade humana. Mas, precisariam transformar o ambiente fabril, as relações de produção e a vida social.

Em Turim, os Conselhos de Fábrica estariam marcados como a última experiência conselhista revolucionária do século XX. Ainda não se imaginava a onda reacionária que tomaria o país nos próximos anos. Para a nova situação que estava imposta, a classe operária deveria se manter como guardiã e vanguarda do desenvolvimento histórico, "manter a disciplina de suas trincheiras revolucionárias, uma

disciplina de paciência, de senso crítico proletário, de luta em suas próprias forças e também no futuro próximo.”. (GRAMSCI, 1954, p.103).

Ao compreender os limites do Partido Socialista e do Sindicato, a reflexão de Gramsci observa que a classe operária “se governa fora do sindicato” (GRAMSCI, 1954, p.98) e que a fábrica é o local onde o proletariado entende/transforma seu trabalho, se autogoverna. Com a ausência do Sindicato e do PSI, os Conselhos de Fábrica “nascem espontaneamente” e se tornam “as células da nova ordem que se agregam e formam estratificações solidárias mais amplas” capazes de atuar no processo de transformação do trabalho. O processo de trabalho autogerido pelo proletariado faz com que os operários conquistem “um pouco de autonomia, um pouco de liberdade efetiva” e transformem as relações sociais. Durante a revolução, o proletariado se inaugura como a “nova classe mundial” que “se coloca contra a exploração de todas as classes burguesas nacionais” e contra o capitalista da fábrica. (GRAMSCI, 1954, p.05).

O objetivo do proletariado organizado era o de expropriar da burguesia os meios de produção e transformar os organismos do Estado para as necessidades do proletariado e do campesinato. O Conselho se torna o *soviet* italiano com limitações e particularidades nacionais: a “primeira forma desta experiência histórica da classe operária italiana que direciona para o autogoverno no Estado Operário”, pois, segue “o princípio proletário” como “reconhecimento explícito de uma necessidade imediata, de uma necessidade orgânica da sociedade humana.”. (GRAMSCI, 1954, p.95).

As questões do mundo do trabalho são definidas por Gramsci como fundamentais para a organização de uma nova sociedade. Mas, para direcionar e definir a produção, os princípios de coletividade e de solidariedade seriam essenciais. A reflexão do autor ultrapassa a esfera econômica, pois está relacionada com a autodisciplina e auto-organização dos operários para a autogestão do processo de trabalho, com foco no aumento da produção. Nesse caso, a questão de como organizar a produção e os postos de trabalho deveriam partir do proletariado e para isso seria

> preciso produzir; e, para produzir, é preciso que exista uma classe operária capaz, física e intelectualmente, de exercer um esforço heroico de trabalho. Para isto, é necessária que a disponibilidade produtiva seja

> orientada especificamente para o sustento da classe operária, a classe dos produtores; e, é necessário que exista um poder capaz de impor esta necessidade, portanto de assegurar à classe operária as condições de nutrição e de bem-estar que permitam um esforço de trabalho, o aumento da produção. (GRAMSCI, 1954, p.94).

A questão da produção e do operário qualificado, intelectualmente e tecnicamente, se tornou um dos pontos de reflexão central no *L'Ordine Nuovo*, pois compreender a lógica do trabalho realizado por operários, em uma fábrica sem patrão, seria um dos primeiros passos para garantir a vitória da revolução em Turim. Durante o período dos Conselhos, a cidade ganhou o rosto da revolução e deveria expandir-se em nível nacional. Para isso, a realização de Assembleias de Fábrica e de Congressos seria de suma importância na aglutinação de todas as fábricas italianas, garantindo um espaço de maior expansão dos Conselhos, para além das indústrias metalúrgicas.

É claro que as dúvidas sobre os Conselhos eram inesgotáveis. O semanário *L'Ordine Nuovo*, em diversas publicações, demonstrou indagações sobre os Conselhos, principalmente no que diz respeito à semelhança com o *Soviet* russo. Seriam os Conselhos capazes de se expandir para outros locais? "Os Conselhos de Fábrica são ou não o *Soviet*?" Os Conselhos deveriam ser ou não abolidos durante a ditadura de classe?

A propaganda revolucionária sobre os Conselhos de Fábrica denotavam, cada vez mais, um papel importante para o processo da revolução italiana e foi *L'Ordine Nuovo* que garantiu que isso ocorresse. Ao se tornar porta voz do movimento conselhista, as indagações operárias eram respondidas pela própria classe que se auto educava e se formava. A função do semanário estava cada vez mais conectada com a revolução e com a autoeducação desse novo proletariado, pois ao exercer a função de órgão que organizava a cultura proletária – criada pela própria classe -- a propaganda revolucionária se tornava mais do que palavra de ordem e nomenclatura; a propaganda da revolução passava a ser construída a partir da classe que a dirige e que expressa suas necessidades.

O movimento operário necessitou responder as questões que se indagava. Passou a compreender que a revolução "ou é um movimento de massas ou não é" e, ao compreender esse ponto, os revolucionários precisariam criar um sistema de organismos

de luta "da célula que constituí a nova sociedade.". Novamente a produção aparece como ponto essencial a ser discutido, pois

> o processo revolucionário, por ser realmente um processo de transformação e criação, deve partir do convívio da vida produtiva, na qual devem arraigar os institutos da sociedade comunista. (NÃO ASSINADO, 1920, p.285).

Para tanto, é possível observar que o desenvolvimento da consciência de classes dos conselhistas, elencava que a produtividade deveria estar atrelada ao *Soviet*, pois esse órgão se mostrava como um organismo de formação/autoformação das massas, além de constituir a nova liberdade comunista, na esfera laborativa. Os Conselhos, para os *ordinovistas*, tornavam-se órgãos vitais na autogestão da produção, pois o proletariado estava livre para produzir, de acordo com suas necessidades. O movimento conselhista tendia a educar os produtores e a construir um governo de produtores, tornando a revolução algo concreto e efetivo, mas que ainda necessitava de um novo Sindicato e um novo Partido. (NÃO ASSINADO, 1920, p.285). *L'Ordine Nuovo* concluía que "a constituição do Conselho de Fábrica é a primeira possibilidade de afirmação concreta do movimento comunista na Itália.". (NÃO ASSINADO, 1919, p.285).[22].

A revolução anunciada foi "a maior das revoluções", pois pretendia "abolir a propriedade privada e nacional, bem como as classes. Ela envolve todos os homens e não só uma parte deles.". (GRAMSCI, 1954, p.06). De fato, com as publicações de *L'Ordine Nuovo* e as ocupações das fábricas em 1920, o ambiente industrial e operário de Turim pôde vivenciar os anos da revolução e a possibilidade de formação de um novo tipo humano, portanto, os novos rumos da sociedade. Os Conselhos de Fábrica possibilitavam aos homens que se organizassem para intervir na luta nacional e internacional, no mesmo momento em que transformavam os proletários, os organismos e as instituições sociais. Seguiam a análise marxiana de que a luta operária contra a burguesia deveria começar em nível nacional, momento do qual o proletariado irá, primeiramente, resolver os problemas nacionais, mas ao levar a luta para operários de

[22] *A constituição do Soviets na Itália* (p.285), publicado no semanário *L'Ordine* Nuovo, número 36, ano 01, do dia 07 de fevereiro de 1920, não assinado.

outros países começam a “lançar os fundamentos do seu próprio domínio.”. (MARX, 1987, p.48). Nesse caso, transformar o simples operário de Turim em operário produtor significava transformar a consciência de classes que começa na função do processo produtivo e que é elevada “em todos os graus, da fábrica à nação, ao mundo.”. Durante este movimento dialético, o operário

> sente a classe e se torna comunista, porque a propriedade privada não é função da produtividade. O capitalista privado, é como um ponto morto, como um fardo, que necessita ser eliminado. (GRAMSCI, 1954, p.46).

A transformação do simples operário para produtor/operário qualificado acontece quando o trabalhador está inserido psicologicamente no processo de trabalho e quando se compreende como parte indispensável da produção. O desenvolvimento da consciência de classes e a coesão do proletariado dependem da organização, do espírito de cisão, bem como de um Partido revolucionário. Contudo, a organização proletária pode ser “rompida de novo a cada momento pela concorrência entre os próprios operários. Mas, renasce sempre, mais forte, mais sólida, mais poderosa.”. (MARX, 1987, p.44).

Os Conselhos em Turim muito colaboraram no desenvolvimento da consciência ao transformar a cidade em “uma unidade de produção” operária que “aglutina os trabalhadores” das várias atividades laborativas, “como também produtores da indústria.”. Os operários turineses desenvolveram a análise de que são “criadores das condições necessárias e suficientes para a existência da indústria” e conquistavam uma posição cada vez maior de controle e de poder, não só da produção, mas da consciência e da própria vida. (GRAMSCI, 1954, p.46). Exerciam a finalidade imediata dos comunistas, “a formação do proletariado em classe, derrubamento do domínio da burguesia, conquista do poder político pelo proletariado.”. (MARX, 1987, p.47).

De tal modo, a fábrica para o operário qualificado foi um dos maiores ganhos do movimento conselhista italiano do século XX. Demonstrou a capacidade política, criativa e a iniciativa de criação revolucionária do proletariado, já que isto está relacionado com a articulação do poder operário na luta pela emancipação. O poder

operário nasce, ainda nas condições capitalistas, na fábrica capitalista, mas, com a transformação da consciência do proletariado, as condições de produção e de cultura se transformam e surge a necessidade de substituir a fábrica por outro tipo de fábrica: com controle operário na produção e com poder operário na decisão da estratégia política.

O ápice revolucionário estava em pauta no semanário e surgia uma vontade real de o proletariado criar um governo de massas fundado nos Conselhos para superar as instituições da burguesia. A intensificação da luta do proletariado demonstrava a importância de toda a sociedade participar da ação operária, para que, com o esforço de compreender e transformar a realidade, fossem criados mecanismos para direcionar a vontade e a consciência, "pois a luta é pela realização, é da vontade contra a vontade, da força contra a força.". (GRAMSCI, 1954, p.106). Para Gramsci, a vontade das classes operárias "é aquela que se afirma de modo orgânico e permanente" que construiu, durante todos os dias, "uma nova célula da nova psicologia operária" e de uma nova "organização social que se desenvolverá até a Internacional Comunista.". (GRAMSCI, 1954, p.97). Formou-se na Itália uma gama de operários comunistas que buscavam o desenvolvimento da cultura e da nova forma de produção que se estabelecia de acordo com as mudanças na cidade. Gramsci entendeu que a força motriz direcionadora da vontade de transformação dos operários era uma vontade histórica,

> implementada no cotidiano, quando a massa operária compreende as necessidades técnicas da produção industrial, quando cada individuo se sente ligado aos seus companheiros pelas funções do trabalho e da produção, quando a classe operária sente os impulsos da necessidade histórica imanente em seu mundo (...). (GRAMSCI, 1954, p.97).

Foi a vontade coletiva do proletariado de Turim que guiava e direcionava o trajeto revolucionário. Antes das ocupações, os capitalistas demonstraram certa incapacidade de continuar controlando as fábricas e o mesmo ocorreu com o Partido Socialista e com o Sindicato, no direcionamento da luta operária, ao demonstrarem suas limitações. No pós-guerra, quando a economia italiana entrou em esfacelamento e desordem, o cambio aumentou, a produtividade caiu e o aparato nacional industrial e agrícola parou. Os operários e camponeses triunfaram e demonstraram que eram

capazes de ser uma classe produtora livre, demonstraram capacidade administrativa e produtiva (de técnica, de trabalho e de intelectualidade), além de aumentarem ao máximo a produção. (GRAMSCI, 1954, p.50).

Devido às novas condições de trabalho, desenvolvidas durante a guerra, "estava determinada em Turim, a formação dos Conselhos de Fábrica" (GRAMSCI, 1954, p.112). As necessidades do proletariado e do campesinato continuavam mais presentes e a necessidade de educação operária e crítica se tornavam uma das tarefas mais importantes dos Conselhos, pois a classe operária organizada, em seu novo embrião estatal, era a única capaz de operar na transformação das relações sociais e nas relações de produção.

Os Conselhos eram "a energia viva da história" e não deveriam se abater com a luta contrária das instituições burguesas. Dessa forma, o proletariado se desenvolvia como "a parte mais educada politicamente de todo o povo trabalhador.". (GRAMSCI, 1954, p.103). Portanto, a classe operária e a autoeducação deveriam estar direcionadas para a autogestão social, para a luta pela construção de sua cultura, conquistada por seus meios, com Congressos, círculos de cultura e educação recíproca. (GRAMSCI, 1954, p.95).

Com a autogestão e a autoeducação, que modificava o velho modelo de fábrica, surgia a necessidade de uma coordenação do trabalho intelectual e manual, pois se traçava como uma das condições de triunfo a necessidade do "trabalho paciente e tenaz de organização, com centenas e milhares de pequenas ações em oficinas e departamentos.". O campo também possuía função importante no processo revolucionário, pois, para o desenvolvimento da nova civilização, as ações e os métodos deveriam contar com a aliança operário-camponesa, já que o cenário de luta continha cerca de "quinhentos mil trabalhadores e camponeses" que lutavam para a "conquista da força do poder do Estado.". (GRAMSCI, 1954, p.112-113).

A educação das massas se tornava o compromisso mais importante dos Conselhos de Fábrica que deveriam se espalhar para outras localidades, de modo a solucionar os problemas da mentalidade subalterna, naturalizados durante anos pelo capitalismo e por seus líderes. Tornar o operário mais qualificado e levar o campo à

industrialização também era tarefa dos Conselhos, pois "quanto mais a produção de bens materiais se industrializa e a concentração do capital corresponde à uma concentração da massa trabalhadora; há menos adeptos às ideias liberais. (GRAMSCI, 1954, p.379).

Para Gramsci, o movimento de expansão da autoeducação e da autogestão seria capaz de estabelecer o trabalhador no centro do processo de transformação, além de conduzi-lo ao protagonismo de sua própria história. Os Conselhos desenvolveram "um gigantesco aparato produtivo" do proletariado e para o proletariado, que transforma a concepção de Estado, agora como uma complexa organização da sociedade harmonizada na fábrica. O proletariado e o campesinato passam a produzir, além de bens, uma nova sociabilidade, pois é "a sua personalidade como produtora" que "vive e se desenvolve" e, "conscientes da grave responsabilidade que assumem, explicarão isso, com seus métodos e sistemas comunistas, através de seus conselhos de produção.". (GRAMSCI, 1954, p.47-50).

De fato, o proletariado de Turim reverteu o sistema político produtivo das fábricas e garantiu, por meio dos Conselhos, uma nova democracia, um novo tipo de poder e de controle da produção.[23] Gramsci entendia que o processo de unificação das massas não poderia ocorrer apenas de modo abstrato ou apenas pelo modo natural de um antagonismo de classes. O *Soviet* abriria uma nova via para a classe trabalhadora, o caminho para uma unificação social, a célula de um novo Estado, a partir do exercício da crítica e da reflexão prática do trabalho e do trabalhador.

Esse homem que sabe fazer, que sabe racionalizar a produção e o trabalho, de maneira que combine a força e a persuasão para centralizar a vida do País na produção, é o operário fordista. No entanto, já que a hegemonia nasce da fábrica e precisa de trabalhadores dispostos para exercê-la -- muito mais do que espontaneidade ou vontade --, a ação política, a organização e, principalmente, a autodisciplina, são necessárias para que os trabalhadores se transformem e construam um novo tipo humano adequado ao trabalho e ao novíssimo processo produtivo. (GRAMSCI, *Q*.22, 1977, pp.2.137-2.181)

[23] Foram todo esse poder e controle que assustaram a burguesia que, em pouco tempo, colocou seus homens e suas armas nas ruas para determinar o fim do período revolucionário italiano.

Essa adequação do trabalhador ao processo de trabalho também foi um dos problemas que Lenin se preocupou. Segundo a publicação de Max Eastman, no *L'Ordine Nuovo*[24], deve ser criada uma autodisciplina de trabalho pelo corpo operário da fábrica, por quem produz, pois se a disciplina for imposta, como a do patrão, ela deixará de penetrar nas massas. Contudo, a disciplina operária é de grande importância, pois "o trabalho produtivo de uma sociedade livre deve ser organizado" e essa organização requer organizar a produção social sob uma hierarquia decidida democraticamente para que "a liberdade individual seja possível", junto como uma "vida industrial.". Dessa forma, compreender a formação do controle e do poder operário na fábrica é de grande importância nas mudanças das condições de trabalho. O proletariado turinês transformou a fábrica em colégio eleitoral, o que significava "que a hierarquia" estava "quebrada e que a construção do poder dos trabalhadores ocorre em bases puramente industriais e administrativas.". (GRAMSCI, 1954, p.166).

É claro que muitas coisas e costumes deveriam ser modificados, não apenas os salários e o bem estar no trabalho, também uma adaptação psicofísica do trabalhador. Para isso, o método fordista de produção foi de grande importância, enquanto técnica, pois daria espaço para o trabalhador pensar enquanto trabalha. Isso abriu espaço para que a classe operária forjasse seus próprios intelectuais organicamente ligados à classe, tanto camponeses quanto operários. Para isso, o espírito de cisão foi de grande importância para a organização dos trabalhadores que, espontaneamente, sentiam a necessidade de se organizar e se unificar, pois

> A autogestão do processo produtivo seria possível por meio do conhecimento dos processos técnicos, mas a gestão da coisa pública, do novo Estado que deveria brotar dos conselhos, exigiria uma qualificação cultural e uma mudança profunda no conjunto da vida social. (DEL ROIO, 2018, p.152).

A nova forma de trabalhar é o fundamento de uma nova sociabilidade e o fundamento material da hegemonia. Na experiência conselhista, durante o trabalho, o proletário pôde ter o controle dos seus pensamentos, de sua educação e da gestão do

[24] Publicação do dia 07 de junho de 1919, ano 01, número 05; coluna: *Uno Stadista dell'Ordine Nuovo*, artigos: *La disciplina del Lavoro* e *Una disciplina spontanea e cosciente* (p.33).

trabalho e também foi capaz de direcionar a cultura, a política e a economia. O espírito de cisão se tornava um dos princípios mais importantes do proletariado de Turim. Assumir a ruptura com as classes burguesas, com sua cultura, seu modo de viver e de pensar, para criar uma nova cultura, uma nova política e uma nova economia se tornava o objetivo principal que deveria ser levado constantemente pelo proletariado. Sendo assim, as classes subalternas deveriam criar sua própria história e não mais estar às margens da história, mas, para isso seria/é fundamental a compreensão da lógica do capitalismo e a organização do trabalho.

2.1 Organização e emancipação do trabalho

A hegemonia do capitalismo e a forma de dominação político-econômico e cultural do capital se transformam repetidamente. Tais transformações atingem o mundo do trabalho e modificam as relações sociais e de produção. Na maioria das vezes, estas transformações são prejudiciais para o desenvolvimento da consciência de classe e emancipação humana. As transformações na economia política do capitalismo, no final do século XX, foram várias. Essas mudanças podem ser observadas nas diferentes formas de produzir e organizar o trabalho, nos hábitos de consumo, nas práticas culturais da sociedade e no poder do Estado. Praticamente, todos os países estão inseridos na lógica do consumo em função dos lucros e é isto que organiza a vida econômica, política e cultural da sociedade. É neste sentido que as classes dominantes são capazes de criar as forças de produção "mais massivas e mais colossais do que todas as gerações passadas juntas", pois suprimiram "a dispersão dos meios de produção, da propriedade e da população" no momento em que "aglomerou a população, centralizou os meios de produção e concentrou a propriedade em poucas mãos.". (MARX, 1987, p.38).

O capitalismo se reinventa devido à lógica de reprodução que se insere e, no fato de existir um conjunto de relações que contribuem para seu crescimento e expansão, tanto de distribuição de renda, como de consumo. Compreende-se que sua existência está além da esfera econômica, pois toma a forma de leis, hábitos, normas e regulamentações legais que possibilitam a exploração do trabalho e a propriedade privada dos meios de produção. O Estado, por sua vez, pode agir como um benfeitor de

alguns grupos sociais e deteriorar cada vez mais a classe trabalhadora, por meio de suas instituições religiosas, patronais, políticas e culturais. Segundo Harvey (1994, p.118), essas pressões podem ser diretas, como o controle dos salários e preços, ou indiretas: com a propaganda subliminar que impõe à incorporação de novos conceitos sobre as falsas necessidades e desejos de consumo.

O individualismo e a necessidade crescente de realização pessoal acabam por prejudicar o desenvolvimento da consciência de classe adquirida coletivamente no processo de trabalho. Para produzir é necessário o conhecimento daquilo que se produz e disciplina sobre o processo de trabalho. No entanto, no capitalismo, a disciplina, as decisões técnicas e as questões organizacionais fogem do controle do trabalhador e isto se torna algo deletério na organização da classe trabalhadora e na construção da solidariedade de classe. Sendo assim, o capital tem como objetivo central atravancar a formação de um movimento operário forte e organizado, por meio das modificações na esfera do trabalho: questões gerenciais, inovações tecnológicas, propagandas ideológicas, repressão e/ou cooptação de lideranças políticas e através da competitividade imposta no setor produtivo e na esfera de serviços, que coloca operário contra operário. Por meio disso, o capitalismo cria transformações no mundo do trabalho e se reestrutura para evitar que o proletariado se organize em um movimento revolucionário e ameaçador ao sistema.

No estágio do desenvolvimento tecnológico[25] surgem o taylorismo, o fordismo e o toyotismo que transformam e moldam o perfil da classe operária, modificando também as estratégias e métodos de luta do proletariado. Pode-se observar que as três mudanças, na lógica organizacional, do mundo do trabalho possuem algo em comum: o aumento da produção, a padronização dos produtos, a diminuição do tempo de trabalho socialmente necessário, a diminuição dos custos da produção, e principalmente, o "controle sobre o trabalho humano empregado na produção, tido cada vez mais, pelos

[25] Desta forma, por mais que o trabalho seja parte da vida do trabalhador, este normalmente não gosta do que faz, não vê finalidade e sentido, está sempre exausto e se aliena com seu salário no começo de mais um novo mês de trabalho. Por mais que deixe uma parte sua naquilo que produz e, uma parte do que produziu fica no trabalhador, muitas vezes isso, não é compreendido com tanta clareza e o trabalho parece ser algo inútil. Parto da premissa que nenhum trabalho é inútil e que nenhum trabalhador deveria ser descartado – mesmo com as novas tecnologias úteis e algumas inúteis-. Os trabalhadores deveriam reorganizar suas funções junto às novas tecnologias e construir uma nova estratégia no campo da luta de classes. No entanto, no capitalismo o trabalhador está separado de seu trabalho, estranhado em suas condições laborativas e alienado pelo salário tão necessário para sua sobrevivência.

empregadores, como simples “ingrediente” dos processos produtivos.”. (PINTO, 2007, p.17).

Mas, é neste cenário, de estranhamento do processo de trabalho, de falsas necessidades e de grandes carências, que o trabalhador é capaz de notar quão degradante o capitalismo pode ser. É neste “estado de coisas, que o trabalhador percebe e determina o espírito do produtor no fenômeno da produção” e se torna capaz, “tanto a reagir a um estado de coisas injustas, quanto a defender o valor de seu trabalho.”. (PETRI, 1919, p.205). Quando organizados e auto direcionados para uma transformação radical, como ocorreu na Itália conselhista, assinala-se, na luta de classes, a possibilidade de emancipação do trabalho e do trabalhador. O trabalho livre, com finalidade de acumulação social coletiva, se tornou, portanto, um dos fundamentos mais importantes nas fábricas de Turim e dos operários organizados nos Conselhos. Neste sentido, a necessidade de formação da consciência das massas esteve diretamente relacionada com a organização do trabalho, de tal maneira que a criação de uma cultura orgânica proletária foi fundamental para uma nova sociabilidade. Segundo Gramsci, a formação das consciências ocorre primeiramente na produção, no momento de produzir; o trabalhador, então, tem a capacidade de pensar e, na própria fábrica, se organizar em meios culturais e especializados de sua área laborativa.

O desenvolvimento da autoeducação deve fazer antagonismo com a cultura e com a ideologia burguesa, pois após tanto tempo de trabalho no contexto capitalista a burguesia se tornou a proprietária dos meios de produção e, ao fazer do proletariado parte alienada do processo de trabalho, impôs o plano de produção. Segundo Gramsci (1954, p.83), as consequências do capitalismo italiano aumentaram a força armada da polícia, aumentaram caoticamente a burocracia, e a pequena burguesia passou a viver do ócio e da criação de organismos parasitários.

Segundo Fresu (2005, p.44 – p.50), na vida econômica existe um processo dialético em que o capitalismo cria sua própria condição de declínio e, com isso, cria uma força capaz de guiar e realizar a superação. Nas indústrias de Turim, predominavam a produção metalúrgica, em particular a automobilística. No setor siderúrgico trabalhavam cerca de cinquenta mil operários e dez mil técnicos. Formava-se uma grande parte de operários qualificados que não possuíam uma mentalidade

pequeno-burguesa. Isso ocorreu, porque, ao mesmo tempo em que a burguesia se desenvolvera, criara o proletariado, a força motriz que impulsionaria uma transformação social e que conduzia, de maneira eficiente, essa transformação à criação de um novo Estado.

Ao definir um caráter revolucionário, mesmo quando possuía reivindicações sindicais, os trabalhadores de Turim se tornavam produtores conforme colaboravam de maneira ordenada, independente da técnica industrial, pois se constituíam "como um organismo historicamente necessário e absolutamente inseparável." (GRAMSCI, 1954, p.151).[26]. Ao assumirem o caráter de embrião do Estado Operário e de auto educador do proletariado, os Conselhos de Fábrica transformaram a consciência das classes subalternas e, quando alinhado ao Partido revolucionário e ao Sindicato – como escola do trabalho --, foi capaz de guiar a sociedade para um projeto revolucionário eficaz.

Turim foi a primeira cidade italiana a experimentar o taylorismo como processo de trabalho. O taylorismo estava presente na organização do trabalho, no ritmo produtivo e nas relações sociais. Dessa forma, Turim, se tornava a grande capital industrial, controlada e organizada por operários e, "a ponta mais avançada da expansão industrial na Itália", que vivenciava, "de maneira traumática o aumento exponencial da sua população operária", além de experimentar, no processo produtivo, o taylorismo, criando "um aumento exponencial" da população operária. (FRESÙ, 2005, p.52).

Com as ocupações das fábricas, nascia a necessidade de um organismo que fosse parte do processo produtivo, de tornar o Conselho de fábrica uma forma de autogoverno da classe operária e de primeira ruptura com o capitalismo, de ruptura revolucionária, de unidade e de autonomia operária. (FRESU, 2005, p.53).

Mesmo com a capacidade de os capitalistas em revidarem e abafarem a revolução italiana, os operários conselhistas criaram um fordismo reverso. Segundo Gramsci, "a classe operária", de Turim, conquistou "um altíssimo grau de autonomia no campo da produção" (GRAMSCI, 1954, p.83), em que "constituí a dimensão mais alta do desenvolvimento fordista na Itália" e o mais "forte e consciente nível de encontro" da classe operária. (FRESU, 2005, p.53).

[26] *Il programma dell'Ordine Nuovo*, p. 146 – Firmato Antonio Gramsci, L'Ordine Nuovo, 14 de agosto de 1919, II, n°12.

A organização do trabalho esteve organizada junto com a política. Parar tanto, a economia e a política não estava separada como nas fábricas capitalistas. Esse processo de transição, de uma fábrica capitalista para uma fábrica socialista, demonstrou o grau de autonomia na gestão e a na educação dos operários. Os trabalhadores organizados nos Conselhos criaram sua própria forma de trabalho, de gestão e de liderança dentro das fábricas, além do novíssimo princípio educativo, por meio de uma cultura crítica e operária articulada com a organização do trabalho. Isso permitia ao proletariado um equilíbrio psicofísico, um controle da produção: um americanismo e fordismo reverso.

Essa possibilidade, para Gramsci, somente foi possível por ser a classe proletária quem

> vive em torno das máquinas, cria seus institutos representativos em função do trabalho, em função da autonomia conquistada, da autoconfiança conquistada. O conselho de fábrica é a base de suas experiências positivas, de tomar posse da ferramenta de trabalho, é a base sólida do processo que deve culminar na ditadura, na conquista do poder do Estado para destruir o caos, da ameaça que atemoriza sufocar a sociedade dos homens, que corrompe e dissolve a sociedade dos homens. (GRAMSCI, 1954, p.84).

Esse novo homem que se formava, estava diretamente em contato com a fábrica e na autogestão produtiva. Lutavam pelo desenvolvimento de uma nova consciência e de uma psicologia do produtor operário que esboçava a capacidade de se tornar classe dominante. Os Conselhos, nas ocupações fabris, se tornavam, de fato, a primeira célula da revolução italiana, o primeiro instrumento criado pelos operários para gerir o processo de trabalho e para emancipar os trabalhadores da produção capitalista. Não só no meio econômico produtivo, mas com o objetivo de transformar a política, "o Conselho de fábrica" tornava-se "precisamente a sede dentro da qual a classe trabalhadora deve saber como exercer sua direção política.". (FRESÙ, 2005, p.55). O processo revolucionário não poderia se manter e se desenvolver apenas com a ação e organização do proletariado voluntarista e contratualista do PSI e do Sindicato. De

acordo com A.C [27], o real desenvolvimento da revolução proletária surge na fábrica, pois é onde se forja a consciência operária anticapitalista que tende a expandir o novo órgão do proletariado para outras fábricas e cidades, instituindo uma base representativa e constituindo um novo esquema industrial transformado. Vejamos, pois, que

> A classe proletária é revolucionária enquanto se propõe a realizar a autonomia do trabalho no processo de produção e de trocas dos bens materiais, eliminando o capitalista do campo industrial. (A.C., 1919, p.97).

Para tanto, é a classe proletária quem deve realizar, no campo industrial, por meio de suas instituições de classe, a construção da unidade proletária que aglomere as divisões sociais do trabalho. A unidade proletária é de grande importância para a ruptura social, pois o capitalismo também cria uma unidade de controle econômico e político da produção. Nesse sentido, a Comissão Interna representou um papel muito importante na organização da fábrica que tendia a "realizar a unidade dos produtores no campo imediato da produção.". *L'Ordine Nuovo* trazia em seus artigos que as Comissões Internas de bairro, de fábrica, urbanas, camponesas e locais eram necessárias por darem vida e voz permanente às classes subalternas. Necessário seria a formação de um único Comitê Interno, formado por delegados das três categorias, estabelecidos pelos próprios operários organizados. De acordo com A.C, o Comitê deveria ser constituído no Conselho de Fábrica, com a finalidade de ser um substituto para as organizações patronais no ambiente do trabalho. (A.C., 1919, p.97).

A importância dessa unidade proletária estava na possibilidade de desenvolver "a consciência de classe" em grande "número de proletários (funcionários e técnicos) que, só recentemente, perceberam sua posição econômica no campo industrial e sua posição histórica no campo da luta política.". O aumento da força política do proletariado deveria ocorrer em conjunto e equilíbrio com as forças sociais em conflito, para que, posteriormente, esse equilíbrio se transformasse em uma maior limitação "do

[27] No artigo *Gl'impiegati di fabbrica* de A.C. (*impiegato precalo*). A.C (*impiegato precalo)* é a forma que o autor assina o artigo *Gl'impiegati di fabbrica*, publicado em 09 de agosto de 1919, ano 01, número 13, p.97. Possivelmente pode se tratar de um pseudônimo de Antonio Gramsci.

árbitro do capitalista" e na "conquista de liberdade de consciência e de ação", pois "seria um longo passo em direção à posse completa da fábrica, apenas com excelente treinamento e preparação efetiva para o autogoverno.". (A.C., 1919, p.97). Os operários de Turim passavam a compreender a capacidade revolucionária de a classe trabalhadora unir o proletariado em torno da mentalidade de produtor, com o objetivo de "instauração da soberania do trabalho como fundamento do Estado proletário" que auxilia na formação da consciência e que

> também fará, a partir de agora, com que os funcionários, tecnicamente mais cultos, iniciem uma atividade cultural voltada para dar aos trabalhadores de suas empresas lições sobre assuntos comerciais, sobre negócios, sobre trocas, sobre a leitura de um balanço, sobre geografia. Através desta atividade, esta confiança e solidariedade mútua entre produtores, também, será criada uma garantia, que será uma das garantias de sucesso mais seguras para a fábrica comunista. (A.C., 1919, p.98).

Eliminar o poder e o controle do patrão no ambiente da fábrica significa que o proletariado turinês foi capaz de organizar-se politicamente para gerir um novo tipo de produção, de forma que o trabalhador estava diretamente ligado ao trabalho, diminuindo cada vez mais a distância entre a fábrica e a cultura/escola. Sendo assim, fora construído um trabalho emancipado da lógica capitalista e, por consequência, trabalhadores emancipados – mesmo que apenas durante as ocupações fabris --.

No artigo *L'Unità Proletaria*, de 28 de fevereiro – 06 de março de 1920, a questão da organização do trabalho e da produção, novamente, aparece como uma das questões mais importantes do processo revolucionário. A revolução, segundo Gramsci, é o inicio de uma nova vida, a criação de um novo instituto que renova a experiência humana. Existia, portanto, a necessidade de criar condições para que classe operária desenvolvesse a consciência e construísse, com seu trabalho ordenado e disciplinado, um novo sistema de relações políticas, econômicas e jurídicas. (GRAMSCI, 1954, p.97). Novamente, o Conselho de Fábrica aparece como o educador e educando que ensina o trabalhador a pensar no método de trabalho e na luta de classe – e como organizar-se --. Para Gramsci, o método está relacionado como uma das estratégias mais importantes para que a classe operária fosse capaz de atuar politicamente e

economicamente para além da fábrica. Nesse caso, “todo o poder político da massa, o poder de iniciar o movimento, o poder de conduzir a massa para vitória contra o capital deve ser do organismo representativo da própria massa”, o próprio Conselho. Este que deveria ser constituído por delegados, pertencentes ao Partido Socialista, bem como organizados nos sindicatos, para agirem com a finalidade de transformação da sociedade e de vanguarda do movimento. (GRAMSCI, 1954, p.100).

Como visto, a experiência dos Conselhos e das ocupações nas fábricas representou uma primeira transformação no método de luta do movimento operário de Turim. Ao assumir a fábrica e ao controlar a produção, o operário ocupou a importante função de educador de si próprio. É necessário dizer que Gramsci já compreendia a importância do Partido revolucionário em sua função de ser o organizador do processo revolucionário, aquele que assume a direção política junto aos Conselhos de Fábrica e aos sindicatos, mas é a partir da

> percepção de que as principais instituições sociais da classe operária – notadamente o Sindicato e o Partido – tendiam a se postar por dentro do mundo burguês e a preservar os fundamentos da ordem cindida do capital como relação de apropriação privada da produção social fez com que Gramsci investisse na centralidade da fábrica e no controle do processo produtivo como fundamento do antagonismo ao poder do capital. (DEL ROIO, 2005, p.175).

Na análise de Gramsci, no âmbito da fábrica, era necessário que o operário fosse capaz de conhecer e ser parte das inovações técnicas, das máquinas e do desenvolvimento da produção para produzir com finalidade e, ao mesmo tempo, compreender o processo de trabalho. Nesse sentido, a tecnologia e as máquinas cumpririam a função de dar ao proletariado uma maior capacidade de trabalho, além de melhor autonomia. (GRAMSCI, 1954, p.81). O Conselho, então, exercia a figura de um comissário executivo da consciência unitária que conquistava sua autodisciplina e autonomia no trabalho. Os trabalhadores não poderiam mais ser individuais, deveriam ser coletivos, pois, de acordo com Gramsci, não há alguém que saiba fazer tudo, no entanto, o trabalho e o trabalhador são indispensáveis, já o capitalista não. (GRAMSCI, 1954, p.82).

Para Gramsci, a classe operária, com seu alto grau de autonomia[28], aprendia a produzir, criava um sistema representativo, elegia seus representantes e desenvolvia a consciência coletiva -- base para o autogoverno --. Dessa maneira, o operário se tornava parte do Conselho ao compreender sua função histórica na sociedade e no trabalho – um dos momentos de desenvolvimento da consciência --, pois, na fábrica capitalista, o operário é apenas um instrumento de produção, uma engrenagem da máquina que, sem ele, a produção não é capaz de existir (FRESU, 2005, p.64), pois "toda a sociedade vive e se desenvolve porque adere a uma produção historicamente determinada: onde não há produção, onde não há trabalho organizado, não existe sociedade, não existe vida histórica.". (GRAMSCI, 1954, p.323).

Segundo Gramsci (1954, p.320), quanto mais os trabalhadores se especializavam, profissionalmente, mais eram indispensáveis para seus companheiros de trabalho, além de se tornarem, cada vez mais, fundamentais e importantes para o processo de trabalho. É como se o operário se tornasse uma célula de um corpo organizado para um corpo unificado e coeso, sentindo a necessidade da disciplina, de um trabalho organizado, de um método e de precisão. Para isso ocorrer, os outros operários precisavam estar em sintonia e organizados, onde seria vital a participação de cada um. Quanto mais realizavam seu trabalho, com apoio e colaboração dos outros, mais sentiria a vontade de trabalhar e se tornaria proprietário de seu trabalho. Para Gramsci, isso ocorreria de operário para operário, de fábrica em fábrica, de cidade em cidade, de estado em estado, de nação em nação, pois

> A classe trabalhadora identificou-se com a fábrica, identificou-se com a produção: o proletário não pode viver sem trabalhar metodicamente e ordenadamente. A divisão do trabalho criou a unidade psicológica da classe proletária, criou no mundo proletário aquele corpo de sentimentos, instintos, pensamentos, costumes, hábitos, afetos que podem ser resumidos na expressão: solidariedade de classe. (GRAMSCI, 1954, p.325).

[28] O interesse de Gramsci em estudar as comissões internas e a fábrica, como um organismo político e como um território nacional dos operários -- de autogoverno operário – se desenvolvia devido o contato com os operários e com as fábricas ocupadas. Passava a enxergar os Conselhos como uma via para a criação do Estado operário, como um instituto público e uma forma de associação coletiva diversa do Partido e do Sindicato. A fábrica, os Conselhos e a revolução socialista não mais estariam separados da obra de Gramsci – mesmo que indiretamente, como é possível observar em algumas passagens da obra carcerária --.

A solidariedade de classe ocorre, portanto, quando a classe trabalhadora se identifica com a fábrica, com o trabalho e como central no desenvolvimento histórico. Este é, para Gramsci (1920), o resultado da construção da psicologia operária -- criada durante o processo de trabalho com a autoeducação --, o momento em que a classe operária forja seus próprios intelectuais para disputarem no campo de poder e de controle com a burguesia, de rompimento com a ideologia burguesa, por meio de um americanismo operário que se transforma para além da fábrica. A criação de uma frente antagônica ao capital, até o momento, encabeçada pelos *Soviets* e que se espalhara, praticamente, por todo o planeta, insere Gramsci, cada vez mais, no meio operário e no campo do comunismo, quando o sardo compreende a necessidade de uma união internacional proletária e camponesa que fosse fundamentada nos *Soviets* e em na vida industrializada.

A reflexão gramsciana pode parecer utópica, idealista e até mesmo, para aqueles que interpretam o autor fora de seus textos e descontextualizado de sua época revolucionária, um tanto ditatorial. Contudo, Gramsci não impõe esta forma de pensar e nem mesmo assume um papel antidemocrático. Vale lembrar que Fiori (1979) [29] dedica boa parte de seu livro para dizer como era o contato e o diálogo de Gramsci com os operários de Turim e, depois, no cárcere. Gramsci tinha o costume de se reunir com os operários e com seus colegas de debate, falavam de um tema importante para o cenário italiano e internacional, mas pouco era dito por Gramsci, pois ele se colocava muito mais como um direcionador de opiniões e de análises conjunturais, do que como um professor, que ensina aos seus alunos e que muitas vezes se coloca como portador da razão e do saber. De tal maneira, para o determinado período histórico (1917-1920), a revolução era um fato a ser estudado, debatido e organizado, pois os operários, ao estavam caminham em direção à *práxis* e demonstravam suas capacidades técnicas, produtivas e organizacionais. Com a criação (Moscou, 1919) da Internacional Comunista, objetivada a ser um instrumento organizativo para a Revolução Mundial, Gramsci se colocava favorável em torno do internacionalismo revolucionário soviético. A linha política da Internacional era a de dar todo o poder ao *Soviet* para a conquista de uma maioria. A luta de classes deveria, finalmente, ser dirigida pelos Conselhos

[29] Ver: FIORI, Giuseppe. **A vida de Antonio Gramsci.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Operários para a instauração da ditadura do proletariado. A experiência da revolução bolchevique

> e a elaboração leninista logo se tornam para Gramsci, o ponto de referência concreto da necessidade da revolução, de sua viabilidade prática, uma demonstração historicamente viva da capacidade de liderança da classe trabalhadora. (DUBLA, 1986, p.70).

Para tanto, Gramsci passou a enxergar o mundo como uma grande fábrica e vislumbrava uma organização de trabalho composta pela livre associação e pela solidariedade comunista. A análise de Gramsci não poderia ser mais assertiva, pois em seus textos demonstravam a realidade de Turim. O sardo, no campo do internacionalismo e da tradutibilidade, compreendia a eficácia das transformações estruturais do Oriente e analisava a possibilidade de algo semelhante ocorrer na Europa.

O processo revolucionário e a ação da classe operária, na construção de um novo instituto operário representativo no esquema industrial, exigia que a classe operária utilizasse toda a sua força e sua vontade para fundar um novo Estado. É neste sentido que os Conselhos de Fábrica podem ser vistos como a força organizadora das massas, como uma nova possibilidade de sintetizar a vontade espontânea das classes subalternas para um direcionamento político, a partir da necessidade de criação da consciência operária, fundamentada na consciência de classe e desenvolvida na produção. Este é, para Gramsci, o caráter do organismo social do trabalho e da produção. A qualificação – adquirida na autoeducação e na autogestão do processo de trabalho -- é de suma necessidade e importância para que a luta seja permanente e direcionada nos valores dos Conselhos: de centralidade operária, de democracia operária e de revolução internacional. Deste modo, todos os operários deveriam ter pleno conhecimento do processo revolucionário para serem “políticos responsáveis e não ser meros agitadores” (GRAMSCI, 1954, p.387), pois

> As massas proletárias italianas, como todos os proletários do mundo, entenderam que a máquina da revolução é o sistema de conselhos, compreenderam que o processo de desenvolvimento da revolução é

> marcado pela ascensão dos conselhos, pela coordenação e atuação dos conselhos: entendemos que o processo de desenvolvimento da revolução é marcado pelo fato de que as massas populares reconhecem no sistema do Conselho o corpo governante de massas de homens, da produção industrial e agrícola. (GRAMSCI, 1954, p.388).

É notável a análise de Gramsci sobre o cenário internacional. De fato, a história mostrou que o movimento dos Conselhos foi além da Rússia. O internacionalismo de Gramsci desenvolvia-se em consonância com sua própria consciência de classe e de intelectual orgânico do movimento operário. Segundo Rapone (2014), isso é parte do aprofundamento na cultura europeia que permitiu que Gramsci rompesse com seu provincialismo juvenil. Além da questão europeia, Gramsci muito se entusiasmou e estudou a revolução na Rússia, a partir da ideia de um Oriente que se coloca à frente do mundo ocidental, fez com que Gramsci elaborasse sua própria perspectiva internacionalista.

O caráter da revolução tornava internacional a luta pelo socialismo. A Rússia e a Hungria instauraram a ditadura proletária e lutaram contra a classe burguesa. Mesmo com as particularidades de cada povo e de cada País, Gramsci enxergava a possibilidade de um proletariado unificado, de uma psicologia proletária que guiasse as classes subalternas para além das fábricas ocupadas. (GRAMSCI, 1954, p.39). No cenário revolucionário foi colocada a questão do trabalho e do trabalhador, a possibilidade de um trabalhador livre, de um trabalho livre.

Neste sentido, ao pensamos o trabalhador livre, não é aquele trabalhador que vive no ócio, que trabalha quando deseja, que faz seu próprio horário e não cumpre suas funções estabelecidas pela sua classe social. O trabalhador livre é aquele que não possuí um pensamento pequeno burguês, que entende sua função histórica na sociedade, que entende seu papel como sujeito histórico e que faz “a revolução comunista, que atua no campo da produção, no campo produtivo e no campo político”, pois, para Gramsci, a “ação política da classe operária” é capaz de iniciar a transição para a democracia operária “e criar um novo Estado.”. (GRAMSCI, 1954, p.79).

Neste processo, o trabalhador compreende a importância da solidariedade comunista; o proletariado não é forçado a trabalhar para suprir suas carências ou as

falsas necessidades, ele trabalha para a sociedade, junto com a sociedade. Turim foi capaz, em certa medida, de inaugurar o novo operário qualificado, oriundo do Conselho de Fábrica, que desenvolveu a consciência histórica coletivamente, que foi disciplinado, organizado e que se educou no Conselho, no Sindicato e no Partido. Para Gramsci, esse é o trabalhador que emancipa o trabalho, que se desprende das amarras capitalistas e que transforma o ambiente da fábrica, por meio da democracia operária, junto com os outros trabalhadores. É o operário qualificado, o produtor, aquele que produz na fábrica e que produz a vida social, que cria sua própria história.

Portanto, os Conselhos se tornavam o organismo mais importante na revolução socialista italiana. A organização em Conselhos se tornavam capazes de traçar os novos rumos da sociedade, "e numa ascensão contínua, um sistema totalmente novo, que nada tem em comum com as antigas e ultrapassadas tradições.". (LUXEMBURG, 1991, p.16.). De fato, os Conselhos eram os fiscalizadores e dirigentes das lutas econômicas e políticas. A partir das próprias fábricas, o proletariado se tornava o sujeito central e protagonista da revolução. Nas fábricas, a organização do trabalho e a política dos Conselhos de Fábrica significava a construção da nova forma de poder da classe trabalhadora: o começo de construção da democracia operária.

2.3 Trabalho e política nos Conselhos de Fábrica

O semanário *L'Ordine Nuovo* nasceu da necessidade de agir no processo revolucionário que se desenvolvia na Itália. Serviu como um instrumento da divulgação do que ocorria nas fábricas, um meio de dar voz ao proletariado quando estes escreviam na revista. Além da visibilidade para outros operários sobre os Conselhos de Fábrica, *L'Ordine Nuovo* formava um ambiente de cultura, trabalho e ação política revolucionária e promovia o nascimento de grupos que debatiam os problemas do capitalismo e da revolução comunista.

Após a publicação de *Democracia Operária*, a revista publicou inúmeros artigos que tratavam sobre a questão do trabalho. Os *Soviets* apareceram em muitas páginas que refletiam acerca de pontos importantes do trabalho e da ação política. O trabalho de *L'Ordine Nuovo* evidenciava a escola unitária, necessária para a articulação do "ensino

técnico-científico ao saber humanista", pois "essa seria uma chave para que os trabalhadores pudessem perseguir a sua autonomia e desenvolver uma nova cultura, antagônica àquela da burguesia.". De tal forma, "a luta dos trabalhadores para garantir e aprofundar a cultura, para se apropriar do conhecimento, traria consigo o esforço e o empenho para garantir a autonomia em relação aos intelectuais e o seu poder despótico" quando são agentes do Estado. (DEL ROIO, 2018, p.118).

A revista e a cultura operária eram partes essenciais do processo revolucionário, pois quem realizava a crítica e construía a cultura eram os trabalhadores intelectuais. O trabalho, a política e o princípio educativo estavam cada vez mais relacionados e a categoria de trabalho já poderia ser concebida enquanto atividade prática do homem. O princípio educativo, fundamentado nas ações políticas da fábrica, guiava o proletariado para o caminho de uma nova visão de mundo. A construção do sentimento de coletividade ocorreu simultaneamente com o desenvolvimento do fordismo operário e do americanismo de novo tipo, de maneira que tornava possível uma melhor atuação nas transformações sociais do mundo.

É nesse contexto que o documento *Il programma dei comissari di reparto* foi publicado em 08 de novembro de 1919, no número 25, ano I da revista. O documento é um dos mais importantes para compreendermos o cenário de organização do trabalho no movimento conselhista e do trabalhador nas fábricas. O texto foi fruto da primeira Assembleia Geral dos Comissários de Fábrica da cidade e teve como objetivo ser mais do que um documento. Foi um programa, não definitivo e finalizado, das ações e da atuação dos Conselhos de Fábrica, um meio de divulgação do poder operário e dos Conselhos, uma

> nova forma de poder proletário, de exposição para fins de propaganda e para estabelecer uma plataforma de discussão com os organismos proletários que haviam surgido anteriormente. (NÃO ASSINADO, 1954, p.192).

O artigo, ao mesmo tempo em que reflete sobre o trabalho nas fábricas, teoriza sobre a importância do programa de trabalho de *L'Ordine Nuovo* que possuía um programa revolucionário, uma inovação permanente e não definitiva – já que sempre buscava se superar-. O ponto mais importante do extenso documento é a tentativa em

dar visibilidade para os Conselhos de Fábrica, pois, dessa maneira, outros operários poderiam se organizar nos Conselhos. Como um dos objetivos finais, o documento "delibera reconhecer o jornal *Avanti!* como o único diário político da região" e que sejam feitas no *Avanti!* as publicações de avisos, convocações e relatórios. É possível compreender[30], a partir da leitura e análise do artigo, que este documento foi escrito por operários que estavam no controle de uma das fábricas, pois de todos os textos que analisamos este foi o que continham os detalhes mais importantes da organização do trabalho e do funcionamento da estrutura nos Conselhos.

Em 1918, funcionava em Turim um número considerável de Comissões Internas, especialmente no setor metalúrgico -- este setor não era oficialmente reconhecido pelos industriais e pelo governo--. No entanto, as Comissões Internas não eram eleitas democraticamente e não possuíam o controle operário da produção e, nem mesmo, a preparação da classe operária na função diretiva. (COMMETTI, 1974, p.107 – p.108). Em primeiro momento, a Comissão Interna surgiu como órgão do poder operário na fábrica, com uma postura de enfrentamento ao Sindicato, no entanto, a Comissão Interna foi engolida pela CGL e não conseguiu exercer, de fato, o poder político operário, já que os Sindicatos exerciam o papel de vender a força de trabalho e não de realizar a revolução.

No entanto, é possível destacar que os operários de Turim sentiam a necessidade e possuíam a vontade de mudança radical. Transformaram a Comissão Interna, que surgiu como um movimento espontâneo das massas operárias, mas sem uma direção política definida, em Conselhos de Fábrica. A transformação da Comissão Interna para Conselho de Fábrica ocorreu quando o Partido e o Sindicato já não foram capazes de realizar a transformação social que o proletariado necessitava. Gramsci também enxergou a potencialidade dessa transformação e muito valorizou as Comissões Internas. O objetivo seria o de tornar a Comissão Interna um órgão de autogoverno operário, contudo, a Comissão Interna se tornou o Conselho de Fábrica e assumiu o controle produtivo.

[30] É válido dizer que não foi possível descobrir se esse documento é sobre uma fábrica específica ou se trata de todas as fábricas organizadas em Conselhos.

Gramsci considerava a Comissão Interna como um potencial *Soviet*. Ao configurá-la como um instrumento de transformação, enxergou-a como um instrumento eficiente e fundamentado na necessidade de o proletariado em criar um meio de organização para a classe. A transformação efetiva da sociedade, baseada na possibilidade de transformar a Comissão Interna, implicava, portanto, na eliminação das carências que o capitalismo é responsável por criar. A natureza das Comissões demonstrava, por si só, a essência da revolução socialista que consistia em reconhecer a realidade econômica do trabalhador para fazer da fábrica uma instituição política, com o proletariado organizado que age diretamente na fábrica – nos Conselhos – e a configura em uma primeira unidade socialista.

Com a criação dos Conselhos, a questão da organização dos operários e de como realizar isso democraticamente tornou-se muito importante. O Conselho agiria como uma frente aos problemas da produção e aos próprios conflitos oriundos das relações entre trabalhadores? Como os operários deveriam ser eleitos? Quanto tempo cada um ficaria em seu cargo no Conselho?

Segundo o documento, o comissário da fábrica é o representante social, econômico e político da classe operária, pois é "eleito pelo sufrágio universal de todos os trabalhadores do mesmo posto de trabalho.". (NÃO ASSINADO, 1954, p.193).

> Nos diferentes graus de sua constituição, os comissários representam a união de todos os trabalhadores, assim como é feito nas organizações de produção (equipe de processamento, departamento, oficina, união das oficinas de uma indústria dada, união das fábricas de produção de uma cidade, união dos organismos de produção da indústria mecânica e agrícola de um distrito, de uma província, de uma região, da nação, do mundo) dos quais os Conselhos e o sistema de Conselhos representam o poder e o sentido social. (NÃO ASSINADO, 1954, p.194).

A *Assembleia de Todos os Comissários das fábricas de Turim* afirmava a necessidade de construção da revolução comunista na Itália. Para isto, os Conselhos deveriam ser organizados e os trabalhadores disciplinados. A questão do poder estava colocada como ordem do dia e a relação com o trabalho e com a política se tornara cada vez mais evidente. Nesse caso, o poder do Comissário de Fábrica foi algo de grande importância. Eles eram nomeados pelos departamentos da fábrica; os segundos

comissários eram nomeados pela equipe de operários e se tornavam definitivos no Conselho de Fábrica. Formava-se a necessidade de construir um núcleo de trabalhadores administrativos e diretivos com as seguintes especializações: engenheiros, técnicos, secretários de departamento, chefes de administração interna e secretários auxiliares.

A democracia operária é uma das categorias mais importantes que pode ser encontrada nesse documento e o Comissário, dentre de tantas obrigações, deveria ter o princípio democrático como essencialidade para o exercício dos Conselhos nas fábricas. Dessa forma, "o princípio do mandato democrático deve prevalecer em todo poder: os eleitos não devem ser outros, além de executores da vontade da massa; e este princípio é verdadeiramente alcançado pelos comissários.". (NÃO ASSINADO, 1954, p.193).

Segundo o documento, o princípio democrático está diretamente relacionado com a disciplina dos operários e também do Comissário, pois este aprendeu na sua formação que é o representante da vontade democrática dos operários. Quando o Comissário é eleito pela vontade dos operários, ele tem a obrigação de representar o interesse de todos os operários que o elegeram conscientemente. Sintetizava que:

> Os comissários da fábrica de Turim, na reunião realizada em 31 de outubro de 1919, formularam o programa combinado sobre o poder dos comissários e dos conselhos, resolvendo assim: a) solicitar sua publicação em todos os jornais e periódicos proletários; b) espalhá-lo em todas as fábricas na Itália; c) consiste em comissões da indústria formadas pelas antigas comissões internas, para estudar sua aplicação nas diversas indústrias; d) discuti-lo e eventualmente aceitá-lo por todas as organizações e cooperativas que permanecem no terreno da luta de classes. A assembleia dos comissários da fábrica de Turim delibera montar uma assembleia regional, assim que os comissários estiverem na região, para revisar o programa e preparar um primeiro congresso regional ou nacional. (NÃO ASSINADO, 1954, p.193).

A direção do movimento operário renascia com as necessidades vislumbradas a partir da organização do trabalho e a partir do olhar dos operários. O Comissário representava a união de todos os operários. A democracia operária era realizada no organismo da produção da indústria mecânica, do qual o Conselho representava o poder político e a direção social.

Segundo o documento, o sindicato deveria cuidar das contratações, regulamentações de horários e salários compreendidos pelas necessidades dos operários. Dessa forma, o Conselho incarnava o poder da classe operária organizada na fábrica. O poder era construído pelo proletariado na luta pela conquista do poder público, na supressão da propriedade privada e na formação do Estado Operário. A democracia operária surgia para além de números, mas com a essência do proletariado e assumia, naturalmente, o processo de produção industrial e profissional na fábrica.

Todos os proletários da fábrica eram eleitores, tanto os manuais, quanto os operários intelectuais. No entanto, eram elegíveis aqueles que estavam organizados em sindicatos. A comissão eleita deveria exercer seis meses de mandato. A função do comissário não poderia se resumir apenas ao poder, mas também estava relacionada com a questão do controle e, nesse caso, a defesa de interesse dos trabalhadores foi uma das principais responsabilidades da comissão, junto com a manutenção da ordem do trabalho, necessidade de conhecer o valor empregado de capital em cada departamento, além do rendimento e aumento de rendimento do trabalho.

Dentre as obrigações, "cabe ao Conselho organizar, na fábrica, uma escola que reúna todos os operários dispostos a aperfeiçoar a capacidade profissional.". O Conselho "deve impor à Direção um sistema orgânico de educação de aprendizes" (NÃO ASSINADO, 1954, p.198) e agir como o órgão central de autoeducação dos operários, com o objetivo de construir o trabalho livre associado. É no processo produtivo "que se encontra o fundamento do processo de autoeducação e de auto emancipação do trabalho.". O Conselho se estabelece, então, como órgão que organiza o trabalho livre e disciplinado. (DEL ROIO, 2018, p.121).

Para Gramsci, a cultura exerce o papel de organização da energia social e de desenvolvimento da consciência proletária[31], pois "a atividade cultural significa, para ele, o que mais tarde definirá a tarefa de uma reforma intelectual.". [32] (SPRIANO, 1978,

[31] Foi entre 1917-1918 que surgiu a ideia de uma organização cultural com o convite para agregar a atividade política e econômica. Seria a possibilidade de um órgão socialista da classe operária, que mais tarde se tornaria o *L'Ordine Nuovo*. (SPRIANO, 1978, p.483). Ver SPRIANO, Paolo. Storia della Torino operaia e socialista: da De Amicis a Gramsci. Torino: Einaud, 1978.

[32] A reforma moral e intelectual está relacionada com a "capacidade de envolver ativamente a totalidade da população, tornando-a protagonista de uma grande e total convulsão das relações de força." (FROSINI, 2017, p.680), lembrando que Gramsci se utilizará dessa categoria apenas nos *Cadernos do Cárcere*.

p.483). Dessa forma, assegurar a hegemonia completa da classe operária, que possuí uma visão integral da vida social e que dá ao movimento operário uma base teórica autônoma, é uma reviravolta nas relações humanas como construção de uma nova hegemonia que implica no espírito de cisão, na transformação da cultura, no modo de vida e no modo de pensar.

Os operários, quando inseridos no processo revolucionário e na construção do processo produtivo da riqueza social, já são dotados de algum conhecimento profissional específico. O trabalho deveria estar vinculado a um conhecimento mais amplo, com cultura humanista e científica, para auxiliar na gerência do processo de trabalho e da coisa pública, frente à construção de um novo Estado, pois é nesse contexto e nesse cenário, que a classe operária, por meio da autoeducação e da autogestão, gera seus próprios intelectuais. (DEL ROIO, 2018, p.119).

A escola dos Conselhos, no final de 1920, tinha o objetivo de articular o conhecimento, a técnica e a ciência, além da cultura crítica. Essa escola teve o produtor como dono do trabalho que controlava a produção para a criação de um trabalhador livre, do homem comunista.

> Percebe-se então como a dialética entre o educando e o educador na reflexão de Gramsci, resguardando sempre o trabalho como fundamento da sociabilidade emancipada do homem, ganha sempre novas dimensões. Gramsci parte da escola do trabalho, na qual prevalece a autoeducação, mas que possibilita um largo aprendizado a quem se pretende educador, pois é aqui que se localiza a via para a emancipação do trabalho. De qualquer modo, essa via já é a revolução em ato. (DEL ROIO, 2018, p.134).

O próprio *L'Ordine Nuovo* assumiu a concepção de criação de uma nova ordem antagônica ao capital, com os fundamentos no processo produtivo, pois "a organização do processo produtivo, a autogestão e o controle operário são a base a qual se eleva um novo Estado e uma nova cultura.". (DEL ROIO, 2018, p.137).

Portanto, Gramsci, concebe o Conselho operário como o órgão de fundação do novo Estado, pois organiza a produção e a cultura -- e não separa a economia da política --, já que atua na gestão do espaço público e forja seus próprios intelectuais em

diferentes áreas e setores com o mesmo objetivo: a substituição do Estado burguês e do capitalismo.

No dia 03 de janeiro de 1920, *L'Ordine Nuovo* [33] publicou um texto, não assinado, denominado de *Controllo di classe*. Esse texto trata sobre como a questão do controle operário está relacionada com a economia e a política revolucionária. Os Conselhos de Fábrica são um organismo produtivo de riqueza social e é no exercício e para o exercício do controle da revolução que há necessidade da preparação intelectual. Essa preparação intelectual deve ser realizada na fábrica, tanto em termos de aperfeiçoamento do trabalho, como construção de cultura humanista.

Segundo o texto (1920, p.249), mesmo que o dono da fábrica garantisse o trabalho e os salários, a produção não era mais adequada ao consumo, pois não garantiam quantidades suficientes para todos. Dessa forma, o processo revolucionário ganha forma, já que as classes subalternas rejeitam esse estado de coisas e sentem a necessidade de se organizar de uma nova maneira para criar novas relações sociais e garantir a construção de uma nova sociedade, pois "para os revolucionários, é uma questão de entender esse processo e de criar um mundo novo.". (NÃO ASSINADO, 1920, p.249).

No desenvolvimento do processo revolucionário italiano, as questões do poder e do controle operário apareceram nas linhas do *L'Ordine* Nuovo. O controle operário era visto como "uma questão concreta de economia e política revolucionária" e este controle deveria ser exercido pelo "Conselho de produtores", pois eram capazes de representar a vontade da massa inteira. Contudo, esse processo deveria ser realizado após "um longo trabalho de preparaçao intelectual, depois de um verdadeiro trabalho de propaganda e discussão.". O semanário encarnava após "oito meses de discussões, de estudos, de contato com companheiros" a função de "uma escola, por que se escreve e se lê de forma comum.". (*CRONACHE DELL'ORDINE NUOVO*, 1920, p.249).[34].

Sendo assim, ficou estabelecida a questão do controle da produção para transformar a sociedade em nível internacional. É claro que para realizar esta mudança

[33] O artigo foi publicado no dia 03 de janeiro de 1920, ano 01, n°32, página 249.
[34] *Cronache dell'Ordine Nuovo* foi lido diretamente do jornal, publicado no dia 03 de janeiro de 1920, ano 01, n°32, página 249.

radical, demonstrava-se a necessidade de que todos os organismos da luta de classes estivessem em sintonia e com a mesma finalidade, assim como os operários. Nesse momento, o processo de transformação deveria ser encabeçado pelos Conselhos, com a possibilidade de tranformar o Partido e o Sindicato, mas de uma maneira que garantisse o poder do proletariado, pois

> Todo o poder político da massa, o poder de dirigir os movimentos, o poder de conduzir a massa para a vitória contra o capital, deve ser do organismo representativo da massa, do Conselho e do sistema de Conselhos, responsáveis antes pela massa, constituído de delegados que possam ser revogados a qualquer instante, constituído de delegados que pertencem ao Partido Socialista, assim como aos sindicatos, pois eles também são controlados pelo Partido, que segue uma disciplina estabelecida pelos congressos, nos quais a vanguarda revolucionária de toda a nação participou. (GRAMSCI, 1954, p.100).

Portanto, a questão política da organização da fábrica está intimamente ligada com a vontade e necessidades dos operários. Nos textos de Gramsci a questão do trabalho deve ser analisada diretamente relacionada com a questão política e cultural, pois Gramsci foi um crítico do economicismo que permeava as frações do PSI e que iam de encontro com as práticas reformistas do Sindicato. Pensar a *práxis* na organização dos Conselhos de Fábrica é justamente encontrar o elo entre cultura, trabalho, política e economia. Ao ser parte das diferentes camadas das dimensões do processo produtivo, o proletariado se tornaria capaz de criar seus próprios organismos e dar forma a um novo órgão de poder e de controle, de lutar efetivamente para ser classe dominante e romper com o capitalismo. Atenção no que diz respeito a se tornar classe dominante! Pois, a visão gramsciana não é de simples substituição estatal, ou seja, de trocar uma classe pela outra. Mas, de contraposição, no momento de transição socialista, de que o proletariado e o campesinato encontrem meios efetivos para serem governantes, já que são os únicos representantes reais de suas necessidades. A substituição do Estado não é uma simples inversão de poder, mas o desenvolvimento contínuo e criativo de construção de poder e de uma nova sociedade, de um novo tipo humano.

2.4 Americanismo e fordismo: horizonte vermelho

Com as transformações do mundo do trabalho, o taylorismo e o fordismo surgem como métodos capazes de aumentar a produção em massa e reduzir o tempo de produção, além do custo. Nos anos 1920, Frederic Taylor (1856-1915) desenvolve um sistema administrativo e organizativo do trabalho que ficara conhecido como taylorismo, tendo sua expansão nos Estados Unidos e na Europa. A aplicação dos métodos e técnicas ficou conhecida como fordismo, enquanto vertente produtiva. Henry Ford (1863-1947) "incorporou os ensinamentos de Taylor, de dividir a produção em tarefas especializadas, determinadas pela engenharia de produção e as organizou numa sequencia linear" conforme elaborava a criação de uma "linha de produção para montagem do automóvel, dando inicio a um conceito de integração entre produção e consumo" que se expandiu para o mundo inteiro. (PASQUALINI, 2004, p.16).

Com objetivo de diminuir os custos de produção e "promover a economia de escala a fim de diminuir os custos e ampliar o mercado", a gerência científica do mundo do trabalho deveria passar também por uma transformação: com especialistas, técnicos, engenheiros e não mais apenas o simples operário do chão de fábrica, além da necessidade de implantação de um "mercado latente ou planejado para o consumo de massa.". Com tal finalidade, Ford introduziu melhores pagamentos de salários, além de melhores condições trabalhistas: "os operários teriam renda e tempo de lazer para consumir os produtos por eles produzidos.". O novo modelo de trabalho foi expandido para Inglaterra, França, Itália, Alemanha e Rússia nos anos 1920. (TENÓRIO, 2011, p.1156).

Na obra de Gramsci (*Q*.04, §52, p.489, 1977), o fordismo surge como o horizonte vermelho dos operários e dos camponeses na construção do Estado operário. O americanismo e fordismo seria o "maior esforço coletivo até para criar, com velocidade sem precedentes, e com uma consciência de propósito sem igual na história, um novo tipo de trabalhador e um novo tipo de homem.". Superar as questões mecânicas quando a produção está intimamente ligada à cultura do proletariado e do campesinato seria fazer como na Rússia, ou seja, quando o proletariado e o campesinato se utilizaram de seus meios e de seus organismos, criados pelo processo criativo revolucionário, para se organizarem de acordo com suas necessidades reais. Dessa

forma, o processo produtivo deve ser visto nos textos de Gramsci junto com a cultura para que o exame da "estrutura econômica e de luta de classe da cultura" surja da análise enquanto "encontro-choque de indivíduos e grupos, nações ou áreas territoriais em múltiplos níveis", pois "o nexo cultura-hegemonia ficaria incompreensível se não fosse iluminado pelo nexo cultura-produção.". (BARATTA, 2004, p.147).

Para Gramsci, durante o processo da produção no capitalismo, o proletariado não possui autonomia política e toda a técnica produtiva fica na esfera produtiva econômica. A economia e a política estão estritamente interligadas e a revolução política cria um novo ambiente de produção. Para tanto, seria necessário o desenvolvimento da consciência de classes no processo de produção e na nova organização proletária. Essa seria, então, a racionalização da classe operária, a organização científica do trabalho e o desenvolvimento técnico da transformação das formas de produzir. O processo de transformação da psicologia operária, nesse caso, relacionado com o modo de trabalhar e de educação crítica do proletariado. Com isso, é possível o desenvolvimento de uma consciência crítica e revolucionária que "serve, segundo Gramsci, para romper o nexo de produção/técnica, libertando o modo de produção do vínculo capitalista e formando a nova economia do novo Estado.". (DUBLA, 1986, p.50).

No artigo *Industriali, operai, produzione*, publicado no jornal *Avanti!* , na edição *Piemontese* de 21 de novembro de 1919, Gramsci fala sobre a democracia operária dentro dos Conselhos, sobre como deve ser realizado um censo do poder operário da sessão urbana para que este se torne a sede do Conselho dos delegados da fábrica. Para tanto, o homem deve saber fazer, dar finalidade à produção, isto já modificaria seu grau de consciência. Ao produzir, o operário cria direitos, ao intensificar a produção demonstra a potência social do movimento. Mas, "somente na organização de classes é que deve ser fundado o governo da nação.". (GRAMSCI, 1954, p.48). Essa organização das classes está relacionada com a organização do trabalho e dos trabalhadores que devem ser disciplinados para a construção de um projeto político, econômico e cultural de um novo Estado, de uma nova nação.

Dessa forma, os Conselhos de Fábrica são parte importantíssima no desenvolvimento da revolução socialista, pois os Conselhos articulariam a questão do poder operário e a revolução seria um processo de transição que, aos poucos,

consolidaria o poder e o controle operário. Para Gramsci, o poder “deve estar nas mãos dos trabalhadores e camponeses” que se desenvolvem como um embrião do novo Estado operário, por meio da “reorganização radical do aparato comunista do aparelho produtivo.”. (GRAMSCI, 1954, p.48).

Isto seria a aplicação da vontade direcionada para a organização estatal do proletariado e do campesinato em caminho à “criação de um novo equilíbrio das forças realmente existentes e atuantes.”. Assinalava a necessidade de que “baseando-se naquela determinada força que se considera progressista”, as classes subalternas deveriam se fortalecer para triunfar e deveriam “continuar movendo-se no terreno da realidade efetiva, mas para dominá-la e superá-la.”. (GRAMSCI, *Q*.13, §16, 1977, p.1.578).

Muitos artigos de Gramsci que, durante o período do *L’Ordine Nuovo*, refletem sobre a autogestão, a auto educação, a construção da psicologia operária, a questão do poder e do controle operário, podem ser relacionados, quando lidos em totalidade, como um projeto revolucionário que analisa a realidade efetiva, com a finalidade de pensar ações importantes para a emancipação dos subalternos.

Mas, como pode o subalterno falar?

Segundo Dias (2017, p.70), os subalternos estão desprovidos de discurso próprio e de um programa autônomo de classe, pois o poder da classe dominante é apenas a propriedade dos meios de produção. A classe dominante produz a cultura burguesa e como os meios de produção pertence à burguesia, os “modos de produção se materializam nas pessoas por meio das micro relações: mercantis, salariais, culturais, étnicas, etc” (DIAS, 2017, p.65) e, por mais que o proletariado saiba sobre sua condição de exploração, “o problema está radicado no grau dessa consciência e na distância entre percepção imediata e construção do projeto” revolucionário, um projeto que alinhe os interesses das classes subalternas com o representante da coisa pública, o Conselho.

Os subalternos podem falar e podem “gritar de diversas maneiras”, pois são compostos por diversos grupos sociais, “são proletários, camponeses, mas existem também como individualidades, como mulheres e homens, como Joana, Pedro, José, como Gramsci amava afirmar.”. (DIAS, 2017, p.72). A vontade de falar do proletariado

deve ser guiada pela ação e por uma direção que consista na consolidação de uma unidade proletária, fundada no poder e no controle operário.

Gramsci (*Q.*22, 1977, p.2.160) reflete sobre os aspectos do americanismo e fordismo e compreende que o processo civilizatório exigiu do ser humano uma gama de esforços para adaptação do trabalho, bem como de exigências colocadas pelas necessidades de aperfeiçoamento. O 'salto temporal'[35] do Gramsci pré-1926 para o pós-1926 pode ser explicado metodologicamente por este trabalho conter o autor como objeto de estudo, assim como aporte teórico categorial analítico. Para tanto, uma breve reflexão sobre alguns pontos do *Caderno 22* são de grande importância para estabelecer um nexo entre americanismo e fordismo, enquanto o horizonte vermelho e a possibilidade de sido um dos novos rumos[36] elaborados pelo proletariado de Turim.

Em 1934, durante o internamento na clínica de Formia – por questões de saúde que foram agravadas após oito anos de detenção no cárcere de Turi--, Gramsci sentiu a necessidade de compreender a articulação do novo modelo de organização social da fábrica. A partir da análise de elementos técnicos, sociais, culturais e políticos, escreveu o *Caderno 22*, conhecido como *Americanismo e Fordismo*, com o objetivo de

[35] Ao compreender Gramsci em seu tempo, parto da concepção que não há um jovem Gramsci e um Gramsci maduro, adulto, intelectual. Após estudar um pouco da trajetória intelectual e política de Gramsci nos chamados "anos de formação intelectual e política" – entre 1911 e 1921, entendo que ele é mais do que um jovem universitário que vive num ambiente revolucionário e que mais tarde é preso pelo fascismo, tornando-se autor de muitos textos. Gramsci é um dos intelectuais mais importantes da Segunda Refundação Comunista, parte do neoidealismo crociano e de uma leitura meridionalista da Itália. Com a ida para à Universidade, em Turim (1911), se aproxima do movimento operário e se coloca contrário ao revisionismo positivista e às políticas reformistas do PSI. Aos poucos se aproxima dos debates sobre a Revolução na Rússia e do pensamento de Sorel, Rosa Luxemburg e Karl Kosch. Posteriormente se consolida no campo do marxismo ao lado de Lenin, e pode ser considerado um dos intelectuais mais importantes quando o tema é o século XX e suas transformações sociais. Dessa forma, Gramsci não passou de uma fase à outra por conta de um amadurecimento. Desenvolveu e aperfeiçoou suas reflexões com a mesma finalidade que se propôs na sua primeira redação, *Opressores e Oprimidos*, -- ainda quando cursava o Liceu-- a perspectiva da luta de classes, o antagonismo ao capitalismo e uma transformação da sociedade.

[36]A análise parte dos operários turineses e pode ganhar uma esfera reflexiva no que diz respeito às organizações atuais das classes subalternas, contribuindo ou não, na concepção de que a hegemonia dos subalternos é construída no processo de trabalho, e, que este processo de trabalho pode ser diferente do qual estamos inseridos na lógica capitalista. Partir de 1934 e retroceder para 1919-1920 pode parecer um movimento arriscado e talvez fosse mais simples fazermos o inverso, mas nosso objetivo não é trabalhar por etapas, e sim dialeticamente. Para tanto, nesse momento é importante que o leitor compreenda algumas passagens do *Americanismo e Fordismo* para construirmos e fundamentarmos aos poucos as indagações científicas que comprovam a hipótese desse trabalho: de um americanismo e fordismo reverso, ou seja, não somente da construção, mas também da superação da organização científica do trabalho no capitalismo.

compreender a organização do trabalho ao buscar um novo meio revolucionário de transformação das técnicas do capitalismo.

No capitalismo[37], o americanismo-fordismo surge para determinar o ritmo do trabalho no processo da produção, como um meio de organizar a produção, "localizar meios e métodos capazes de aumentar a margem da mais-valia.". (BARATTA, 2004, p.146). Contudo, a reflexão de Gramsci está muito além das questões econômicas que podem ser vislumbradas em uma primeira leitura desatenta do texto, pois Gramsci já anterior ao *L'Ordine Nuovo* estava muito além das posições economicistas e mecanicistas que analisavam o movimento operário.

O *Caderno 22* é central na obra de Gramsci quando partimos da cisão que deve ser permanente na luta de classes e que difere o modo de produzir das elites para com os interesses/necessidades da classe que produz. Portanto, verificar a experiência dos Conselhos a partir da possibilidade de um americanismo e fordismo de tipo operário é encontrar o elemento revolucionário das classes proletárias, evidenciado, na ocupação das fábricas e na produção. Gramsci compreende e distingue os aspectos racionais da organização científica do trabalho, compreende a possibilidade de reorganização do trabalho e do proletariado, de técnica produtiva e de modelo de fábrica a partir do trabalhador coletivo ao se apropriar positivamente dos elementos de trabalho: o tempo de produção, o ritmo de trabalho e as divisões entre os operários. Fundamenta em toda sua obra, o conceito de trabalho como algo vital e socialmente necessário para a formação de valor e de progresso técnico. Para tanto, "o fordismo representa, para Gramsci, a *extensão* e generalização do taylorismo a *todo* o trabalho e modo de trabalhar dos "tempos modernos", possibilitando o operário a pensar durante o processo de trabalho.". (BARATTA, 2004, p.161).

[37] Partir do texto e das categorias *Americanismo e Fordismo* pressupõe que o leitor não pense o fordismo apenas como algo que serve ao capitalismo e às classes dominantes que acumulam o capital por meio da exploração do trabalho. Longe de querer fazer uma espécie de Sociologia do Trabalho, compreendemos o fordismo como uma das invenções do capitalismo para acelerar a produção, e o americanismo como uma cultura fundamental para a criação do trabalhador fordista. Pensaremos a partir de agora nas categorias Conselhos de Fábrica - Americanismo - Fordismo diretamente relacionadas, mas com outra visão de mundo, partindo da concepção de que essas categorias podem ser atribuídas para explicar o funcionamento dos Conselhos.

No período em que Gramsci escreve o texto, compreende que os Estados Unidos vivencia a fase de altos salários e de adaptação psicofísica do proletariado, mas que a luta não chega à esfera da conquista de hegemonia por parte dos operários, pois no capitalismo, o americanismo é uma aceleração do método de trabalho e de redefinição do tipo operário, é, portanto, um novo tipo de produção e de reestruturação do trabalho.

Contudo, entendia que o fordismo de controle operário e um americanismo de novo tipo - 'reverso'- eram essenciais para a formação de um novo homem. O fordismo, segundo o autor, seria um projeto orgânico de edificação e de luta para uma sociedade racional, ou seja, "desta profunda virada no processo social do trabalho", ele "deriva a consciência do fim sem volta do "velho humanismo" e da necessidade de conceber um "novo humanismo", estritamente ancorado à racionalidade técnica e científica.". (BARATTA, 2004, p.163).

Segundo Gramsci (1977), as contradições[38] do americanismo e fordismo podem ser formuladas e solucionadas nas contradições da sociedade moderna. A nossa proposta é virar ao avesso essas categorias e buscarmos o que há de melhor nelas enquanto funcionalidade prática histórica. Ao buscar a superação de suas contradições, notamos a possibilidade de passagem de um individualismo, para uma economia programada e para um livre associativismo operário – nos Conselhos –, o desenvolvimento da consciência histórica e o desenvolvimento de uma consciência de classes para a criação do operário comunista.

O fordismo é a racionalização da produção e do trabalho que combina a força e a persuasão para centralizar a vida do País na produção. Gramsci entende que o trabalho é a questão mais essencial da sociabilidade humana, que uma nova sociabilidade humana deve ser fundada no trabalho livre e que isso é a base para a construção da unidade proletária. Nesse sentido, há a possibilidade do desenvolvimento de uma frente única, com o objetivo de lutar contra o capitalismo e o fascismo. Nesse caso, o nível mais alto

[38] Na reflexão do *Americanismo e fordismo,* observamos a compreensão de Gramsci sobre as contradições do mundo do trabalho quando utilizadas pelo capitalismo e controladas pelo Estado burguês. É certo que eles não se preocupam com a "humanidade", com a "espiritualidade" do trabalhador, que, no nível imediato, são esmagadas. Esta "humanidade e espiritualidade" só pode se realizar no mundo da produção e do trabalho, na "criação" produtiva; ela era máxima no artesão, no "demiurgo", quando a personalidade do trabalhador se refletia inteiramente no objeto criado, quando era ainda muito forte a ligação entre arte e trabalho. (GRAMSCI, *Q.22*, §11, 1977, pp. 2.265-2.166).

de aquisição teórica está relacionado com a elaboração de uma nova forma de americanismo criada pela massa operária, pois "a hegemonia nasce da fábrica e necessita apenas, para ser exercida, de uma quantidade mínima de intermediários profissionais da política e da ideologia.". (GRAMSCI, *Q.* 22, §2, 1977, p.2.146).

Segundo Dubla (1986, p.173), "o que mais uma vez é analisado é o modo de formação da classe trabalhadora em classe dominante e, portanto, o tema da conquista do Estado" que nos coloca em contato sobre a análise de transformação da classe subalterna em classe dominante para a conquista/substituição do Estado. Esse é um dos pontos mais importantes da obra gramsciana, pois é na organização do trabalho autônomo que o proletariado demonstra a capacidade de pensar e de refletir por si próprio – mesmo enquanto trabalha – já que a fábrica é controlada pela classe trabalhadora.

Pensarmos o nexo Conselhos de Fábrica - Americanismo - Fordismo nos exige uma visão de totalidade que exalta a autonomia subjetiva da classe operária, sendo, portanto, uma reflexão capaz de unificar teoricamente as questões da época. Por si só, o fordismo seria a reestruturação do trabalho, do modo de produzir, da finalidade de produzir. O americanismo, segundo Baratta (1989), é a resposta moderna à demanda da produção, a relação intrínseca entre estrutura econômica, política e cultura; e os Conselhos de Fábrica são uma das inúmeras formas de juntar o americanismo e fordismo em um instituto de organização fabril, de produção, de transformação do trabalho e do trabalhador. Seria, então, uma maneira de racionalização, produtividade e de industrialismo, todos voltados para um determinado fim e decididos democraticamente pelos operários.

A construção de uma nova hegemonia é possível com o exercício da força, do poder do Estado e a partir do controle do proletariado sobre a produção, a cultura e a política. A democracia operária, criada na fábrica pelos operários organizados, pode ser possível somente na luta e na construção do socialismo. Isto seria, portanto, superar as contradições do americanismo e do fordismo. Para Gramsci,

> Não é dos grupos sociais "condenados" pela nova ordem que se pode esperar a reconstrução, mas sim daqueles que estão criando, por imposição e através

> do próprio sofrimento, as bases materiais desta nova ordem: estes últimos "devem" encontrar o sistema de vida "original" e não de marca americana, a fim de transformarem em "liberdade" o que hoje é "necessidade". (GRAMSCI, *Q.* 22, §15, p.2.179).

Americanismo e fordismo reverso devem ser entendidos, portanto, como uma transformação histórica profunda da centralidade operária italiana que se tornou uma centralidade de produtores. O proletariado que desenvolveu a consciência através da autoeducação, para construir a psicologia operária, se especializou profissionalmente, por meio da autogestão da produção, com a finalidade de dirigir um processo de ascensão. Sendo assim, "o americanismo e o fordismo significam a desprofissionalização do trabalho operário", pois a modificação da condição de trabalho pode fazer, objetivamente e subjetivamente, com que o trabalhador compreenda sua função na produção e seja mais do que um apêndice da máquina devido "sua assimilação tendencial ao funcionamento mecânico da máquina, automação de tarefas" e "socialização radical" da massa operária. (DUBLA, 1986, p.31).

Um 'fio vermelho' é o que liga a reflexão do *Caderno 22* com a experiência dos Conselhos em 1919-1920, em que a classe operária turinesa realizou seu próprio tipo de fordismo ao mesmo tempo em que o grupo do *L'Ordine Nuovo* também realizou seu próprio tipo de americanismo. (CATONE, 1989, p.45).

Americanismo e fordismo (1934) faz parte de um projeto político geral de Gramsci, sobre criar um novo futuro a partir da criação de uma nova condição material de democracia operária e de controle operário. Para Gramsci, esse projeto democrático não é apenas a expansão, a alta quantidade de trabalhadores, mas a importância de trabalhadores qualificados e competentes que criam uma organização com uma nova divisão de trabalho e com determinada finalidade. Para isso, é necessário compreender o fordismo como expressão social, de uma filosofia social e de vida e que é capaz de exercer a hegemonia sobre determinado corpo social. (BARATTA, 2017, p.311).

Contudo, enxergar as contradições desse modelo de produção, oriundos do desenvolvimento do capitalismo, abre a capacidade de notar nesse movimento a possibilidade de reverter os problemas e utilizá-los em função dos operários, pois garante ao proletariado novos incrementos na produtividade e uma qualificação de novo

tipo. Com a autodisciplina – um dos maiores êxitos da consciência da classe operária-, o americanismo nasce da fábrica como uma nova hegemonia que, para ser exercida, tem a necessidade de novos intelectuais organicamente ligados com a produção material e cultural, com intermediários da política e da cultura.

Diferenciados nos artigos de Gramsci, o poder operário está ligado à capacidade efetiva das classes operárias em criar a democracia operária no processo de produção que se expande para as esferas sociais. O controle operário está na produção com a ocupação das fábricas e com a autogestão do processo produtivo. O poder operário e o controle operário, mesmo com suas singularidades, devem ser vistos como categorias capazes de analisar a realidade do período determinado. No entanto, se compreendidos separadamente, há uma separação da economia e da política; o que, segundo Gramsci, não deve ocorrer, pois foi por meio da experiência dos Conselhos de Fábrica que a economia e a política fizeram parte da vida do proletariado conjuntamente, sendo o resultado de um projeto político-econômico, fundamentado na necessidade cultural crítica para o desenvolvimento da psicologia operária.

A psicologia operária, uma das categorias mais utilizadas em todo o período de 1919-1920 de *L'Ordine Nuovo*, também é utilizada por Gramsci em diversos artigos sobre o poder e o controle operário democrático que os Conselhos exercem na produção e na vida social, pois

> Gramsci já contava com a percepção de que era no processo produtivo que se criava uma nova política, uma política operária e revolucionária que deveria ser socializada com a finalidade de corroer a ordem privada do capital e gerar uma nova ordem e um Estado Operário. (DEL ROIO, 2005, p.36).

Ao criar uma nova política nas fábricas ocupadas os Conselhos passaram a exercer o controle e o poder operário, entendido como o desenvolvimento e a construção da psicologia operária que deve ser compreendida com a intransigência e com a formação de um espírito de cisão que possibilita a construção de novas relações profissionais e sociais. Desenvolve-se um americanismo e fordismo de tipo operário que se expande para outros operários no momento em que cria um novo modo de vida. A união das três esferas da vida: a econômica, a cultural e a política, ainda não é a

hegemonia, mas a nascente democracia operária que surge na fábrica e que assinala a capacidade do subalterno tornar-se classe hegemônica.

Mas, isso poderia ocorrer mesmo com a ausência do PSI e da CGL? Gramsci demonstra a capacidade do PSI se autorenovar e de o Sindicato se transformar em uma escola do trabalho, assim como na Rússia. Ao estarem relacionados com os Conselhos e organizados na Internacional, deveriam criar uma unidade proletária, pois o que existia era apenas uma unidade de organização, nada formal. A criação da unidade proletária "deve interessar todos os revolucionários conscientes das enormes dificuldades que o proletariado terá de enfrentar para levar a cabo a sua missão histórica.". (GRAMSCI, 1954, p.100).

Essa unidade proletária deveria ser formada pela aliança operário-camponesa e pelas classes subalternas, organizadas no Partido e nos Sindicatos -- transformados pelos Conselhos de Fábrica, locais, de bairro e camponeses --. Isso é que é o que dá voz às classes subalternas e abre espaço para o subalterno falar e se autoemancipar. A unidade proletária, segundo Gramsci (1954, p.100), "é a fase em que os trabalhadores demonstram que adquiriram a consciência de sua unidade" após muito tempo de impedimento dos oportunistas e reformistas com interesses voltados às instituições e o poder político acima das massas. Com a criação da unidade proletária, "a massa nada tem a perder, mas tudo a ganhar ao se unir; portanto, somente ela, pode desenvolver a ação necessária e alcançar o objetivo revolucionário.". (GRAMSCI, 1954, P.101).

Para a emancipação dos subalternos, a transformação do Partido e do Sindicato deveria estar relacionada com a construção de poder operário que levaria à construção de um Estado Operário semelhante a fábrica. Para uma vida mais industrial harmônica, coletiva e solidária, "o conselho de fábrica é o embrião da nova ordem social, mas sua expansão política exige uma radical reforma do sindicato (e do partido)" (DEL ROIO, 2005, p.43), pois é

> a partir da transferência do processo produtivo fabril para o controle operário é que poderiam ser reorganizadas as relações sociais de produção e criada as condições necessárias para a fundação de um novo Estado sob a égide do conjunto do mundo do trabalho. (DEL ROIO, 2005, p.50).

A unidade proletária é semelhante ao que mais tarde viria a ser a frente única: um agrupamento das massas trabalhadoras para a efetivação de um programa concreto revolucionário e embrião de hegemonia. Um programa de revolução que deve ser construído pela classe operária em aliança ao campesinato e por quem sente a miserabilidade cotidiana do capitalismo. Essas classes devem estar organizadas em instituições "geradas pela própria auto-organização da esfera do trabalho, com vistas a sua emancipação", pois "para Gramsci o Estado operário não pode nascer de alguma eventual progressão democrática das instituições liberal-burguesas.". (DEL ROIO, 2005, p.41).

A reflexão de Gramsci se desenvolve para a concepção de ditadura proletária fundamentada em como a

> experiência do *L'Ordine Nuovo* e dos Conselhos de Fábrica era um pequeno afluente que desembocava num movimento político e cultural que tinha o significado histórico de uma verdadeira Refundação Comunista. (DEL ROIO, 2005, p.85).

Portanto, a classe operária e camponesa, organizadas nos Conselhos, que tem o semanário como porta voz e organizador da cultura operária, se torna a energia que constrói o futuro. As organizações do mundo operário devem estar presentes nacionalmente e internacionalmente para cumprir o projeto revolucionário que representa a totalidade das classes subalternas, sendo o Conselho um meio que desenvolve a consciência das classes, que disciplina, que educa a classe e que transforma a produção. O Partido e o Sindicato devem se transformar junto com a psicologia operária e o operário, que faz parte do Sindicato, deve estar no Partido, ser parte dos Conselhos e modificar ambos, transformando-se em vanguarda que forja seus intelectuais e cria seu próprio modo de pensar e de viver: uma ditadura democrática do proletariado e do campesinato.

CAPÍTULO III: CONSELHOS DE FÁBRICA E DEMOCRACIA OPERÁRIA

"Socialismo é um ato de cultura que revoluciona as relações de produção em oposição ao poder político do capital.".

Marcos Del Roio, 2005.

3. A democracia operária

A democracia permanece como um dos temas centrais nas reflexões da sociedade moderna. Também é tema recorrente nas linhas teóricas e práticas que realizam algum antagonismo ao capital e que se denominam como "esquerda". A temática sobre a democracia representa, hoje, no mundo ocidental uma "das maiores vacas sagradas do discurso político vulgar do Ocidente" que, no entanto, "produz menos leite do que em geral", pois é "algo altamente controverso.". No imaginário democrático e na concepção de meritocracia -- confundida com uma gama de direitos iguais e oportunidades--, o povo tece notas positivas aos governos, muitas vezes autoritários e não representativos das classes subalternas. Sopram "qualidades milagrosamente atribuídas aos governos eleitos por maiorias aritméticas de votantes que escolhem, entre diferentes partidos, do que, praticamente, sobre qualquer outra palavra ou conceito político", não diferenciando de maneira coerente o que é bom ou ruim para as massas. (HOBSBAWM, 2007, p.05).

No entanto, o debate sobre a democracia pode passar por três sentidos: I) a "difusão de valores e de instituições através de sua súbita imposição por uma força estranha", ou seja, quando os valores ocidentais e os direitos humanos são vistos "como produtos de importação" e que possuem óbvios e ótimos benefícios como se fossem "uma pacífica bicicleta ou um mortífero AK 47, ou serviços técnicos, como os aeroportos.". (HOBSBAWM, 2007, p.05).; II) a crescente busca pelas benesses da democracia no capitalismo, no âmbito de luta dos movimentos sociais, fragmentados ou não; III) a democracia enquanto construção de um governo popular que,

necessariamente, precisa romper com os valores, com a cultura, com a política e com a economia burguesa.

O primeiro sentido pode ser resumido pelas investidas do capital em outros territórios. Estas investidas podem parecer culturais e humanitárias – levam consigo o discurso dos direitos humanos e da liberdade de expressão --, mas que, em análise atenta, podem ser verificadas como disputa territorial e disputa pela acumulação de matérias-primas naturais ou, também, pela compra de mão de obra barata – no caso de alguns países ditos "subdesenvolvidos" --. A história do século XX serve de documento analítico no que diz respeito ao primeiro caso, devido às guerras territoriais e a ânsia pelo controle da população mundial. Dessa forma, "quanto à democracia, todos sabemos que os impérios fortes a mantém em casa" (HOBSBAWM, 2007, p.23), pois

> a nova fase de acumulação do capital globalizado, na verdade implica uma reorganização dos espaços e territórios, um deslocamento das fronteiras e a construção de novas muralhas. (BENSAID, 2008, p.06).

No segundo caso, a questão democrática passa a ser vista como um conjunto de direitos. A luta é iniciada pela manutenção da liberdade de expressão e liberdade política que levam às lutas por direitos sociais. Contudo, muitas vezes, as lutas pelos direitos sociais das minorias – maiorias – podem levar às armadilhas do próprio capitalismo, sendo a principal: o não rompimento com a cultura burguesa, com a propriedade privada e com o trabalho alienado. Neste caso, as minorias acabam fragmentando seus discursos e necessidades, consequentemente a luta passa a ser por uma, duas, três ou mais causas, perdendo o valor – se é que houve/há – revolucionário. Revolucionário no sentido mais simples do termo, àquele que é caracterizado pela inovação e originalidade, com a possibilidade de renovação de padrões já estabelecidos.

As lutas atuais desenvolvem ou não a luta por uma democracia operária?

Por mais que a indagação seja feita e pôde ser observada nas entrelinhas e na subjetividade desse trabalho, a questão principal não é responder se os movimentos sociais estão ou não levando a cabo a luta para a construção de um tipo de Estado operário, até porque seria necessário um trabalho de investigação científica para

responder esta questão. Não é não contemplar as necessidades atuais, mas verificar que há uma diferença pontual no discurso dos grupos/movimentos/partidos que lutam por democracia burguesa, com o discurso e a *práxis* de algumas frações que lutam por democracia operária.

Dessa forma, o terceiro sentido pôde ser observado na maré revolucionária a partir de 1917, que teve o objetivo principal o desenvolvimento da luta de classe para o fim da democracia burguesa e do Estado liberal. Teoricamente, pode ser observada no campo do materialismo histórico como tema recorrente desde o fim da União Soviética, devido a uma preocupação efetiva daqueles que se dizem marxistas – muitas vezes distinguindo ou não às diferenças conceituais e práticas de democracia burguesa e de democracia operária --.

Para tanto, o tema sobre democracia reaparece como necessário para a luta pelo socialismo, até por ser o melhor campo para que as classes subalternas lutem pelo fim do capitalismo e de sua forma de governo atual: a democracia burguesa. O que significa lutar para uma forma mais elevada de sociabilidade e liberdade humana. Mas, mesmo quando é presente o discurso a favor da democracia, é necessário compreender que a democracia operária só pode ser 'palavra de ordem' daquele movimento que luta pelo fim do capitalismo e de suas instituições de poder e controle.

A democracia é fruto do pensamento liberal que parte da concepção a-histórica de passagem do estado de natureza para a sociedade política. Essa passagem ocorre[39] quando, "através do contrato social, os indivíduos singulares dão seu consentimento *unânime* para a entrada no estado civil.". Quando é estabelecido o estado civil – a

[39] Lembro ao leitor que o objetivo desse capítulo não é o de estudo comparativo entre democracia burguesa e democracia operária. Para melhor compreensão sobre democracia burguesa sugiro a leitura dos livros: SAES, Décio. **Democracia**. São Paulo: Editora Ática, 1987; WEFFORT, F. **Os clássicos da Política: Maquiavel, Hobbes, Locke, Montesquieu, Rousseau, "O federalista"**. São Paulo: Ática, 2001. STUART MILL, John. **Sobre a liberdade**. Extraído de BURKE, E. *Textos políticos*. México: Fondo de Cultura Economica, 1942, p.311-4. Tradução de Cid Knipell Moreira.

passagem do estado de natureza para a sociedade política ou civil --, "o passo seguinte é a escolha pela comunidade de uma determinada forma de governo", democrático, então, pois "a unanimidade do contrato originário cede lugar ao *princípio da maioria*, segundo o qual prevalece a decisão majoritária e, simultaneamente, são respeitados os direitos da minoria.". (MELLO, 2001, p.69).

Dessa forma, a democracia se apresenta fundamentada nos princípios de liberdade e de consentimento dos indivíduos que estabelecem a sociedade, a partir do "livre consentimento da comunidade para a formação do governo, a proteção dos direitos de propriedade pelo governo, o controle do executivo pelo legislativo" e, principalmente, "o controle do governo pela sociedade". Esses pontos são fundamentais para a fundação do Estado liberal que se utiliza da democracia burguesa enquanto forma de governo. (MELLO, 2001, p.69).

Por sua vez, a "democracia liberal, como qualquer outra forma de regime político, requer uma entidade política no interior da qual possa ser exercida, normalmente o tipo de Estado conhecido como "Estado nacional."." (HOBSBAWM, 2007, p.48). Contudo, é na formulação do Estado liberal que os direitos sociais são garantidos, mas que na maioria das vezes são melhores garantidos para as classes dominantes – que inclusive constroem seus direitos --.

Claro que a democracia representa um grande avanço em relação às ditaduras e se mostra oriunda de uma base 'humanista' que garante, teoricamente, a supressão das necessidades de toda a sociedade civil, além de direitos inalienáveis, como a propriedade privada, a liberdade, a justiça e a igualdade. São estes os direitos naturais do indivíduo que constituem o cerne do Estado liberal: fundamentado no poder executivo, legislativo e jurídico; baseado no consenso e no poder limitado dos indivíduos, que podem, limitadamente, se rebelarem. No entanto,

> como regime político ou moralidade objetiva de uma sociedade determinada, a democracia *não é* universal, como tampouco o são a justiça, a beleza, a paz, quando consideradas não como platônicos paradigmas, mas como formas estranhadas na rudeza material do devir. No céu das idéias, a justiça é sempre justa, a beleza sempre bbbela, a paz sempre pacífica e a democracia sempre democrática. Na concretude terráquea, A é belo, mas também pode ser feio; B é justo, mas também pode ser injusto; C é pacífico, mas pode tornar-se

> belicoso, D é democrático, mas também pode se tornar oligárquico, plutocrático, burocrático, colonialista etc. (MORAES, 2001, p.12).

A democracia é, de fato, o melhor campo de atuação e luta das classes subalternas, mas é necessário compreender a insuficiência de prosseguir com essa forma de governo quando o assunto é romper com o capitalismo, pois

> a liberdade e igualdade no sistema burguês (isto é, enquanto mantiverem a propriedade privada das terras e dos meios de produção) e na democracia burguesa, serão meramente formais, o que significa, na realidade, escravatura salarial para os trabalhadores (que são formalmente livres, gozando, formalmente, de direitos iguais), todo o poder para o capital, e opressão do trabalho pelo capital). (LENIN, 1979, p.08).

Nesse caso, a democracia operária se encaixa, não só como uma consequência da luta operária direcionada, mas, como método de luta dos Conselhos, pois estes não esperam para realizar a democracia operária no Estado operário. Produzem a democracia operária a partir do método da intransigência nas ações políticas, na cisão com os reformistas ou com qualquer Partido e associação corporativista que buscam fazer parte do Estado burguês e consolidam a democracia operária no governo de uma nova sociedade.

Dessa forma, “a democracia proletária é muito” diferente da democracia burguesa e, de fato, pode ser observado um “nítido contraste”, pois a democracia burguesa é “fundada no princípio individualista”, enquanto “a democracia proletária é essencialmente fundada no princípio coletivista.”. Mas a democracia burguesa vive “sob o disfarce da chamada soberania popular” e esconde sua verdadeira face capitalista. Já a “democracia proletária, através da ditadura do proletariado, atinge a mais completa aplicação da soberania da coletividade.”. (CAESAR, 1919, p.243).

Para tanto, criar a democracia operária no ambiente da fábrica revolucionária seria respeitar a autonomia e a articulação dos Conselhos de Fábrica, que se mostravam como o novo órgão de auto organização da classe. Segundo Gramsci, os Conselhos foram o novo órgão de democracia operária, pois criaram um organismo que trabalha

> em efetivo e ativo contraste com o Estado burguês, já preparado para substituir o Estado burguês em todas as funções essenciais de gestão e domínio do patrimônio nacional. (GRAMSCI, 1954, p.10).

A democracia operária surge com o desenvolvimento da consciência crítica e operante e deve ser fruto da ação de cada socialista, pois "somente de um trabalho comum e solidário de esclarecimento, de persuasão e de educação mútua, nascerá a ação concreta da construção" da democracia operária. Os Conselhos seriam, então, os meios de "fazer da classe proletária e semi-proletária uma sociedade organizada que se educa, que se faz experiente, que adquire uma consciência responsável do dever que incumbe às classes que chegam ao poder do Estado.". (GRAMSCI, 1954, p.10-11).

O conjunto das ações políticas e educativas dos Conselhos e dos Comissários viria com a emanação do poder e da ação revolucionária dos trabalhadores. Segundo Gramsci, essa é "uma emanação legítima" e operária, capaz de "delegar espontaneamente e ordenar a cessação imediata e completa de todo o trabalho" na sociedade capitalista. (GRAMSCI, 1954, p.12).

A democracia operária nasceu espontaneamente da ação dos proletários conselhistas e assinalara a capacidade de tomar forma de governo quando direcionada para o Estado operário. O processo de construção da democracia operária, conta com a premissa de que a aliança operário-camponesa vigore e venha a ser um meio para dar forma e disciplina à massa, para falar "sobre as condições concretas de aproximação do camponês e do trabalhador, da sua aliança contra o capitalismo, do seu acordo contra os exploradores, os ricos e os especuladores.". (LENIN, 1979, p.08). Também deveriam criar escolas de cultura, aperfeiçoar a experiência política e administrativa da produção e da vida na fábrica e elaborar novas tecnologias para o campo.

Por meio das reuniões nas fábricas, com o trabalho de propaganda e de persuasão, desenvolvidos pelos elementos mais conscientes e radicais da psicologia operária, os trabalhadores se preparavam para o exercício do poder e desenvolviam a consciência do devir histórico. É justamente no elo que se forma entre a classe subalterna e o trabalho emancipado, que a democracia operária atinge a esfera de método de luta que caminha para governo popular. Sendo necessário o trajeto em

encontro com “a coletividade” que “deve dar a todos os indivíduos igual proteção, igual assistência solidária” para atingir as classes subalternas, “de acordo com as diferentes necessidades e diferentes funções sociais dos diferentes indivíduos.”. (CAESAR, 1919, p.243).

O grupo dirigente revolucionário deveria ser formado pelos Conselhos, por serem o órgão desenvolvedor e criador da democracia operária. No entanto, para Gramsci, “a classe trabalhadora deve estar alerta, deve manter a disciplina de suas trincheiras revolucionárias” na luta contrarrevolucionária, além de manter “uma disciplina de paciência, de um senso crítico proletário, de confiança em sua própria força e no futuro” para garantirem a construção do Estado operário. (GRAMSCI, 1954, p.103).

O protagonismo diretivo da revolução pertence ao proletariado por serem “a parte mais politicamente educada de todos os trabalhadores.”. Contudo, o campesinato não deve ser deixado de lado, pois as duas classes são o suporte da revolução e precisam “se perguntar” sobre “o problema da força e entender que eles podem ser amplamente resolvidos pela ação de massa dos camponeses.”. Ação que deve ser efetiva e iniciada com a construção de Conselhos camponeses, de bairro, locais e fabris (GRAMSCI, 1954, p.103), pois estes organismos exerciam a democracia operária, o princípio de justiça e de moralidade política, já que os eleitores possuíam o direito de estabelecer a linha de conduta dos representantes.

Segundo Gramsci (1954, p.312), a revolução comunista será, portanto, a atuação “do proletariado, entendido no sentido marxista do estrato social” e “constituído por trabalhadores urbanos unificados e moldados pela fábrica.”. Operários que criaram um americanismo e fordismo de tipo operário e que concebem “a cidade” como “um organismo industrial e da vida civil.”. Assim “como tem sido o instrumento do poder econômico capitalista e da ditadura burguesa, será o instrumento do poder econômico comunista e da ditadura proletária.”. (GRAMSCI, 1954, p.319).

Turim se estabelecia como o centro da revolução comunista por não ser mais “a cidade capitalista por excelência”, mas por se tonar “a cidade proletária por excelência”, com uma classe trabalhadora “compacta” e “disciplinada”, diferenciando-se das demais

cidades italianas e “tão distinta quanto em pouquíssimas cidades do mundo.”. Dessa forma, Turim era “como uma única fábrica: sua população trabalhadora é do mesmo tipo e é fortemente unificada pela produção industrial”, que garante ao proletariado “passos em frente” em direção ao “caminho da organização de massas para o tipo soviético.”. É “precisamente devido a esse caráter altamente unificado da indústria da cidadela, precisamente porque já havia adquirido, através das experiências conscientes dessa homogeneidade, sua equipe forte.”. (GRAMSCI, 1954, p.319-320).

Os Conselhos são um organismo de fábrica de tipo autônomo que produz o que consome e toda a acumulação de riqueza é socialmente e igualmente distribuída. Da mesma maneira que o capital forma o trabalhador, uma produção alternativa – americanista e fordista de tipo operário -- também faz isso. Os operários de Turim estavam se tornando trabalhadores revolucionários, que deram luz a uma organização democrática, capaz de “definir o modelo de organização estatal” que se estenderia “a toda nação” e que incorpora a democracia operária, ou seja, “a ditadura do proletariado.”. (GRAMSCI, 1954, p.320).

O debate sobre a democracia operária chegava em todos os setores do movimento operário internacional. Foi pauta principal ao falar sobre a transição socialista e Rosa Luxemburg muito contribuiu para o debate no que diz respeito a questão do poder operário e da democracia. A visão de Rosa prefigurava também a criação de uma democracia operária, o que não significava abolir toda a democracia, pois “a tarefa histórica do proletariado, quando toma o poder, é instaurar a democracia socialista no lugar da democracia burguesa e não suprimir toda a democracia.”. (LUXEMBURG, 1991, p.96).

Com certa semelhança na obra de Gramsci, Rosa Luxemburg parte da premissa que a “democracia socialista não começa somente na Terra prometida, quando tiver sido criada a infra-estrutura da economia socialista, como um presente de Natal”, mas “começa com a destruição da dominação de classe e a construção do socialismo. Ela começa no momento da conquista do poder pelo partido socialista. Ela nada mais é que a ditadura do proletariado.”. (LUXEMBURG, 1991, p.96).

A democracia operária seria, portanto, método de luta, governo do proletariado, ou os dois?

Segundo Luxemburg (1991, p.96), é "perfeitamente: ditadura! Mas esta ditadura consiste na *maneira de aplicar a democracia*, não na sua *supressão*, ela se manifesta nas intervenções energéticas e resolutas pondo em causa os direitos adquiridos" e também "as relações econômicas da sociedade burguesa", pois "sem isso a transformação socialista não pode ser realizada.".

Enquanto Gramsci diz que "a democracia operária não se baseia no número e no conceito burguês de cidadania", é baseada nas "funções de trabalho, na ordem que a classe operária naturalmente assume no processo de produção industrial profissional e nas fábricas", construída diretamente pelo proletariado na nova arte de governar e dirigir. (GRAMSCI, 1954, p.194). Portanto,

> somente um proletário politicamente educado, que não se abandone ao desespero e à devassidão por possíveis e inevitáveis naufrágios, que permaneça fiel e leal a seu Estado (...) poderá exercer a impressão digital, liquidar a herança maligna do capitalismo e da guerra e realizar a Internacional Comunista.". (GRAMSCI, 1954, p.381).

Os Conselhos de Fábrica, por serem órgãos do proletariado que exercem a democracia operária, devem "funcionar transitoriamente como um órgão de crítica assídua ao Parlamento e ao Estado burguês e como órgão de controle direto dos municípios.". (GRAMSCI, 1954, p.394). Dessa maneira, é criada na luta de classes uma dualidade de poder que dispõe ao proletariado a disputa pela criação da ditadura democrática do proletariado. Por mais que os Conselhos de Fábrica tenham estabelecido "fortes vínculos de disciplina proletária na massa operária de Turim", é função da "seção" a "construção de um conselho de trabalhadores urbanos que tende a centralizar em si a atenção política e revolucionária das próprias massas como o corpo local do futuro poder proletário, para o qual a luta deve começar.". (GRAMSCI, 1954, p.394).

O Estado operário não é um improviso, os próprios "comunistas russos trabalharam por oito meses a fim de difundir e fazer concreta a palavra de ordem "todo

poder aos *Soviets*.”.” Para tanto, “a ditadura do proletariado é a instauração de um novo Estado, tipicamente proletário, no qual confluem as experiências institucionais da classe oprimida, no qual a vida social da classe operária e camponesa” se transforma “num sistema difundido e fortemente organizado” que só pode ser “obtida com a prática comunista: as discussões em comum, que modificam simpaticamente as consciências de modo a unifica-las e dotá-las de entusiasmo operante”, pois “quem quer os fins, deve também querer os meios.”. (GRAMSCI, 1954, p.13). Portanto,

> Tal sistema de democracia operária (integrados com organizações equivalentes de camponeses) daria uma forma e uma disciplina permanente às massas, seria uma magnífica escola de experiência política e administrativa, enquadraria as massas até o último homem, habituando-as à tenacidade e à perseverança, habituando-as a considerar-se como um exército em campo que tem a necessidade de uma firme coesão se não quer ser destruído e escravizado. (GRAMSCI, 1954, p.13).

Tanto em Rosa, como em Gramsci, é possível compreender certa semelhança no que diz respeito a esse governo ser obra/criação da classe, resultado da participação ativa das massas e “emanar da formação política crescente das massas populares.”. (LUXEBURG, 1991, p.96). Pois, é apenas “através do próprio órgão eleito; não da burocracia”, mas do “órgão de administração” e do “trabalho socialista de construção” que é possível criar o “autogoverno das massas.”. Nesse sentido, “a forma concreta do Estado proletário é o poder do Conselho ou de organizações similares.”. (GRAMSCI, 1954, p.229).

No caso da Rússia, a ação de Lenin e dos proletários levou para os outros países o ímpeto de romper com o capitalismo e criar novas instituições de poder e controle operário.

> Nesse sentido, o que permanece seu mérito histórico imperecível é que conquistando o poder político e colocando o problema prático da realização do socialismo abriram o caminho ao proletariado internacional e fizeram progredir consideravelmente o conflito entre capital e trabalho no mundo inteiro. (LUXEMBURG, 1991, p.98).

Mesmo com as dificuldades encaradas pelos ataques do capital, pela guerra imperialista e pela onda contrarrevolucionária que se anunciava só se tornava possível com a ação do proletariado e energia revolucionária das classes subalternas, mas a luta deveria ser internacional e a função do proletariado era a de construir a democracia operária em cada organização da classe trabalhadora.

Karl Korsch formula a questão sobre a democracia industrial[40] pensando também na relação ativa do proletariado com os Conselhos fabris. Compreende

> como a vigência de um sistema de conselhos sob o Estado operário. Esses conselhos, já no processo revolucionário de conquista de poder, seriam a forma direta da autodeterminação dos produtores diretos tendo como principal desafio a realização do controle da produção, considerando condição inicial necessária para uma posterior gestão operária do processo produtivo. (MARTORANO, 2009, p.25).

Semelhante à Gramsci e à Rosa, Korsch passa pela formulação de uma democracia oriunda do domínio do mundo do trabalho, diferentemente, a "luta é travada pelo domínio da economia, e não disputa pelo controle do Estado", pois o proletariado precisa dirigir o processo de produção, pois somente assim atenderia "às reivindicações operárias.". (MARTORANO, 2009, p.25).

Os três intelectuais[41] prefiguram a organização de operários em Conselhos como uma maneira de superar a lógica capitalista e os poderes da democracia burguesa, em que o proletariado impede a formação de uma nova burguesia e substituí o Estado burguês pelo Estado operário. A democracia operária significa, portanto, a expansão do poder dos *Soviets* para a maioria da população, principalmente para os proletários e camponeses. Esse organismo se fundamenta como a célula direta do proletariado, possibilita a organização do Estado operário pelos próprios proletários e camponeses para que o administrem como necessário, unificando os proletários em torno de sua vanguarda. No caso da Rússia soviética, o Conselho foi

[40] Encontrar textos de Korsch traduzidos para o inglês, italiano ou espanhol (línguas compreendidas pela autora) foi de grande dificuldade para o estudo sobre a democracia industrial. Mas, não deixou de se fazer presente a leitura dos textos de Luciano Martorano que de maneira muito eficaz contribuí com o pensamento marxista alemão no Brasil.

[41] Lukács também realiza um debate acerca da autoeducação e da democracia socialista. Ver: LUKÁCS, G. **Socialismo e democratização**: **escritos políticos (1956-1971)**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

> O corpo pelo qual o Estado exerce controle sobre a indústria, tanto para o trabalho quanto para a produção (...) Este órgão central que fica na capital é composto por delegados eleitos pelos conselhos locais de controle dos trabalhadores, que são membros de comissões internas, sindicatos profissionais, engenheiros, técnicos e especialistas. (REED, 1919, p.65).

Dessa maneira, a democracia operária "depende do Conselho de controle dos trabalhadores" que assegura às classes subalternas uma forma de se manterem em casos de "desemprego, doença, velhice e morte.". (REED, 1919, p.65). O processo de transição socialista na Rússia contou com a transformação da educação e do trabalho. No processo de destruição do velho,

> A solução destas tarefas difíceis e complexas exige um período histórico singular, o período de transformação da sociedade capitalista em socialista. No aspecto económico, a medida do período de transição é a abolição do sistema capitalista da economia e a criação dum novo sistema económico, socialista. (KACHINE, TCHERKASSOV, 1988, p.22).

A vontade coletiva precisa estar organizada e direcionada para o exercício da prática de poder dos subalternos, as questões trabalhistas e o princípio educacional se relacionam com as tarefas que devem ser abolidas pelo proletariado: a exploração do homem pelo homem, a superação do desemprego e a formação de uma nova organização de trabalho e de autodisciplina que consolidam a democratização da cultura e o desenvolvimento de uma nova consciência. O socialismo na Rússia se mostrava como um modelo para o proletariado internacional, pois o Estado operário nacionalizou a terra, as fábricas, as empresas e também

> as mais ricas colecções de pintura e literatura russa e europeia ocidental, que se encontravam na posse dos museus e arquivos, das editoras particulares e das fundações livreiras, tornando-as património das amplas massas trabalhadoras. (IESSAKÓV, NENARÓKOV, 1982, p.24).

A questão educacional ligada à cultura também foi parte da construção de um Estado operário. Foi possibilitada a instrução para todos, para adultos e soldados. Os privilégios das classes dominantes haviam acabado e, os privilégios de uma só classe, se

tornavam direito conquistado pela maioria. O poder soviético proclamava a construção da democracia operária em todos os setores da vida:

> Doravante, as vossas crenças e costumes, as vossas instituições nacionais e culturais estão declaradas livres e invioláveis (...) Organizai a vossa vida nacional livremente e sem obstáculos. Tendes direito a isso (...) Sabei que vossos direitos, assim como os de todos os povos da Rússia, são protegidos por todo o proletariado da Revolução e dos seus órgãos: os Sovietes de deputados operários e camponeses (...). (IESSAKÓV, NENARÓKOV, 1982, p.29).

Todos os povos da Rússia poderiam desenvolver "livremente a cultura na sua forma nacional, partindo das singularidades da sua vida e das suas tradições e criando escolas, clubes, teatros, imprensas nacionais, etc." (IESSAKÓV, NENARÓKOV, 1982, p.30). Mesmo nas regiões mais afastadas, houve uma ascensão dos povos ao saber, a cultura e ao conhecimento, de forma que a cultura se tornava patrimônio e construção das classes subalternas, que construíam sua identidade de acordo com sua história.

O proletariado russo elaborava uma nova forma de trabalho que enriquecia a cultura, consequentemente, sua democratização. Nesse caso, a questão cultural formava um elo com o trabalho livre e com o princípio educativo. Os *Soviets* eliminavam agências e empresas livreiras, mas aumentavam "as tiragens dos livros para o povo" e transformavam o caráter da literatura das classes dominantes. As publicações cresciam com as "tiragens das publicações políticas que esclarecem aos leitores a essência da revolução proletária e do Poder Soviético.". Organizavam livros com a "participação de escritores e poetas russos tão notáveis como Máximo Gorki, Alexandre Blok e Valéri Briússov.". (IESSAKÓV, NENARÓKOV, 1982, p.39). Uma das preocupações dos bolcheviques era a luta contra o analfabetismo e

> A revolução também infundiu nova vida às chamadas casas populares, surgidas antes de Revolução, transformando-as em instituições culturais e educativas universais. Cada uma delas dispunha de bibliotecas e salas de leitura: organizavam-se círculos de amadores e promoviam-se diferentes conferências. No primeiro ano do poder proletário foram oficializadas as universidades populares. Os seus programas incluíam cursos de ensino geral e técnico, de produção agrícola, etc. A criação das massas gerou também

> novas formas de atividade cultural e educativa. Abriram-se teatros operários e camponeses, círculos musicais, estúdios populares de experiências artísticas, etc. (IESSAKÓV, NENARÓKOV, 1982, p.39).

Muitas medidas foram criadas para liquidar o analfabetismo das massas. No caso das empresas industriais, nas cooperativas agrícolas e nos estabelecimentos estatais "a jornada de trabalho para os analfabetos foi reduzida para duas horas durante o tempo de estudo conservando-se íntegro o seu salário.". (IESSAKÓV, NENARÓKOV, 1982, p.45).

Uma das providencias tomadas em dezembro de 1919 foi tornar o ensino obrigatório para os cidadãos entre 8 e 50 anos que não sabiam ler ou escrever. O ensino seria ou na língua materna, ou na língua russa. Os tempos no contexto revolucionário e de contrarrevolução foram difíceis, pois, não havia lápis ou caderno para todos. Mesmo com as dificuldades, eram criadas comissões para tratar a resolução dos problemas que a Rússia enfrentava em relação à educação dos povos. Foram criados livros de metodologia para ensino e abecedários nas diferentes línguas – de maneira que fosse possível solucionar os problemas de idiomas dos povos não russos. (IESSAKÓV, NENARÓKOV, 1982, p.49).

A nova sociedade que se formava ultrapassava os limites da democracia burguesa e do Estado liberal. O objetivo das escolas e do trabalho não era mais o de alienar o proletariado, mas de emancipar, tanto os homens, como as mulheres.

Na Itália, a Federação dos Círculos Socialistas teve buscava implantar o projeto de criação de uma escola[42] de tipo operário "para dar vida a um órgão dedicado exclusivamente ao trabalho de cultura e de estudos.". O objetivo foi de concretizar um projeto de anos, mas com a perspectiva dos operários e dos alunos, com uma adaptação programática para eles, para assumir "quase exclusivamente a forma de uma escola de propaganda socialista.". A criação de uma escola de cultura socialista, fundamentada na emancipação do trabalho necessitava fugir do tradicionalismo e compreender que a cultura não é pedandismo.

[42] Referência ao artigo *Creare una scuola*, publicado em *L'Ordine Nuovo*, Ano 01, n°26, p.199, no dia 15 de novembro de 1919; não assinado.

A Federação dos Círculos Socialistas e *L'Ordine Nuovo* partilhavam o objetivo de "fazer uma escola" que "significa educar", pois "educar é treinar homens" e "atividade educativa é toda atividade humana expressa em forma de colaboração para um trabalho comum.". A escola socialista é uma maneira de vontade coletiva, pois parte do "querer", que é "a essência e a melhor parte de nossa personalidade, em uma palavra: em toda parte onde há um centro comum de ação, há um centro de educação, uma pequena humanidade é formada ali, uma escola existe ali.". A escola, portanto, "deve ser uma colaboração" e "por colaboração é necessário haver um princípio em comum do qual se parte e do qual se trabalha", pois "o operário na oficina já não está mais satisfeito com as formas antigas, mas quer, sem dúvida, colocar-se no trabalho, em terreno virgem, para abrir o caminho para o futuro.". (NÃO ASSINADO, 1919, p.199).

Dessa forma, o princípio educativo torna o socialismo muito mais do que uma aspiração ou uma crítica, "é uma resposta à realidade", uma guinada em direção à prática que necessita empreender a iniciativa dos homens e, para isto, é necessário formar a "nova mentalidade que as novas condições exigem.". Essa mentalidade "deve ser" "concreta", "construção de vontade operante", "realizadora, uma mentalidade política" que seja capaz de compreender "os problemas teóricos inseparavelmente com os da prática.". (NÃO ASSINADO, 1919, p.199-200).

> Essa transformação do socialismo, que deixa de ser apenas um negador para se tornar um afirmador e reconstrutor do mundo, que, sendo crítico torna-se prático e realizado, é o maior fato da história proletária. (NÃO ASSINADO, 1919, p.200).

Na realidade, o projeto de escola socialista tinha como objetivo principal ser um núcleo de propaganda socialista direcionado para "*Lo Stato dei Consigli"*, pois seria uma maneira de tratar organicamente o problema estabelecido e "essencial para a criação *dell'Ordine Nuovo*.". A função de educar o educador tornava-se cada vez mais presente na rotina de *L'Ordine Nuovo* e das novas organizações que se formava, dessa maneira, o princípio educativo se relacionava com a autoeducação e com o desenvolvimento da consciência de classe do proletariado. (NÃO ASSINADO, 1919, p.200).

A democracia operária também deveria estar presente na escola socialista[43] e deixaria de ser apenas método de luta para se consolidar em todas as esferas da vida social, extinguindo a liberdade burguesa e criando a liberdade comunista -- vinculada ao coletivismo/solidariedade e rompida com a lógica capitalista --.

Para tanto, a observação analítica e absorção teórica da experiência conselhista italiana e do socialismo nos propícia certa munição para envolver o debate no âmbito da criação do Estado operário e dos organismos que são necessários para a ditadura democrática do proletariado e do campesinato. Afinal, os Conselhos de Fábrica construíram a democracia operária: na Itália no âmbito da fábrica com aspiração ao Estado operário; e na Rússia consolidou a democracia operária na vida social e também no Estado.

3.2 *L'Ordine Nuovo* e a construção do Estado operário

O semanário caminhou cada vez mais em direção à práxis e a autoeducação do proletariado. Em suas futuras publicações é possível observar que o proletariado de Turim estava cada vez mais disposto a fazer a revolução, e o método da tolerância no debate – que fundamenta e cria a democracia operária, tanto no âmbito da fábrica como no âmbito reflexivo e auto-educacional tornava-se presente com mais regularidade -. É possível observar que os números seguintes ao número 07 da revista – publicação de *Democracia Operária* – trazem algumas discordâncias entre Tasca e Gramsci, além de grande riqueza do universo cultural produzido pelo povo russo, com traduções para o italiano de músicas, poesias, hinos, com frações de textos da constituição soviética e muitos artigos escritos pelos próprios operários turineses.

A questão sobre democracia operária e a construção do Estado operário[44] se tornou, praticamente, cotidiana em *L'Ordine Nuovo* e demonstra que a revolução

[43] Em 21 de fevereiro de 1920, Zino Zini publica um modelo de curso para a escola de propaganda socialista. Com o título *Da cittadino a produttore*, o programa contempla questões voltadas para o valor social do cidadão e como este pode se tornar produtor ao romper com a lógica do sistema "privado.". O camarada de Gramsci reflete sobre a emancipação humana, sobre como deve o cidadão se transformar no novo homem, no "produtor consciente" e dirigir a revolução socialista. (ZINI, 1920, p.302).

[44] Dedico esse breve trecho do trabalho aos operários de Turim e aos membros de *L'Ordine Nuovo*, pois sem eles a Itália não viveria o processo revolucionário do *Biennio Rosso*. O leitor notará que as citações a

italiana estava na ordem do dia. Mas, atenção! Pois tanto os operários, quanto Gramsci, já compreendiam os problemas do processo revolucionário italiano: a ausência de uma unidade proletária, ou seja, do trabalho efetivo e solidário entre os Conselhos, o PSI e a CLG. Já falavam no segundo semestre de 1919 dos problemas que enfrentariam caso não houvesse uma transformação do Partido Socialista e dos Sindicatos, compreendiam, portanto, que a revolução socialista não poderia ser realizada sem o apoio dos dois institutos – mas de nada adiantariam as mesmas práticas e o ideal reformista --.

Construir o Estado operário[45] na Itália necessitaria, em primeiro momento, compreender a lógica de formação e de manutenção do Estado liberal italiano. As fábricas produziam uma quantidade de bens muito maior do que era necessário para o consumo. A lógica da produtividade estava baseada na gestão da riqueza pela burguesia, na especialização/alienação dos operários, na racionalização da distribuição da riqueza coletiva, "não sendo capaz de operar na melhor direção.". Os países tendem a se equilibrar por uma lógica produtivista que gera uma interdependência entre os mercados, no entanto, "uma greve de mineradores ingleses faz com que as fábricas de Turim e Gênova" fechem as portas, uma "safra ruim na Austrália faz com que Londres e Paris morram de fome", de certa maneira, "essa unificação do mundo em um sistema férreo de produção e troca é um pré-requisito para o estabelecimento do comunismo", pois é capaz de unificar todos os trabalhadores em nível internacional. (SEM ASSINATURA, 1919, p.71).

Estes problemas do Estado burguês são capazes de criar um antagonismo que pode emergir na "nova ordem.". As "condições materiais para a viabilidade do novo regime, a preparação de novas instituições deve trabalhar diretamente com os novos homens: os trabalhadores", pois "o comunismo, enquanto traz a política de volta à economia, isto é, à atividade produtiva comum de todo homem" e torna-se "antiestatal e antiautoritário.". (SEM ASSINATURA, 1919, p.71).

---

seguir datam (1919) ou (1920), todas elas foram retiradas do semanário e para cada menção a algum texto terá uma nota de rodapé com o ano de publicação, número e página. O objetivo é demonstrar como *L'Ordine Nuovo* e os intelectuais operários compreendiam a questão da democracia operária, da ditadura do proletariado e da construção do Estado operário. Foram lidos 15 artigos, que tratam sobre Estado operário, ditadura do proletariado, constituição do Estado operário e democracia, publicados entre o Ano 01, n°10 (1919) ao Ano II, n°13 (1920) e selecionados 05 para fundamentação do texto.

[45] Não Assinado. ***Lo Stato del Lavoro***. Ano 01, N.10, 19 de julho de 1919. p. 71-72.

Os operários turineses seguiam a linha de antagonismo ao capital e de organização imposta de trabalho, contudo, a nova organização do trabalho deveria "sair do terreno exclusivo da resistência" e "preparar-se para se tornar o supremo regulador do trabalho", se tornar efetivamente o regulador "de todo o regime da produção e de troca", sendo assim, "deve se preparar para se tornar o novo Estado, o Estado do trabalho.". Nesse sentido, é necessário que "todos os trabalhadores penetrem e alcancem a convicção: que a organização é o Estado, que o lugar onde se trabalha é a sede da autoridade social, que as ações que são realizadas ali são as funções essenciais da nova ordem.". (SEM ASSINATURA, 1919, p.72).

Para a formação do proletariado enquanto classe hegemônica, *L'Ordine Nuovo* publicou inúmeros artigos/algumas colunas de uma pessoa que se denominava como *Il combattente*[46]. Nesses artigos é possível observar estratégias militares que compreendem a revolução também na esfera da luta armada e da defesa armada, em caso de contrarrevolução. Em um dos artigos, em questão *La difesa della Republica Sociale*: *Il carattere dell'organizzazione*, é possível notar que *Il combatente* compreende a importância de mobilização armada para a luta revolucionária, sendo de grande necessidade o proletariado aprender "o desenvolvimento de um programa completo de ordem militar socialista" que contemple questões relacionadas "à força armada, quadros, recrutamentos, obrigatoriedade de serviço, de cobertura e mobilização.". (*IL COMBATTENTE*, 1919, p.73).

O artigo possui um tom crítico e reflexivo no que diz respeito à ideia de 'tomada de poder' do Estado burguês, sendo de grande importância pensar "uma transformação característica dentro da sociedade socialista", pois "concebemos o advento do comunismo sob a forma simples de substituição", contudo é necessário

> que o nosso pensamento seja melhor esclarecido. A organização da força armada socialista tem um valor contingente para nós, deve, portanto, ser estudada, pois será uma necessidade indispensável para um determinado período de luta que inevitavelmente acabará com o triunfo do proletariado e a burguesia despossuída. (*IL COMBATTENTE*, 1919, p.73).

[46] *IL COMBATTENTE*. ***La difesa della Republica Sociale: il carattere dell'organizzazione***. Ano 01, N.10, 19 de julho de 1919. p. 73-74.

Interessante observar que mesmo a organização armada socialista deveria ser gerida diretamente a partir da coletividade, a partir do "Conselho de combatentes", pois este organismo de luta, assim como "os Conselhos de Trabalhadores" devem ser os representantes de "uma necessidade orgânica constitutiva e fundamental da força armada socialista.". (IL COMBATTENTE, 1919, p.73).

Dessa forma, o Conselho de combatentes deveria ser formado pelo governo das massas, pois pertence a essas classes "por direito", mas as classes subalternas deveriam compreender que a hierarquia e a disciplina é algo fundamental. "A unidade combatente é um organismo de valor essencialmente tático, ou seja, é constituída pela ação bélica.". Ao pensar sobre a formação do Estado, Il combatente entende que no novo governo "o atual ministro da guerra" deverá ser substituído por um "Conselho Supremo da Defesa Social" e que executará as ordens do povo a partir do "Comissário do povo.". (IL COMBATTENTE, 1919, p.73). Sendo assim,

> o proletariado deve constituir o nervo do exército socialista. É doloroso que se deva ainda pagar com sangue proletário para a defesa da pátria socialista – e veremos que medidas devem ser tomadas para reduzir ao mínimo este sangue – mas é necessário. (CAESAR, 1919, p.82).[47]

Portanto, a formação de um exército proletário é de grande importante para garantir ao povo mais do que o direito à defesa, mas uma completa autonomia local por meio da cooperação "que corresponde perfeitamente à ideia federativa, base fundamental da constituição republicana comunista.". (*IL COMBATTENTE*, 1919, p.73).

A formação do Estado operário e as novas questões jurídicas, assim como o tema dos Conselhos, demonstram quais os caminhos a revolução socialista seguia na Itália. É possível notar no artigo *Lo Stato Comunista*[48] que a categoria ditadura do proletariado aparece como a primeira fase de instauração do Estado comunista. O autor

[47] *CAESAR*. ***Il borghesi nell'esercito socialista***. Ano 01, N.10, 19 de julho de 1919. p. 81-82.

[48] *CAESAR*. ***Lo Stato Comunista***. Ano 01, N.10, 19 de julho de 1919. p. 122-123.

compreende que “o socialismo é contra o Estado burguês enquanto ele é uma arma da burguesia e um coeficiente de conservação do antigo regime”, no entanto, “o socialismo não é contra o Estado” enquanto for compreendido como “organização política e jurídica da sociedade humana.”. Independente da denominação para a fase de transição, o que “importa é a substância” e, nesse caso, a substância é “que nenhuma sociedade humana pode existir sem uma forma, mais ou menos reduzida, de organização político-administrativa e jurídica”, pois é a organização “que deve coordenar a energia de indivíduos ou grupos para contrabalançar, freando e corrigindo, tendências individualistas e particularistas.”. (CAESAR, 1919, p.123).

O Estado operário é importante para “compor harmoniosamente, em uma síntese criativa, em um equilíbrio dinâmico” a classe proletária sempre “pelo bem comum.”. Caesar observa que é importante que após a vitória do socialismo a classe operária deve “imediatamente abolir a forma estatal”, mas que durante a dualidade de poder, o proletariado deve “conquistar o Estado burguês” e transformá-lo. Sendo assim, o Estado comunista, segundo o autor, seria uma forma inicial e contingencial de estruturação da classe operária, tanto pela questão estatal, como pela questão jurídica, sendo, portanto, a primeira fase “de defesa da ditadura proletária.”. (CAESAR, 1919, p.123).

A ditadura proletária deveria conquistar características próprias, tanto na Rússia, como nos outros países, de acordo com as necessidades e perspectivas de cada proletariado. Independente do país, tornava-se fundamental que fosse formado um exército de defesa do proletariado – a partir do modelo conselhista --, também a abolição da propriedade privada e a centralidade da vida deveria estar voltada para a emancipação do trabalho e do trabalhador, portanto, com a criação de círculos socialistas, escolas nas fábricas e aliança dos proletários com os camponeses. Dessa forma, as classes sociais seriam abolidas, mas sem perder de vista a importância da democracia operária para as classes subalternas e a ditadura do proletariado enquanto estado de transição para que a burguesia não voltasse ao poder.

3.3 O Estado operário – uma discussão gramsciana

O socialismo, compreendido como um ato de cultura que transforma as relações sociais e de produção; e o comunismo, enquanto extinção do Estado e das classes sociais são formações sociais construídas e constituídas pela lógica da atividade prática humana no *devir*, ou seja, de uma direção teleológica determinada. Tende a desaparecer as estruturas do capitalismo que, quando fundamento em uma nova liberdade e modo de fazer, resulta na constituição do todo.

Ainda hoje, muito se fala sobre os problemas da Revolução Bolchevique e do caráter socialista russo. A pressuposição de como deveria ter sido feito e dos erros cometidos durante o processo revolucionário são frutos de discordância entre marxistas, liberais ou 'gurus' de governantes políticos – permitam-me dizer nada entende, ou entende de maneira desonesta, a história da humanidade --. Mas, na realidade, pouco se discute, na esfera prática, respostas que não sejam imediatalistas ou reformistas fundamentadas nas soluções para a luta de classe.

É nesse difícil contexto que falar sobre a formação do Estado operário na atual conjuntura política é como sonhar com o 'reino da liberdade humana'. Contudo, não deixa de ser necessário encarar os problemas sociais da contemporaneidade e encontrar nos clássicos possíveis respostas e teorias que fortificam a possibilidade de transformação do hoje e do amanhã. Nessa difícil tarefa, busco em Gramsci uma possível teoria de Estado operário e, em Lenin, possíveis formulações a respeito da ditadura do proletariado. Insiro ambos os autores no simples objetivo de reunir dois clássicos do pensamento marxista que se fazem presente, ainda hoje, quando a temática se prefigura e enfatiza a busca de uma nova formação social.

Nesse caso, é fundamental acompanhar as formulações de Gramsci sobre a democracia operária que elucidam as reflexões sobre a construção do Estado operário e da ditadura do proletariado; o texto *O Estado e a Revolução* é parte importantíssima ao que diz respeito à ditadura do proletariado, colocado inúmeras vezes por Gramsci como a formação do Estado operário. A análise dos dois comunistas sobre o Estado e sobre a ditadura do proletariado é de grande importância pra compreender o período de transição do socialismo. Compreender a formação do Estado burguês partindo da concepção dialética é entender que o Estado na sociedade de classes é a manifestação do

caráter irreconciliável entre dominados e dominantes. O Estado burguês, assim como a democracia burguesa, são instrumentos de exploração do proletariado. Quando o Estado é substituído pelo poder e controle operário essa classe passa a ser organizada como classe dominante.

Em *O Estado e a Revolução* (2007, p.101), Lenin expõe uma possível diferença entre Marx e Engels: seria Marx um "estadista" que pensava diferentemente de Engels sobre a extinção do Estado?

> Um estudo mais atento mostra que as idéias de Marx e de Engels a respeito do Estado e do seu definhamento são absolutamente idênticas, e que a expressão de Marx aplica-se justamente a um Estado em vias de definhamento. (LENIN, 2007, p.102).

Claramente o processo histórico de transformação e de transição deve ser analisado na longa duração e não com data marcada para o desenvolvimento completo da cultura, da produção e da política. Compreender o desenvolvimento da sociedade não pode ser iniciado pelas questões naturalistas ou evolucionistas e nem mesmo o novo tipo humano pode ser compreendido como uma nova espécie biológica. É necessário, então, buscar os pontos em comum das classes exploradas e partir da concepção dialética, que assim como o capitalismo e a burguesia foram criados, é pensar a possibilidade de uma nova formação social. Esse período

> deverá intercalar-se, necessariamente, um período de transição histórica (...) impossível sem um período de "transição política" em que o Estado não pode ser outra coisa senão a ditadura revolucionária do proletariado. (LENIN, 2007, p.104).

A ditadura do proletariado precisamente necessita ser fundamentada na democracia, para tanto, a democracia sofrerá certas transformações "durante a transição do capitalismo para o comunismo.". Essa transformação diz respeito sobre a compressão que a democracia sofre "no quadro estreito da exploração capitalista", ou seja, de "restrições à liberdade dos opressores, dos exploradores, dos capitalistas.". Pois, a democracia burguesa "não passa nunca da democracia de uma minoria, das classes

possuidoras, dos ricos.”. (LENIN, 2007, p.104). Nesse caso, para construir uma nova forma de sociedade é necessário passar pelo Estado operário que é a ditadura do proletariado. Essa transição “não pode ser de outro modo, pois não há outro meio a não ser a ditadura, nem outro agente a não ser o proletariado para quebrar a resistência dos capitalistas exploradores.”. (LENIN, 2007, p.106).

Lenin sintetiza que a ditadura do proletariado é, portanto, “a organização da vanguarda dos oprimidos em classe dominante para o esmagamento dos opressores” e que não “pode limitar-se, pura e simplesmente, a um alargamento da democracia.”. (LENIN, 2007, p.106). A ditadura do proletariado se constitui especificamente da ampliação da democracia, mas não da ampliação da democracia na forma existente, ela deve refletir as necessidades das classes subalternas na medida em que “se torna pela primeira vez a democracia dos pobres, a do povo e não mais apenas a da gente rica.”. (LENIN, 2007, p.107).

A ditadura do proletariado para Gramsci deve ser forma de governo e é o Estado operário. São muitos os artigos do autor que tratam a temática da ditadura do proletariado e do Estado operário, possíveis de serem encontrados a partir das publicações de meados de 1917, assim que se inicia a revolução na Rússia – mas não com o mesmo desenvolvimento e detalhes que podem ser vislumbrados nas publicações no *L’Ordine Nuovo* --. Não se trata exatamente de amadurecimento, mas de um desenvolvimento analítico cada vez mais próximo do marxismo e, se é que pode ser plausível constatar, das reflexões que Lenin fará posteriormente em *O Estado e a Revolução*. As análises de ambos surgem da concepção dialética do *devir* que Gramsci e Lenin têm da história e do contexto em que estão inseridos.

Gramsci guia a maioria de seus textos sobre o tema em reflexões iniciadas pela análise do Estado burguês e evidencia as consequências degradantes do capitalismo na vida do proletariado e do campesinato. Sua análise crítica sobre o Partido Socialista e os Sindicatos também são realizadas nesses textos, pois abordam como estes institutos se tornam braços do Estado burguês quando não direcionam a classe subalterna para a construção da democracia operária.

Segundo Gramsci (1954, p.14), a concentração capitalista produziu um número grande de trabalhadores, da mesma forma que produziu a burguesia. O proletariado precisa efetivar a construção do poder, mas para isso é “necessário criar as condições do novo costume proletário, da nova ordem do proletário, da nova ordem comunista que se destina a substituir os costumes burgueses” e a “desordem capitalista gerada da livre concorrência e da luta de classes.”.

Nesse sentido, o Estado é constituído como “o protagonista da história, porque em seus órgãos é enfatizado o poder da classe proprietária.”. O Estado que se organiza na livre concorrência acaba sendo engolido pelo proletariado que não pensa a revolução apenas na esfera econômica, pois o socialismo não é apenas a prática de uma economia solidária, “mas é o estado de transição que tem a tarefa de suprimir a concorrência com a supressão da propriedade privada, das classes, das econômicas nacionais.”. (GRAMSCI, 1954, p.17).

A democracia operária surge no campo mais aberto da luta de classes e é direcionada à fundação do Estado operário quando a tarefa do proletariado “não pode ser realizada pela democracia parlamentar.”. (GRAMSCI, 1954, p.17). Surge das decisões em assembleias do proletariado, no movimento da história: nas greves, na nova forma de produzir e de educar. Esse processo é auxiliador permanente na formação da psicologia das massas que se direciona para o controle e o poder e para a estrutura de poder próxima, o Estado operário – a ditadura do proletariado --.

A criação do Estado operário precisa necessariamente ser oriunda da experiência associativa do proletariado e da dissolução do poder e do controle do Estado burguês. Para isso, as novas instituições do proletariado precisam assumir o papel de substituição “das instituições privadas e públicas do Estado democrático parlamentar” e que “realizam a autonomia do produtor na fábrica.”. Essas instituições precisam “assumir o poder diretivo de todas as funções” do Estado. (GRAMSCI, 1954, p.60).

O Estado Operário deve ser encarnado num sistema de Conselhos de operários, camponeses e soldados, consequentemente, a democracia operária nasce na fábrica, mas ultrapassa os limites fabris e deve ocupar as relações sociais e ser base fundamental na construção da nova ordem. Sendo assim, “o Estado operário será avidamente ditadura

proletária (dos operários da fábrica) e deve superar a dificuldade mais árdua, porque devem utilizar as centrais capitalistas" e transformar todas as instituições, os "tentáculos" que pairam sobre a nação. (GRAMSCI, 1954, p.60). Portanto,

> A ditadura proletária, o Estado operário, tem a tarefa de garantir as condições do desenvolvimento das instituições que a massa trabalhadora terá criado para governar a produção a próprio benefício e para governar-se diretamente. (GRAMSCI, 1954, p.99).

A organização do Estado socialista deve ser o reflexo da classe que defende a revolução, para isso, a classe precisa ser organizada e disciplinada. Deve ser realizado um estudo sobre os caminhos que levam ao socialismo com o objetivo principal de sabotar e substituir o capitalismo. (LENIN *apud* EASTMAN, 1919, p.11). Mas, isto ocorre apenas se "a parte consciente e avançada dos operários e camponeses for bem sucedida", precisa da "ajuda das instituições soviéticas, com a ajuda da instituição do *Soviet* para se organizar e disciplinar.". (EASTMAN, 1919, p.11). O Estado operário "só pode ser criado com uma rede de municípios de produção e de consumo, que regula conscientemente sua produção e consumo.". Um Estado que possibilita os trabalhadores a diminuir o tempo no trabalho, "aumentando continuamente seu desempenho.". (LENIN *apud* EASTMAN, 1919, p.11).

Nesse percurso que levava à revolução italiana, *L'Ordine Nuovo* se caracterizava como uma intelectual orgânico que direcionava a revolução. Pode ser observado no artigo *Come si crea uno Stato*, de 14 de fevereiro de 1920, no ano 01, número 37, que os *Soviets* haviam se tornado reais organismos revolucionários da classe trabalhadora. A análise de Togliatti publicava parte do *Soviet* como a base do Estado socialista, pois "os *Soviets* são o Estado socialista, e como um corolário: criar o Estado socialista significa fazer a revolução, para fazer a revolução, devemos, portanto, criar os *Soviets*.". Os *Soviets* se tornam "um ponto de chegada", pois "é o quadro político extremo da sociedade.". (TOGLIATTI, 1919, p.291). A experiência da revolução na Rússia se tornara tão importante porque "estimula a possibilidade de pensar-se a questão da democracia operária, não como algo distante e utópico, mas como algo natural e possível.". (DIAS, 2000, p.164).

No entanto, com a situação italiana que estabelecia uma dualidade de poder, a preocupação sobre o Partido e o Sindicato e a relação com os Conselhos abarcava a possibilidade de construção de socialismo apenas com a transformação do Sindicato e do PSI. Seria necessário resolverem seus problemas e contradições para se transformarem em institutos de vanguarda operária. Para tanto, a unidade proletária deveria ser criada pelos trabalhadores organizados no Partido, nos Sindicatos e nos Conselhos que, por meio da democracia operária, construiriam o Estado operário.

A vanguarda operária deve ser organizada no Partido e resolver os problemas de acordo com suas necessidades, mas "é claro que a solução efetiva só pode ser efetuada pela própria massa e somente através do Conselho de Fábrica", pois apenas o entusiasmo revolucionário não é suficiente para a construção da nova ordem e, nem ao menos, ter a maioria da população na luta pelos Conselhos. (GRAMSCI, 1954, p.100-102).

Segundo Gramsci, a luta precisa de dois poderes: a força armada e a organizada. O problema da força só pode ser resolvido no processo de desenvolvimento revolucionário e a

> ditadura proletária deve, devido às suas necessidades de vida e de desenvolvimento, assumir um caráter militar marcado. É por isso que o problema do exército socialista se torna um dos mais essenciais para resolver. (GRAMSCI, 1954, p.380).

Sendo necessário que a solução comece já no período pré-revolucionário. Dessa forma, a revolução comunista se apresenta como uma revolução da técnica industrial, dos problemas das condições de trabalho no campo e no setor industrial, além da necessidade de uma revolução cultural, dos costumes e ideologias das classes subalternas, e do poder armamentista – de Conselhos de soldados -- que o proletariado necessita.

Nesse caso, "se os trabalhadores, concentrados nas cidades industriais, forem os principais atores da revolução comunista, os atores principais da ação pré-revolucionária serão as massas camponesas", pois as novas camadas da população

trabalhadora devem estar “envolvidas no movimento global da revolução proletária nacional e internacional.”. (GRAMSCI, 1954, p.102).

A construção do Estado operário precisa da participação ativa dos operários e camponeses, pois possui o caráter de uma transformação radical de poder. É a ditadura proletária que “salvará as cidades da ruína, que determinará a guerra civil no campo e ligará os maiores estratos de camponeses pobres à cidade”. É a unidade proletária capaz de salvar, defender e transformar “o magnifico aparelho de produção industrial e de produção intelectual e propulsão da vida civil.”. (GRAMSCI, 1954, p.319).

Portanto, a concepção gramsciana da história é dialética e concebe o processo revolucionário como uma construção das classes subalternas auto educadas por seus institutos: o Conselho, o Partido e o Sindicato e que precisam decidir suas ações intransigentes de maneira democrática. Gramsci compreendia que a reflexão teórica, ao partir do materialismo dialético, precisaria contemplar os outros institutos do proletariado no *devir*: o partido e o sindicato, inerentes na construção da ditadura proletária.

3.4 O Partido revolucionário e a escola do trabalho no *devir*

As organizações conselhistas substituíam, tanto na Itália, como na Rússia, a noção de indivíduo-cidadão e garantiam o exercício das liberdades individuais ao criarem órgãos capazes de conectar o proletariado e o campesinato com a construção de seu próprio governo, portanto, de sua própria história.

Em 24 de janeiro de 1919, um dos textos mais importantes de Gramsci foi apresentado ao Conselho nacional de Milão dos representantes da Seção Socialista e da Federação provincial Turinense, “servindo como base para a crítica ao trabalho e o direcionamento da direção do Partido.”. (GRAMSCI, 1954, p.116).

Per un renovamento del Partito Socialista, representa uma das mais profundas criticas de Gramsci ao PSI. No documento, o autor discorre sobre o papel fundamental do Partido Socialista em organizar o proletariado, e no caso italiano, o movimento dos Conselhos de Fábrica. Faz uma análise conjuntural dos acontecimentos revolucionários na Itália e reflete sobre a má atuação do Partido na vida do proletariado que se mostrava

energia histórica revolucionária, pois “todo o movimento do povo trabalhador italiano tende irresistivelmente a criar uma gigantesca revolução econômica, que introduz um novo modo de produção, uma nova ordem no processo de produção e de distribuição”, construído pelo próprio poder operário que impede o capitalista de controlar as fábricas. (GRAMSCI, 1954, p.116).

Teoriza sobre a necessidade de estudar e promover adventos necessários e fundamentais para a construção de uma democracia proletária, necessidades fundamentais que um Partido com nomenclatura socialista deveria seguir, pois

> a fase atual da luta de classes na Itália é a fase em que precede: a conquista do poder político por parte do proletariado revolucionário para a passagem a um novo modo de produção. (GRAMSCI, 1954, p.117).

Em algumas ações, o PSI conseguiu realizar algumas tarefas importantes: a agitação das massas e a concentração do povo trabalhador em seu programa revolucionário e de Estado operário, além de ter construído um “aparelho de governo de três milhões de cidadãos, o qual – se consolidado e materializado em instituições revolucionárias permanentes – seria suficiente para assenhorar-se do poder de Estado.”. No entanto, “o Partido Socialista não teve êxito, porém, na parte essencial de sua tarefa histórica: não conseguiu criar através da agitação das massas” o Estado operário, como também “não conseguiu progredir e, por isso, caiu numa crise de marasmo e letargia.”. O Partido Socialista foi “construído para conquistar o poder” e “criado como alinhamento de forças militantes decididas a travar o combate”, entretanto, “o aparelho de governo do Partido Socialista se despedaça, se desagrega”, pois “o Partido perde cada vez mais o contato com as grandes massas em movimento; os eventos se processam e o Partido está ausente deles.”. (GRAMSCI, 1954, p. 117).

A ausência do PSI e do Sindicato nos eventos revolucionários italianos que dissolviam a democracia burguesa foram de grande importância para a derrota da revolução comunista. As questões nacionais e internacionais assinalavam a onda revolucionária que chegava à praia italiana com a possibilidade de revolução. Mas, no momento máximo do ápice da revolução na Itália, o PSI e o Sindicato se envolviam apenas em questões políticas parlamentares e burguesas. Estavam envolvidos em outros

assuntos e não na construção da revolução socialista. Mesmo nas alas comunistas do Partido, não era possível ver a união pelos Conselhos.

Gramsci evidencia a necessidade de renovar o Partido Socialista ou este seria arrastado pelos movimentos nacionais e internacionais, e sua derrota significaria a derrota da revolução. As massas operárias deveriam se organizar e se tornarem protagonistas do próprio movimento, se tornarem e se organizarem como classe dirigente que exercem o poder político. Segundo Gramsci, o Partido Socialista deveria se renovar, deveria se transformar e propor às classes subalternas teses concretas para a revolução, organizar a classe operária em classe dominante e ensinar a arte de governar.

As escolas do *L'Ordine Nuovo* começaram a funcionar no final de 1920, já no declínio dos Conselhos de Fábrica "vítima dos ataques convergentes do Estado, dos nascentes grupos fascistas e da indiferença criminosa dos reformistas do sindicato e do partido.". As escolas tinham como objetivo principal "reforçar o princípio de solidariedade e de saber – fazer que era próprio do seu cotidiano de produtores, de incorporar o aprendizado já adquirido no espaço público gerado pela greve, pelo comício, pelo debate" no momento em que os proletários compreendiam "que o educador se deixa educar.". (DEL ROIO, 2018, p.121). Dessa forma,

> O Conselho deve então ser a base e o fundamento do Estado Operário e socialista, das suas instituições sociais. Assim, a escola no Estado de transição deve ser uma escola do trabalho que se emancipa, uma escola que constrói e organiza o trabalho livre associado. Nessa escola, a ação laboriosa disciplinada se articula ao conhecimento da técnica, da ciência e da vasta cultura humanista. O método e o princípio pedagógico se fundamentam no processo produtivo fabril, coletivo e solidário. (DEL ROIO, 2018, p.121).

Contudo, o Partido e o Sindicato deveriam aderir ao novo movimento da sociedade, sendo mais do que necessário a transformação de suas ações políticas e econômicas. O Sindicato deveria ser o disciplinador e envolver os operários em solidariedade próprios do mundo da fábrica e agir como uma escola do trabalho. Essa escola, que foge de qualquer concepção burguesa e tradicional, tem como objetivo "educar o proletariado para a autogestão da produção e para a administração pública,

entendida como autogoverno" para que a classe forje seus próprios intelectuais. (DEL ROIO, 2018, p.122).

Na construção do Estado operário, os organismos da classe operária devem agir "como institutos de propulsão (o Partido), e de controle e de realização parcial (o Sindicato).". O Partido deve continuar sendo o órgão da educação comunista, quem organiza e dirige/conduz a classe operária, deve ser, portanto, o condutor da força trabalhadora, conduzir, organizar e disciplinar a classe operária e campesina. (GRAMSCI, 1954, p.11), pois o trabalhador comunista trabalha também para o Partido e para o Sindicato em sua transformação e superação de seus limites.

O processo de criação de um novo sistema, o mesmo ocorre ao pensar em uma revolução operária, deve ter o sentimento de solidariedade comunista como essência do processo de transformação, por mais que a vontade histórica seja necessária para o período de criação revolucionária e de fundação de uma nova sociedade. O movimento operário deve atuar na organização das coisas materiais e na transformação dos seus institutos -- de acordo com a vontade da massa--.

Dessa forma, os Conselhos devem criar um Partido da própria classe, um Partido que elabora a "organização da vontade de sistematizar um ordenamento proletário das forças físicas existentes e de estabelecer as bases da liberdade popular", pois o proletariado conquista sua autonomia espiritual e sua liberdade apenas quando luta contra o gesto mecânico de trabalho, quando se organiza no Partido Comunista e coloca em ação a vontade do criar revolucionário. (GRAMSCI, 1954, p.155-156).

O novo modo de ser do proletariado tende a trazer a democracia operária em todas as áreas da vida, portanto, o Partido Comunista e a nova escola do trabalho surgem como instrumentos de luta e de consolidação do poder. Tornam-se a nova forma histórica do operário de executar um trabalho livre e se tornam, consequentemente, reflexos e a nova nomenclatura da classe social. O movimento dos Conselhos de Fábrica criou uma nova forma de ação "disciplinada e consciente.". É necessário "coordenar Turim com a força sindical revolucionária de toda a Itália, para estabelecer um plano orgânico de renovação do aparato sindical que permita a vontade da massa" de se transformar em Estado operário. (GRAMSCI, 1954, p.113).

A análise gramsciana adquiria o caráter da necessidade de um Partido Revolucionário, educador e educado pelas classes subalternas, dentre elas o campesinato e o proletariado. Contemplar e formular a criação de um novo Partido precisaria, antes de tudo, compreender a formação histórica da Itália, e consigo o processo de *Risorgimento*. Com o decorrer dos anos, Gramsci[49] se aproxima cada vez mais do leninismo, mas isso não faz com que se esqueça dos clássicos italianos. Nos anos seguintes, Gramsci irá se aprofundar sobre a questão do Partido, levando consigo até o cárcere a experiência conselhista.

Para tanto, este trabalho compreende que o organismo embrionário do Estado Operário e da democracia operária, durante 1919-1920 na obra de Gramsci, é o Conselho de Fábrica. O foco no Partido foi importante para "juntar a questão da formação de um partido revolucionário com a sua tradição intelectual anterior e de como associar esse ato com a experiência revolucionária da revolução russa.". Dessa forma, a discussão de Partido passou pela teoria de Sorel e de Rosa Luxemburg, sendo o partido operário "composto pela fração melhor preparada da classe, com capacidade teórica e de ação política.". Para Gramsci, o dever do Partido é o de educar a classe e também se educar com a "experiência de luta", crescendo conforme "fosse capaz de incorporar cada novo militante revolucionário que se destacasse.". (DEL ROIO, 2014, p.200-201).

A necessidade de um Partido revolucionário era vista por Gramsci como fundamental para o poder dos Conselhos chegarem ao Estado. O Partido revolucionário está em vista das tarefas e funções do PSI para se consolidar em Partido que direcione as massas pulverizadas para a revolução. No contexto dos Conselhos, o Partido revolucionário deveria ser aquele que se une com os Conselhos de Fábrica, com o campesinato e com o Sindicato – enquanto escola do trabalho – e que formam uma unidade proletária.

[49] A experiência conselhista de Turim não foi esquecida por Gramsci, a qual relembra em *Alguns temas da Questão Meridional* (1926) e que podem ser observados em algumas passagens dos *Cadernos do Cárcere* sobre a importância da construção de uma história das classes subalternas, como no texto *Americanismo e Fordismo* (1934), até em *Breves notas sobre a política de Maquiavel* (1932-1934).

3.5 A derrota

O Partido Socialista Italiano e o Sindicato foram, de certa maneira, responsáveis para a derrota dos Conselhos. Durante as ocupações das fábricas, a derrota dos Conselhos já se mostrava iminente e devido à falta de expansão dos Conselhos para outras cidades a experiência conselhista acabou se isolando e se sufocando. O PSI e a CGL negociaram o fim das ocupações fabris com o patrão e os operários organizados, e por mais combatentes que foram não conseguiram resistir à opressão dos soldados e do Estado. A derrota dos Conselhos e a fundação do Partido Comunista da Itália (1921) foram essenciais no que cerne a reflexão de Gramsci sobre Partido político e a necessidade de criação de um novo modelo representativo, organizado e originário da classe proletária, pois a renovação do PSI não era mais possível, pois esse demonstrara ser contrário na luta prática do proletariado e na construção do programa máximo revolucionário.

A derrota dos Conselhos foi inevitável, tal como foi a derrota da revolução socialista na Rússia e nos outros países. Os reformistas acusavam a experiência conselhista de anarco-sindicalismo, a direção dos Sindicatos e do PSI não concordavam com a participação das massas e afastavam-se paulatinamente do movimento operário. Por mais que *L'Ordine Nuovo* e os operários se empenhassem, com greves e fábricas ocupadas na luta pela expansão dos Conselhos e da construção do Estado operário, a ausência do PSI e da CGL foi importantíssima para o fim da revolução italiana.

Os Conselhos de Fábrica não conseguiram desenvolver a unidade proletária e nem mesmo a construção de uma hegemonia. Gramsci buscou os motivos da derrota da revolução nacional e internacional no *Biennio Rosso* e nas ações do Sindicato e do Partido. Compreende, em meados de 1920, que um dos motivos para a derrota foi a falta de disciplina e direcionamento do Partido e do Sindicato para com as massas e com os Conselhos, pois "faltava uma coesão revolucionária do conjunto do proletariado italiano" que não foi capaz de constituir "de modo orgânico e disciplinado, a partir de si mesmo, uma direção sindical" que fosse "reflexo de seus interesses e de seu espírito revolucionário.". A preocupação da burguesia foi tamanha que nos ataques aos Conselhos até mesmo a força militar foi utilizada como parte da ação contrarrevolucionária. O movimento de repressão ao movimento operário contou com o

exército alojado ao redor dos vilarejos e a formação de um depósito armado para oprimir o proletariado. (GRAMSCI, 1954, p.108-114).

Mesmo com a derrota dos Conselhos, Gramsci jamais deixou de refletir sobre a centralidade do trabalho na vida do proletariado e como compreender as contradições do movimento histórico eram necessárias para a construção de um novo processo revolucionário. Nesse percurso, o comunista concretiza a questão sobre a cisão com os reformistas e se aproxima do leninismo como um meio de buscar uma orientação para o movimento operário e infundir, nas consciências, a aliança operário-camponesa e a revolução socialista.

Em 21 de janeiro de 1921, na cidade de Livorno, um grupo contrário aos ideais reformistas do PSI decidiu se retirar do XVII Congresso do Partido e criar uma nova instituição de poder operário, um Partido Comunista da Itália, com a liderança principal de Amadeo Bordiga.

> A fundação do PCI ocorreu num momento no qual o processo de derrota do movimento operário diante da ofensiva do capital já se fazia sentir, quando a crise econômica já provocava desocupação e pressão sobre os salários e a crise política do bloco de poder e da ideologia liberal buscava solução no desencadeamento do processo de fascistização. (DEL ROIO, 2004, p.51).

Se assinalava na Itália e nas classes subalternas a carência de um auto educador que fosse reflexo de suas necessidades. A cisão entre os comunistas e os reformistas ocorreu em um momento importante, dessa forma, a classe operária italiana poderia se recompor das medidas contrarrevolucionárias e se separava das tendências ‘parasitárias’ do Estado burguês, possibilitava, então, a autoeducação da classe em um organismo comunista do proletariado.

No dia 21 de janeiro de 1921, os delegados da fração comunista, liderados por Amadeo Bordiga, contaram 58.789 votos e decidiram pela fundação do PCd’I. O objetivo era que o Partido se tornasse capaz de organizar as massas e agir como unidade popular essencialmente revolucionária. O Partido Comunista se preocupava com a organização das forças sociais e com o identificar-se enquanto vanguarda da classe

operária, além de se contrapor à ofensiva reacionária que surgira com os *fasci di combattimento* (1919).

Contudo, as ações do Partido Comunista também estariam marcadas pelos singulares modos de interpretação da realidade, da questão camponesa e do que representaram os Conselhos de Fábrica para o movimento operário. Bordiga seguia o típico socialismo do PSI no que cerne a desprezar a questão camponesa enquanto aliança de classes para o processo revolucionário. Sua visão de Partido muito se diferenciava da visão de Gramsci, compreendia que a revolução socialista deveria ser realizada pela classe operária organizada no Partido revolucionário e que este deveria educar a classe com o conhecimento científico, somente assim seria possível a destruição do capitalismo.

Por mais que a classe operária tenha reagido, se formado e se identificado com o novo partido, em questão de meses a ofensiva fascista se tornara profunda até mesmo no campo ideológico. O próximo passo da burguesia e da pequena burguesia seria a busca de uma saída para a crise orgânica, inaugurada no pós-guerra, para recomposição do bloco histórico burguês. Como meio de apropriação efetiva do Estado e garantia para a expansão e acumulação do capital, a Itália viveu um processo de revolução passiva liderada pelos fascistas que assumiriam o poder em 1926. Um dos objetivos do fascismo era o de recompor o poder burguês, de alteração do perfil do proletariado e dos costumes socialistas. O movimento operário se tornaria, em questão de anos, alvo do ódio fascista e da repressão. Gramsci passaria o restante de sua vida na luta contra o fascismo/capitalismo que só poderia ser realizada por meio da emancipação das classes subalternas.

Portanto, é possível compreender que a construção da teoria revolucionária não é possível sem o confronto entre as classes e a organização político-cultural. Tal confronto não terminou com a queda do muro do Berlim e as classes subalternas não podem se deixar abater pelos ataques e reestruturações do capital. A partir do materialismo dialético é possível compreender o movimento da história e interferir efetivamente na luta de classes, já que a filosofia da *práxis* permite uma base histórica que é fundamental para as mudanças cotidianas e mais radicais.

*“Il giorno che arrivò in città fresco dalla Sardegna, per fare l'università c'aveva già lui la faccia di chi c'insegna **(...)**Avevo capito che era un socialista, quelli li riconosco a prima vista.” Claudio Lolli*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho concluiu positivamente a constatação da hipótese que direcionou esta pesquisa: que os Conselhos de Fábrica em Turim foram o melhor organismo do proletariado, capaz de auxiliá-lo na tarefa de elaboração de um americanismo e fordismo reverso que possibilitou o proletariado turinês se autotransformar por meio da autogestão da produção, da autodisciplina e da autoeducação.

Para comprovação da hipótese foi necessário percorrer a análise de Gramsci sobre os Conselhos de Fábrica e principalmente observar a organização do trabalho e a auto-organização dos operários nas fábricas de Turim.

Os resultados são:

a) o proletariado italiano foi capaz de absorver o suficiente da Revolução Bolchevique para fazer sua própria Revolução nacional socialista;

b) devido às contradições e necessidades do movimento operário italiano, as Comissões Internas surgiram da espontaneidade das massas, mas ainda sob o controle e poder sindical, não eram capazes de controlar a produção e de transformar o poder político;

c) Gramsci enxergou a capacidade revolucionária das Comissões Internas em se transformarem em *Soviets*, em Conselhos, o que realmente ocorreu;

d) O grupo de *L’Ordine Nuovo* foi importante órgão de cultura proletária, de americanismo reverso, com fins revolucionários;

e) Gramsci utilizou-se das categorias americanismo e fordismo para explicar, em meados de 1934, o *Biennio Rosso*;

f) O americanismo e fordismo são duas categorias que podem ser utilizadas dialeticamente para explicar o desenvolvimento da consciência histórica do proletariado; na *práxis* podem ser utilizados a favor do proletariado.

g) Americanismo e fordismo reverso estão diretamente ligados aos Conselhos e quando esse movimento teve como centralidade a democracia operária, caso expandissem para outras regiões da Itália seriam capazes de se desenvolverem para a construção de uma nova hegemonia, ou seja, do Estado-Operário.

h) A construção de um Estado operário deve passar, para Gramsci, pela construção dos Conselhos de Fábrica, o embrião da nova sociedade, e estar relacionado com o Partido revolucionário e o sindicato, enquanto escola do trabalho.

Prefiro, neste momento, uma abordagem mais didática e menos sistematizada, além de uma retrospectiva do conteúdo abordado no capítulo I, II e III -- centrais para a compreensão de uma nova ordem --. Separo, portanto, em dois eixos: o primeiro será a constatação da hipótese, com mais enfoque na questão da organização do trabalho e do trabalhador, pensando a relação proposta no nexo Americanismo – Fordismo – Conselhos. O segundo eixo será a fundamentação teórica e prática da nossa hipótese com uma síntese sobre os capítulos.

O pensamento de Gramsci é uma reflexão sobre a articulação da economia com a política e com a cultura. Segundo Schelesener (2017, p.244 – 249), isso salienta novas dimensões da luta de classes, o que concretiza a forma de formação de hábitos, os costumes e as ideias fragmentadas que são consolidadas no exercício da hegemonia das classes dominantes. Pensar a teoria gramsciana a partir da *práxis* revolucionária colabora para explicitar a relação de suas análises histórico-políticas da realidade italiana e quais eram os objetivos da classe operária turinesa para a construção de uma nova hegemonia.

Para Del Roio (2018, p.35-38), a Revolução Socialista tinha como pressuposto o ‘espírito de cisão’ do mundo do trabalho diante da hegemonia das classes dominantes – hegemonia enquanto domínio e controle político e cultural da burguesia e de seus intelectuais--, para que a classe operária alcançasse a reordenação do processo produtivo e a conquistasse a extinção do capital e das relações sociais existentes. Fundamentados

na lógica do Partido Revolucionário, tanto Scheselener como Del Roio, constatam que o Partido Revolucionário é de grande importância na articulação e na construção de uma classe operária.

Seguindo uma abordagem mais aprofundada de Del Roio (2018), compreendemos que

> O Partido revolucionário é uma construção desse espírito de cisão pela ação coordenada de uma parte da classe, a qual, por sua vez, é um processo histórico no qual se desenvolve a luta anticapitalista. (DEL ROIO, 2018, p.35).

A classe operária deve ser antagônica e autônoma, ou então será apenas um instrumento de produção e subordinação da hegemonia burguesa. Lenin fundamenta a questão voltada ao trabalho, que também é central na análise de Gramsci.

> O proletariado deve vir a implementar uma forma social de organização do trabalho superior à do período capitalista. Este é o objetivo principal do comunismo, a origem de sua força e a garantia de seu triunfo. (LENIN, 1920, p.299).

A preocupação sobre a questão do trabalho na revolução não ficou restrita apenas à Gramsci. No artigo *Lavoro volontario e lavoro obbligatorio,* publicado no semanário *L'Ordine Nuovo*, em 21 de fevereiro de 1920, é notável a centralidade da fábrica entre os dois intelectuais orgânicos das classes subalternas. Essa preocupação que pode ser vista em Gramsci e Lenin, sobre a centralidade da fábrica, do processo produtivo e das relações que são determinadas pelo controle burguês, definha com a auto-organização, autogestão e autoeducação das massas operárias. Necessário seria uma unidade proletária que unisse os Conselhos, o Sindicato – escola do trabalho- e Partido Revolucionário, que seria o expoente de articulação e de luta da classe operária, gerador de consciência antagônica, educador das classes e educado pelo proletariado.

O Partido é criado no ambiente operário e se torna um Partido que parte da classe, mas que se confunde com a totalidade da classe operária para extinguir as

últimas relações de domínio burguês. Essa seria a relação dialética entre a massa e o Partido, este como educador da massa que o construiu e que também o educa. (DEL ROIO, 2018, p.36).

Desta forma, pensar a questão do americanismo reverso – a cultura revolucionária criada pela classe operária-, é relacionar a concepção de Partido enquanto educador da classe operária revolucionária, um Partido que rompe com a estrutura burguesa, que está em conformidade com os interesses da classe que o criou e que o educa, já que o americanismo reverso deve ser visto como uma reforma moral e intelectual que permite criar um novo ser social, mas que está voltado para a centralidade da fábrica, em consonância com as necessidades da reestruturação do trabalho.

A interação entre americanismo e fordismo é a relação entre a economia, política e cultura. O fordismo de controle operário que parte de uma mudança radical das estruturas da produção, que exige um novo trabalhador. Americanismo, Fordismo e Conselhos de Fábrica/Partido Revolucionário são instâncias que devem ser compreendidas a partir da relação dialética que exercem. A americanização exige um ambiente fordista revolucionário capaz de criar o equilíbrio psicofísico que enquanto sob o controle capitalista é externo e mecânico,

> (...) mas poderá se tornar interno se for proposto pelo próprio trabalhador e não imposto de fora, por uma nova forma de sociedade, com meios apropriados e originais. (GRAMSCI, 1999, p.267).

Quando criado pelos Conselhos trata de responder às necessidades do processo de racionalização tecnológica da produção que é renovada internamente e que exige um desenvolvimento radical e social das classes subalternas, pois

> A americanização exige um determinado ambiente, uma determinada estruturada social (ou a decidida vontade de cria-la) e um determinado tipo de Estado. (GRAMSCI, 1999, p.259).

A fábrica deveria atuar como um local organizativo da vida social, centro gerador da produção material, de produção da ideologia e de formação de consciência.

(SCHESELENER, 2017, p.253). Isso faz com que os trabalhadores exerçam o controle operário e sejam capazes de exercer o poder operário por meio da democracia operária que ocorre no ambiente da fábrica transformada. Dessa forma, os Conselhos de Fábrica, agora como uma espécie de Príncipe Moderno destinava-se a ser o antecipador do Estado Operário.

No exercício do poder e do controle operário para a construção de uma hegemonia das classes operárias, os institutos da classe operária são de grande importância, para isso, deveriam fazer parte da classe operária o americanismo reverso e uma reestruturação do trabalho fordista com o controle operário.

> Quando o processo de adaptação se completou, verifica-se na realidade que o cérebro do operário, em vez de mumificar-se, alcançou um estado de completa liberdade. (GRAMSCI, 1999, p.272).

A hipótese foi comprovada na medida em que demonstra que o americanismo e fordismo 'reverso' faz com que o proletariado, no ambiente do trabalho e durante a produção, crie mecanismos de luta e de emancipação coletiva.

> Mecanizou-se completamente apenas o gesto físico; a memória do ofício, reduzido a gestos simples repetidos com ritmos intensos, "aninhou-se" nos feixes musculares e nervosos e deixou o cérebro livre e desimpedido para outras ocupações. Do mesmo modo como caminhamos sem necessidade de refletir sobre todos os movimentos necessários para mover sincronizadamente todas as partes do corpo, de acordo com aquele determinado modo que é necessário para caminhar, assim também ocorreu e continuará a ocorrer na indústria com relação aos gestos fundamentais do ofício; caminhamos automaticamente e, ao mesmo tempo, podemos pensar em tudo o que quisermos. (GRAMSCI, 1999, p.272).

Quando construído o fordismo reverso, ocorre uma evolução da tecnologia na indústria que transforma e adapta os postos e a postura de trabalho dos operários e dos técnicos da fábrica. O proletariado passa a direcionar a luta de classes e compreende o trabalho que realiza, de modo a conquistar maior autonomia e por meio da autodisciplina compreende a importância de seu trabalho e dos outros, gerando uma solidariedade operária que transforma a psicologia das massas e a produção.

A qualidade profissional e a centralidade do trabalho na vida do proletariado sofre uma transformação positiva, este compreende o patrimônio que produziu, conquista maior tempo disponível para a autoeducação, política e cultura. É com esse tempo disponível e com a apropriação da realidade que foi tomada -- compreendemos como a possibilidade de criar uma história das classes subalternas -- que segundo Baratta, a revolução se torna uma realidade e o operário se vê construindo na luta de classes, no Partido e na cultura operária. Assim, conquista sua identidade como sujeito que luta, se sente livre e autônomo, organizado politicamente e intelectualmente. (BARATTA, 1989, p.35-37).

Portanto, a reflexão de Gramsci sobre o fordismo e americanismo nos faz compreender que a hegemonia é produzida nas relações de força definidas nas relações de poder e no controle operário, que ultrapassa a esfera econômica com o objetivo de atingir as esferas da cultura e da política. Essa expansão de poder e controle, quando democraticamente operários, exerce o poder por meio de uma transformação das relações e é capaz de modificar o homem e a concepção da formação humana, tanto como modo de pensar, como comportamental – por meio da autodisciplina -. A criação dos Conselhos de Fábrica/Príncipe Moderno e da relação americanismo/fordismo reverso marca o surgimento de outra instituição, criadas pelo movimento operário organizado que conquista uma consciência responsável, que se torna educado e disciplinado, e, consequentemente, se torna consciente do poder de criar um Estado Operário, uma instituição semelhante a fábrica revolucionária.

Esse foi o direcionamento do movimento dos Conselhos de Fábrica. Com o apoio e colaboração de seu porta voz, o semanário *L'Ordine Nuovo*, conquistaram duas características: a da produção com um novo tipo de fordismo de controle operário, na luta pela soberania e a função da produção, e a recuperação da subjetividade do operário – por meio do americanismo reverso --, da transformação da consciência operária, de operário produtor para sujeito que cria a história.

A experiência na fábrica era repetitiva e limitada, que o operário realizava seu trabalho e, mesmo que organizados no PSI e na CGL ou nas Comissões Internas, não caminhava em direção à revolução socialista. Com a transformação das Comissões Internas para Conselhos de Fábrica houve uma identificação da classe operária com a

produção, uma participação ao desenvolvimento humano que em primeiro momento torna o operário em operário qualificado e que concomitantemente o torna internacional.

Conforme o operário se especializa e entende o processo de trabalho, o tempo da produção diminui e a produção aumenta. A especialização desse operário faz com que ele seja parte de um corpo organizado. Seria esta uma das contradições do fordismo utilizada pelo proletariado turinês.

Portanto, essa transformação ocorre com o americanismo que recupera a modernização e a racionalização da construção da unidade proletária e de intelectuais organicamente organizados com a produção e a cultura. O americanismo produz uma nova civilização, isso faz com a fábrica e as relações de produção sejam radicalizadas e garante uma nova fase: a superação do capitalismo e a criação do Estado operário fundamentado na democracia operária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARATTA, Giorgio. **As rosas e os Cadernos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

BARATTA, G., CATONE, A. ***(a cura di).Tempi moderni: Gramsci e la critica del americanismo***. Roma: Edizioni Associate, 1989.

BENSAID, D. **Os irredutíveis: Teoremas da resistência para o tempo presente**. São Paulo: Boitempo, 2008.

COMMETTI, John. M. ***Antonio Gramsci e le origini del comunismo italiano***. Milano: Mursia, 1974.

DEL ROIO, Marcos. **Os prismas de Gramsci: a fórmula política da Frente Única (1919-1926)**. São Paulo: Xamã, 2005.

_____, **Gramsci e as ideologias subalternas**. *In* DEL ROIO, M. (Org.). **Gramsci: periferia e subalternidade**. São Paulo: Edusp, 2017.

_____, **Gramsci e a emancipação do subalterno**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

_____, **O jacobinismo como mediação entre o príncipe de Maquiavel e o príncipe de Gramsci**. In: Reflexões sobre Maquiavel. (org.). SALATINI, R. DEL ROIO, M. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

DIAS, Edmundo Fernandes. **Gramsci em Turim: a construção do conceito de hegemonia**. São Paulo: Xamã, 2000.

_____, **Como pode o subalterno falar?** *In* DEL ROIO, M. (Org.). **Gramsci: periferia e subalternidade**. São Paulo: Edusp, 2017.

D'ORSI, Angelo. ***Il Nostro Gramsci: Antonio Gramsci a colloquio com i protagonisti dela storia d'Italia***. Roma: Viella, 2011.

DUBLA, Ferdinando.***Gramsci e la fabbrica: produzione, tecnica e organizzazione del lavoro nel pensiero gramsciano (1913-1934)***. Manduria: Lacaita, 1986.

FIORI, Giuseppe. **A vida de Antonio Gramsci**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FRESU, Gianni. ***Il diavolo nell'ampolla – Antonio Gramsci, gli intellectuali e il partito***. Napoli: La cittàdel sole, 2005.

GALASTRI, Leandro. **Gramsci, marxismo e revisionismo**. Campinas, SP: Autores Associados, 2015.

GRAMSCI, A. ***Scritti Politici: la guerra, la rivoluzione e i nuovi problemi del socialismo italiano (1916-1919)***. A cura di Paolo Spriano. Roma: Riuniti, 1973.

_____, ***La intransigenza di classe e la storia italiana. Scritti Politici: la guerra, la rivoluzione e i nuovi problemi del socialismo italiano (1916-1919)***. A cura di Paolo Spriano. Roma: Riuniti, 1973.

_____, ***Dopo il congresso. Scritti Politici: la guerra, la rivoluzione e i nuovi problemi del socialismo italiano (1916-1919)***. A cura di Paolo Spriano. Roma: Riuniti, 1973.

_____, ***Il patto d'alleanza. Scritti Politici: la guerra, la rivoluzione e i nuovi problemi del socialismo italiano (1916-1919)***. A cura di Paolo Spriano. Roma: Riuniti, 1973.

_____, ***Il dovere di essere forti. Scritti Politici: la guerra, la rivoluzione e i nuovi problemi del socialismo italiano (1916-1919)***. A cura di Paolo Spriano. Roma: Riuniti, 1973.

_____, ***L'organizzazione economica e il socialismo. Scritti Politici: la guerra, la rivoluzione e i nuovi problemi del socialismo italiano (1916-1919)***. A cura di Paolo Spriano. Roma: Riuniti, 1973.

_____, ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Il partito americano del lavoro*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Partito di governo e classe di governo*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Il problema del potere*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Il problema della forze*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Superstizione e realtà*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Il lanzo ubriaco*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Il programma dell' Ordine Nuovo*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Lo strumento di lavoro*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***La Sardegna e la classe operaia*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***L'operaio di fabbrica*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Il rivoluzionario qualificato*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Domenica rossa*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Il programma dei comissari di reparto*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Le elezioni*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Programma d'azione della sezione socialista torinese*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***La sovranità della legge*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Il problema della forza*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Sindacalismo e Consigli*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***La disciplina internazionale*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***I sindacati e la dittadura*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Il soviet ungherese*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Gli avvenimenti del 2-3 dicembre [1919]*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Il Partito Comunista*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Sindacati e consigli p.34-39*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Sindacati e consigli p.131-135*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Democrazia operaia*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***La conquista dello Stato*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***L'Internazionale comunista*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Per un rinnovamento del Partito Socialista*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Per L'Internazionale Comunista*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Partito e Sindacati*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Il partito e la Rivoluzione*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

NON FIRMATO, ***L'Unità Proletaria*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Il problema della forza*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***La fine di un potere*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***La funzione storica delle città*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Lo stato e il socialismo*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Industriali, operai, produzione*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Torino e L'Italia*** *In* ***L'Ordine Nuovo (1919-1920): Opere di Antonio Gramsci***. Roma: Einaud, 1954.

_____, ***Quaderni del Carcere; primo quaderno.*** Edizione Critica dell'Istituto Gramsci**. A** cura di Valentino Gerratana. Roma: IGS, 1977.

HARVEY, David. **A transformação político-econômica do capitalismo no final do século XX.** In: A condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1994.

HOBSBAWM, E. **Globalização, democracia e terrorismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

JR, Wood Thomas. Fordismo, Toyotismo e volvismo: os caminhos da indústria em busca do tempo perdido. *Revista de Administração de Empresas. São Paulo, 32 (4): 618, set./out, 1992.*

LOUREIRO, Isabel (org.). **Rosa Luxemburgo. Textos escolhidos. Volume I, II e III (1899-1914)**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

LAJOLO, Laurana. **Antonio Gramsci: uma vida**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LENIN, Vladimir Ilitch. **La ideologia y la cultura socialistas**. Moscu: Editora Progresso, 1979.

_____, **O Estado e a Revolução: o que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na revolução.** São Paulo: Expressão Popular, 2007.

LIGUORI, Guido. **Roteiros para Gramsci**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

LIGUORI, Guido. VOZA, Pasquale. (Org.) **Dicionário Gramsciano (1926-1937)**. São Paulo: Boitempo, 2017.

_____, ***Gramsci conteso: interpretazioni, dibattie e polemiche: 1922-2012***. Roma: Editore Reuniti, 2012.

KACHINE, V. TCHERKASSOV, N. **O que é o período de transição?** Moscovo: Edições Progresso, 1988.

LOSURDO, Domenico. **Antonio Gramsci do liberalismo ao comunismo crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

LUXEMBURG, R. **A Revolução Russa**. Petrópolis, Vozes, 1991.

MAGELLA, G. **O Maquiavel de Gramsci: Entre o "mito" e a ciência política**. In: Reflexões sobre Maquiavel. (org.). SALATINI, R. DEL ROIO, M. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

MARTORANO, Luciano. **Conselhos e democracia**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

_____, **Conselhismo e democracia**. Crítica Marxista, n.28, p.15-33, 2009.

MAQUIAVEL. N. **O Príncipe**. São Paulo: Hemus, 1996.

MARX, K. **Manifesto Comunista**. URSS, Edições: Progresso, 1987.

MELLO, L. **John Locke e o individualismo liberal** *In* WEFFORT, F. (org.). **Os clássicos da Política: Maquiavel, Hobbes, Locke, Montesquieu, Rousseau, "O federalista"**. São Paulo: Ática, 2001.

MORAES, J. **Contra a canonização da democracia**. Critica Marxista (São Paulo), São Paulo, v. 12, p. 9-40, 2001.

NENARÓKOV, Albert. **Do bê-a-bá às equações integrais.** Moscovo: Edições Progresso, 1982.

PANNEKOEK, Anton. **A Tarefa dos Conselhos Operários**. Coimbra: Centelha, 1976.

PASQUALINI, Marcele. **Fordismo: uma análise aplicada aos casos do Brasil e Japão**. 2004. 67f. Monografia (Departamento de Ciências Econômicas). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

RAPONE, Leonardo. **O jovem Gramsci: cinco anos que parecem séculos (1914-1919)**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

NOSELLA, Paolo. **A escola de Gramsci**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1992.

PAGGI, Leonardo. ***Antonio Gramsci e il moderno príncipe***. Editore riuniti: 1970.

PINHEIRO, Milton. MARTORANO, Luciano. (Orgs.) **Teoria e prática dos conselhos operários**. São Paulo: Editora expressão popular, 2013.

SCHLESENER, A. **Revolução e cultura em Gramsci**. Curitiba: UFPR, 2002.

_____, **Política e cultura em Gramsci**. *In* DEL ROIO, M. (Org.). **Gramsci: periferia e subalternidade**. São Paulo: Edusp, 2017.

_____, **A escola de Leonardo: política e educação nos escritos de Gramsci**. Brasília: Líber Livro, 2009.

_____, **Hegemonia e cultura: Gramsci**. Curitiba: UFPR, 1992.

_____, **Grilhões invisíveis: as dimensões da ideologia, as condições de subalternidade e a educação em Gramsci.** Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2016.

SPRIANO, Paolo. ***L'Ordine Nuovo e i Consigli di Fabrica: 1919-1920***. Turim: Picolo Biblioteca Einaud, 1971.

TENÓRIO, Fernando. A unidade dos contrários: fordismo e pós-fordismo. *Revista de Administração Pública. Rio de Janeiro, 45 (4): 1141-172, jul./ago, 2011*.

WEFFORT, F. **Os clássicos da Política: Maquiavel, Hobbes, Locke, Montesquieu, Rousseau, "O federalista"**. São Paulo: Ática, 2001.

OUTRAS FONTES

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.01, 1° de maggio, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.02, 15 de maggio, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.03, 24 de maggio, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.04, 31 de maggio, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.05, 07 de giugno, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.06, 14 de giugno, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.07, 21 de giugno, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.08, 28 de giugno – 05 luglio, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.09, 12 luglio de 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.10, 19 de luglio, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.11, 26 luglio de 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.12, 02 de agosto, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.13, 09 de agosto, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.14, 16 de agosto, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.15, 23 de agosto, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.16, 30 de agosto, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.17, 6 de settembre, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.18, 13 de settembre, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.19, 20-27 de settembre, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.20, 4 de ottobre, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.21, 11 de ottobre, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.22, 18 de ottobre, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.23, 25 de ottobre, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.24, 1° de novembre, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.25, 8 de novembre, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.26, 15 de novembre, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.27, 22 de novembre, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.28, 29 de novembre, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.29, 6-3 de dicembre, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.30, 20 de dicembre, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.31, 27 de dicembre, 1919.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.32, 03 de gennaio, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.33, 10 de gennaio, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.34, 17 de gennaio, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.35, 24-31 de gennaio, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.36, 07 de febbraio, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.37, 14 de febbraio, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.38, 21 de febbraio, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.39, 28 de febbraio – 06 de marzo, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.40, 28 de febbraio – 06 de marzo, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.41, 20 de marzo, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.42, 27 de marzo, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 01, N.43, 03-10 de aprile, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 02, N.01, 08 de maggio, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 02, N.02, 15 de maggio, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 02, N.03, 29 de maggio, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 02, N.04, 05 de giugno, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 02, N.05, 12 de giugno, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 02, N.06, 19 de giugno, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 02, N.07, 26 de giugno, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 02, N.08, 03 luglio de 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 02, N.09, 10 de luglio, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 02, N.10, 17 de luglio, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 02, N.11, 31 de luglio, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 02, N.12, 14 de agosto, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 02, N.13, 21 de agosto, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 02, N.14, 28 de agosto, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 02, N.15, 04 de settembre, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 02, N.16, 02 de ottobre, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 02, N.17, 09 de ottobre, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 02, N.18, 16-23 de ottobre, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 02, N.19, 30 de ottobre, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 02, N.20, 20 de novembre, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 02, N.21, 04 de dicembre, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 02, N.22, 11-18 de dicembre, 1920.

L'Ordine Nuovo: ressegna settimanale di cultura socialista. Anno 02, N.23, 24 de dicembre, 1920.